



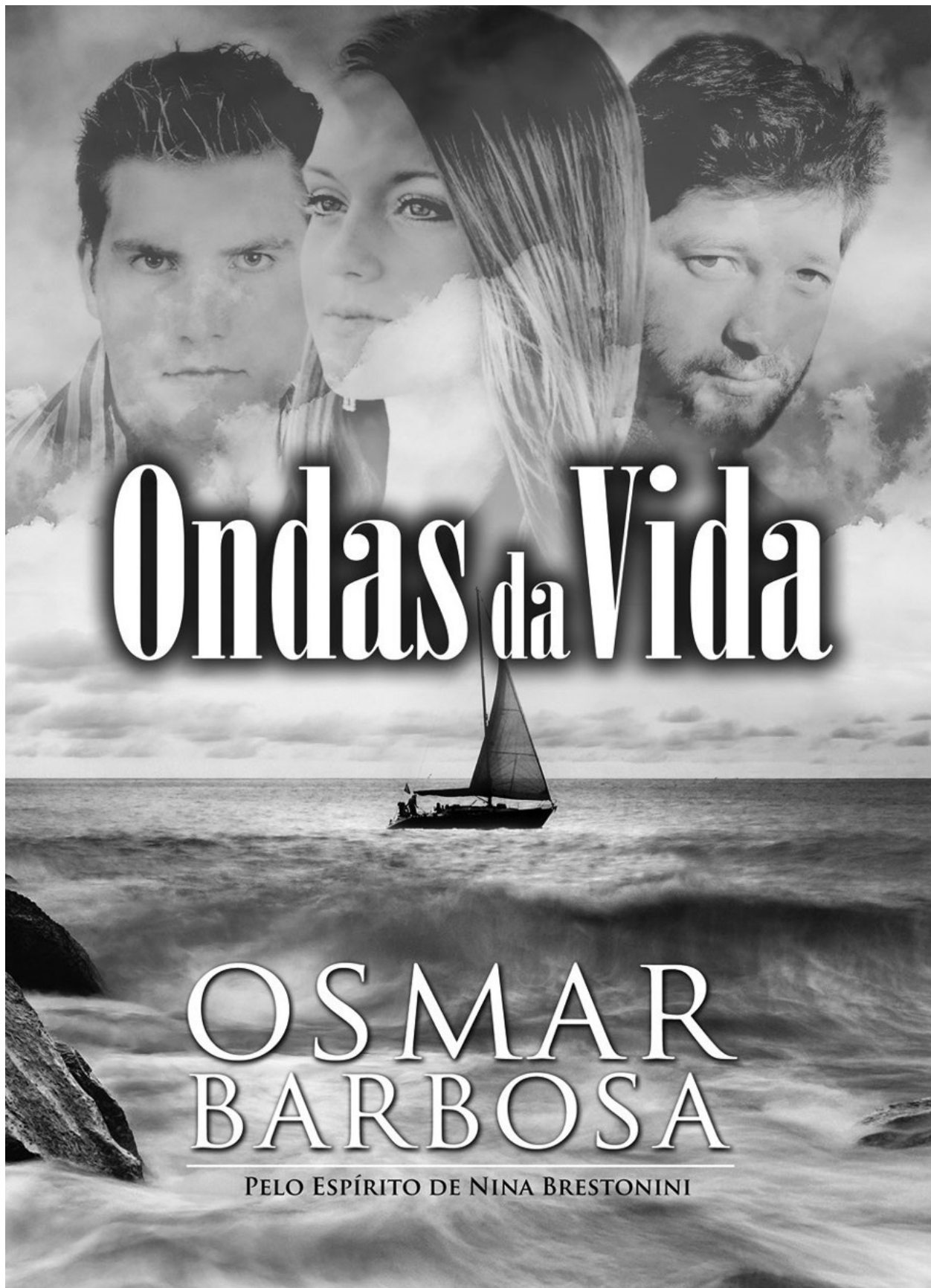
Osmar Barbosa

Ondas da Vida

The poster features a composite image. The top half shows three faces: a man on the left with a serious expression, a woman in the center with a neutral expression, and a man on the right with a slight smile. They are set against a background of a cloudy sky. The bottom half shows a sailboat on the ocean, with waves crashing against rocks in the foreground. The overall color palette is dominated by blues, greys, and soft yellows from the sky.

Osmar Barbosa

# Ondas da Vida



# Ondas da Vida

OSMAR  
BARBOSA

PELO ESPÍRITO DE NINA BRESTONINI

# Ondas da Vida



Book Espírita Editora

*2ª Edição*

| Rio de Janeiro | 2017 |

OSMAR  
BARBOSA

---

PELO ESPÍRITO DE NINA BRESTONINI

**BOOK ESPÍRITA EDITORA**

**ISBN: 978-85-69168-04-1**

**Capa**

Marco Mancen | [www.marcomancen.com](http://www.marcomancen.com)

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Marco Mancen Design Studio / Andressa Andrade

**Ilustrações do Miolo**

Manoela Costa

**Revisão**

Josias A. de Andrade

**Marketing e Comercial**

Michelle Santos

**Produção do epub**

[Schaffer Editorial](#)

▪

## **Pedidos de Livros e Contato Editorial**

[comercial@bookespirita.com.br](mailto:comercial@bookespirita.com.br)

Copyright © 2017 by

BOOK ESPÍRITA EDITORA

Região Oceânica, Niterói, Rio de Janeiro.

2ª edição

**Prefixo Editorial: 69168**

▪

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer formas ou meios eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação, digitação, entre outros, sem permissão expressa, por escrito, dos editores.

~

***Outros livros psicografados  
por Osmar Barbosa***

~

*Cinco Dias no Umbral*

*Gitano – As Vidas do Cigano Rodrigo*

*O Guardião da Luz*

*Orai & Vigiai*

*Colônia Espiritual Amor & Caridade*

*Joana D'Arc – O Amor Venceu*

*Antes que a Morte nos Separe*

*A Batalha dos Iluminados*

*Além do Ser – A História de um Suicida*

*500 Almas*

*Eu Sou Exu*

*Cinco Dias no Umbral – O Resgate*

*Entre Nossas Vidas*

*O Amanhã nos Pertence*

*O Lado Azul da Vida*

*Mãe, Voltei!*

*Depois...*



## **Agradecimento**

*Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido esse dom, esse verdadeiro privilégio de servir humildemente como um mero instrumento dos planos superiores.*

*Agradeço a Jesus Cristo, espírito modelo, por guiar, conduzir e inspirar meus passos nessa desafiadora jornada terrena.*

*Agradeço a Nina Brestonini, a oportunidade e por permitir que estas humildes palavras, registradas neste livro, ajudem as pessoas a refletirem sobre suas atitudes, evoluindo.*

*Agradeço, ainda, aos meus familiares, pela cumplicidade, compreensão e dedicação. Sem vocês ao meu lado me dando todo tipo de suporte, nada disso seria possível.*

*E agradeço a você, leitor, que comprou este livro e com sua colaboração nos ajudará a conseguir levar a Doutrina Espírita e todos os seus benefícios e ensinamentos para mais e mais pessoas.*

*Obrigado.*

*A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.*

Osmar Barbosa

*A missão do médium é o livro.*

*O livro é chuva que fertiliza lavouras imensas, alcançando milhões de almas.*

***Emmanuel***

***Conheça um pouco mais de Osmar Barbosa:***

**[www.osmarbarbosa.com.br](http://www.osmarbarbosa.com.br)**

# Sumário

[O Encontro](#)

[A Colônia Espiritual](#)

[Vida Pgressa](#)

[Os Desígnios Divinos](#)

[A Missão](#)

[O Casamento](#)

[Nascer de Novo](#)

[O Socorro](#)

[O Mentor Espiritual](#)

[A Casa Espírita](#)

[A Revelação](#)

[A Dor](#)

[Ondas da Vida](#)



*Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo.*

*Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas,*

*o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos*

*povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar*

*nele nada mais é do que desaparecer para sempre.*

*Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar.*

*Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência.*

*Você pode apenas ir em frente.*

*O rio precisa se arriscar e entrar no oceano.*

*E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece.*

*Porque apenas então o rio saberá que não se trata de*

*desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano.*

*Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.*

*Assim somos nós.*

*Só podemos ir em frente e arriscar.*

*Tenha coragem! Avance firme e torne-se um lindo Oceano!*

*Seja útil, faça-te útil.*

*Osmar Barbosa.*

*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.*

*E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.*

*E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.*

*O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.*

*Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;*

*Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.*

*O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;*

*Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;*

*Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é imperfeito será aniquilado.*

*Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.*

*Porque agora vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.*

*Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.*

*1 Coríntios 13:1-13*



## O Encontro

*São Paulo, quarta-feira, dois de julho de 1986.*

Fim de tarde chuvosa. Daiane caminha pela Avenida Paulista muito bem vestida, usa um terninho feminino de alta grife; em suas mãos utiliza-se de um guarda-chuva que pegara emprestado com sr. Juvenal na portaria do prédio em que trabalha, pois não contava com a mudança brusca do tempo, de sol, para uma tarde de tempestade intensa. Esquecera em seu carro seu guarda-chuva.

Ela carrega nas mãos alguns livros, sua bolsa e alguns processos que leva para casa, para analisar com calma, pois tem prazos para serem cumpridos.

Daiane trabalha como auxiliar do departamento jurídico de um banco, exerce a função de analista do departamento. Seu serviço é fazer uma análise prévia de todos os processos em que o banco está envolvido, e assim prepara uma primeira ideia de leis que serão aplicadas na defesa, ou nas contestações jurídicas do banco; dessa forma tem bastante trabalho e apesar do horário comercial ser de oito horas diárias, ela não consegue dar conta de tanto serviço nesse tempo.

Caminha desviando-se das poças formadas pela chuva intensa que cai naquele momento, e segue em direção ao estacionamento para pegar seu carro e se dirigir à sua casa. Cansada e afoita, ela pensa em logo chegar em casa para descansar e terminar suas tarefas.

Daiane mora em um amplo apartamento dado por seus pais. O engenheiro Paulo

Gustavo, seu pai, muito trabalhou para dar conforto à sua filha e seu irmão Ailton. Paulo casou-se com Helena, que é professora, e ambos se esforçaram muito para ver os filhos formados.

Daiane é morena, alta, tem cabelos pretos e lisos à meia altura do ombro, olhos castanhos sensuais e muito bonitos, lábios carnudos e dentes brancos e perfeitos, de um sorriso largo majestoso e lindo que a todos encanta.

Mesmo com toda sua formação acadêmica, Daiane encontrou muitas dificuldades para conseguir este emprego, muito disputado por colegas da faculdade, pois a carreira no jurídico do banco oferece excelente salário e destaque no mundo jurídico.

Após formar-se, Daiane logo se candidatou ao cargo, e mesmo com uma disputa acirrada, conseguiu. Formada pela USP, Universidade de São Paulo, Daiane viu seu sonho tornar-se realidade.

Deixou de lado muitas coisas para tornar-se uma advogada, foram muitas festas e eventos que deixou de participar, pois tinha como objetivo maior dar a seus pais o orgulho de verem o sonho realizado e seguir a carreira tanto desejada.

Seu irmão Ailton formou-se engenheiro civil, para alegria de seu pai. Teve certa facilidade, pois sempre foi um menino muito inteligente e não teve grandes dificuldades para se formar. Logo conseguiu estágio em uma grande construtora auxiliado por Marcos, amigo de seu pai.

Marcos sempre foi apaixonado por Daiane, mas a diferença de idade foi o que impossibilitou o romance entre os dois, motivo de grande descontentamento para

Helena, que sempre sonhou com o casamento da filha sendo realizado na igreja e tudo mais, apesar da discórdia de Paulo Gustavo, que não via em Marcos um excelente candidato para fazer sua filha feliz.

Apesar de tudo, Daiane não tinha em mente esse tipo de compromisso, o sonho de menina era formar-se numa das mais conceituadas faculdades de São Paulo e seguir sua carreira.

Marcos, sempre que possível, levava mimos para Daiane, na esperança de conseguir mudar seus pensamentos em relação a ele; por diversas vezes tentou aproximar-se dela, que gentilmente se esquivava sem querer magoá-lo.

Ser bem-sucedida para Daiane, não era o suficiente; e mesmo os pensamentos dela estavam totalmente voltados para sua carreira no banco. Apesar disso, Marcos gostava de ostentar todo o seu sucesso empresarial. Era filho de libaneses que chegaram a São Paulo na década de 1920 e ali construíram um patrimônio invejável, com diversas lojas de tecidos espalhadas pela cidade, e algumas propriedades alugadas, com valores excessivamente altos, o que daria a Marcos muita tranquilidade e conforto por muitos e muitos anos.

Paulo Gustavo e Marcos se conheceram por ocasião da reforma de um prédio, de propriedade da família de Marcos. Paulo foi contratado para projetar e supervisionar a reforma, relação que se consolidou e se transformou em uma grande amizade entre os dois.

Daiane distraiu-se tentando passar apressadamente pelas pessoas que, como ela, corriam da chuva. Esbarrou em um rapaz e deixou cair ao chão os livros que carregava.

— Desculpe-me senhorita.

Abaixaram-se apressadamente para pegar os livros, já molhados, caídos no chão. Gentilmente Léo tenta secá-los em seu paletó, também molhado, pois não estava com capa, nem tampouco com guarda-chuva previsível para a ocasião.

Daiane, mostrando-se irritada, pegou de suas mãos os livros e processos ainda molhados, colocou-os junto ao corpo, e mostrando-se muito irritada, começou a andar ainda mais rápido pensando em fugir da chuva que caía intensamente naquele momento.

Léo, desconsertado, segue atrás de Daiane e insiste que ela o desculpe, pois foi um ato sem querer, exclamava a todo tempo.

— Senhorita, me perdoe, não fiz por querer. Perdoe-me.

Daiane respirou fundo, e num pequeno gesto de compreensão, logo disse:

— Se você não estivesse correndo tanto isso não teria acontecido.

— Mas está chovendo muito! E eu lhe peço perdão, não tive intenção em abalroá-la desta forma, perdoe-me! Por favor!

— Mas foi falta de atenção sua! – diz Daiane.

— Eu não a vi, estava de cabeça abaixada fugindo da chuva.

Logo percebendo tamanha gentileza e sinceridade nas palavras do belo rapaz, Daiane se acalma e oferece ao desconhecido uma carona sob seu guarda-chuva até a próxima esquina, o que de pronto é aceita por Léo.

— Perdoe-me, fiquei muito irritada – diz Daiane agora arrependida.

— Peço-lhe perdão, estava mesmo distraído.

— Venha, entre aqui, você vai para lá? – Daiane convida ao jovem, apontando com o queixo a direção a seguir para partilhar com ela o guarda-chuva.

— Sim!

— Entre aqui embaixo e vamos!

Assim os dois caminham próximos um ao outro por alguns minutos, e algo muito estranho começa a apertar o coração de Daiane; alguma coisa muito diferente que no primeiro momento a assusta. E logo que chega à esquina combinada, ela se despede rapidamente de Léo e segue até o estacionamento onde está seu carro.

— Obrigado por sua gentileza — exclama Léo olhando fixamente os olhos castanhos de Daiane, que muito sem graça e sentindo um enorme aperto no coração, despede-se dizendo ao desconhecido secamente uma boa-noite e obrigado.

— Ainda bem que não foram os processos! — exclamou Léo

— “É, ainda bem”, disfarçando um sorriso no canto da boca, aquela brincadeira muito lhe agradou, pensou Daiane.

— Boa-noite!

— Boa-noite senhorita.

Estendendo sua mão direita, Léo faz o gesto para cumprimentá-la.

— Qual é o seu nome? — pergunta Léo.

— Daiane.

— O meu é Léo.

— Boa-noite Léo!

— Boa-noite Daiane!

— Tchau.

Léo seguiu seu caminho atravessando a Paulista, correndo no meio da chuva.

Daiane logo percebeu a frieza de suas mãos, que por alguns minutos permaneceram a marcar as suas, como algo muito gelado mas diferente, sem explicações normais para ela.

Seu peito palpitava como uma bomba prestes a explodir a qualquer segundo, tudo aquilo era norma, porém, anormais eram os os sentimentos que afloravam de seu íntimo.

Em seus pensamentos, ela conversava consigo mesma e era como se não entendesse o que se passava.

— “Meu Deus, que loucura é essa?! Que sentimento é esse? Será que esse cara estava com alguma intenção ruim com relação a mim? Que coisa estranha é essa dentro de meu peito?”

Chegando ao estacionamento, Daiane pega o carro e põe-se a dirigir em direção a seu apartamento.

Acostumada com o trânsito muito lento, Daiane aproveita esse momento para fazer uma reflexão sobre seu dia de trabalho e para organizar sua agenda para o dia seguinte.

Logo, aquele sentimento estranho, ocorrido havia pouco, volta a seu peito e a faz refletir sobre que espécie de sentimento era aquele, pois nunca havia sentido nada igual em toda a sua vida. Os pensamentos começaram a borbulhar em sua cabeça, e sem entender nada do que havia ocorrido, só conseguia lembrar-se dos olhos de Léo: verdes-claros, como uvas, que tanto gostava de comer.

Lembrava-se das feições dele: cabelos negros e lisos, bem cortados e molhados pela chuva, terno azul-marinho escuro, gravata vermelha discreta. Lindo sorriso e lindos dentes, brancos como neve, sapatos pretos que brilhavam apesar da chuva.

Ria sozinha dentro de seus pensamentos e achava engraçado, muito engraçado a forma que tudo aconteceu. Toda aquela angústia que a pouco sentira começava a se transformar em algo inexplicável para ela. Já tinha namorado alguns rapazes na escola e na faculdade, mas aqueles olhos verdes lhe chamaram a atenção de forma diferente, como se já os tivesse visto em algum lugar.

— “Mas Léo? Não me lembro de nenhum Léo”!, dizia em seu pensamento. “Nem da escola, nem da faculdade, nem de festas e nem da praia. Que loucura foi essa que aconteceu comigo? Que sentimento estranho esse dentro de mim?!”

O que havia pouco era uma angústia, agora se mostra para ela como uma suave brisa, banhando seu rosto de ternura e sensivelmente amorosa; seu coração, que antes palpitava, agora está manso com seus batimentos suaves e tranquilos, como se tivesse passado um susto que logo a seguir nos traz internamente uma brandura inexplicável. Um soluço de amor bate em seu peito.

***A alma se alivia ao encontro de sua metade alma.***

***Nina Brestonini.***

Chegando a seu apartamento, Daiane deixa suas coisas sobre o sofá vermelho rodeado por um tapete branco com flocos altos e lindos; na sala uma escultura feita por um amigo destaca o ambiente de luz baixa que proporciona muito conforto. Logo pega o telefone para ligar para sua mãe, Helena.

— Oi, mãe!

— Oi, filha, como foi seu dia?

— Normal como sempre, né mãe. Muito trabalho!

— Você levou processos para casa?

— Sim.

— Já falei para você parar de fazer isso; você precisa descansar, menina!

— Eu sei mãe, fica tranquila, que vou trabalhar menos. E o papai, como está?

— Está bem, está assistindo TV. Olha, passei aí hoje e deixei uma comidinha feita para você no forno do fogão.

— Mãe, não precisava se preocupar.

— Come tudo e vai descansar. Aproveita o frio e a chuva para dormir.

— Tá bom, mãe. Boa-noite, fica com Deus!

— Você também, filha. Fica com Deus.

— Boa noite, mãezinha, e manda um beijão para o papai.

— Tá bom, filha! Boa-noite, pode deixar.

Como de hábito, todos os dias ao chegar em casa, Daiane ligava para sua mãe para saber de todos e dar notícias suas.

Distraidamente, ao entrar, Daiane não viu que embaixo de sua porta havia um envelope branco com inscrições douradas, parecendo um convite de casamento. Ao abri-lo, viu que era um convite para um jantar no Maksoud Plaza, em companhia de Marcos, que gentilmente a convida para um jantar a dois, na próxima sexta-feira, cinco de julho.

Sorrindo em seus pensamentos:

— “Marcos você não desiste mesmo, né? Quisera eu ser mais velha, talvez pudesse dar uma chance a nós dois, mas sou muito jovem para tal compromisso, nem penso em casar, muito menos com você. Apesar de você ser uma excelente pessoa, não sinto nenhuma atração; e acho que isso é o mais importante para se constituir uma família. Amanhã ligo e agradeço, invento uma história. Tomara que não fique aborrecido.”

Antes de se deitar, Daiane entra em seu magnífico escritório, montado por seu pai com o auxílio de Robson, o arquiteto responsável por todas as obras em que Paulo Gustavo está envolvido.

Analisa alguns processos adiantando seu trabalho; muito cansada não consegue produzir muito, e logo se deita para descansar.

No meio da noite acorda assustada, pressentindo a presença de alguém em seu quarto:

— “Deus, quando será que estes sonhos vão parar? Todas as noites sonho a mesma coisa, alguém está me perseguindo e tenta me atacar. Vou fazer aquela prece que minha mãe me trouxe da Casa Espírita; não acredito muito nisso, mas como sempre funciona, não custa nada tentar.”

Daiane levanta-se e vai até a sala. De dentro de um armário pequeno onde coloca suas coisas sagradas, retira um pedaço de papel que contém uma oração, trazida por sua mãe, direcionada a Catarina de Alexandria, da qual é devota.

Volta ao quarto, ajoelha-se aos pés da cama e profere a oração com todo fervor. Após orar e agradecer por tudo, volta a dormir e tem uma noite de sonhos

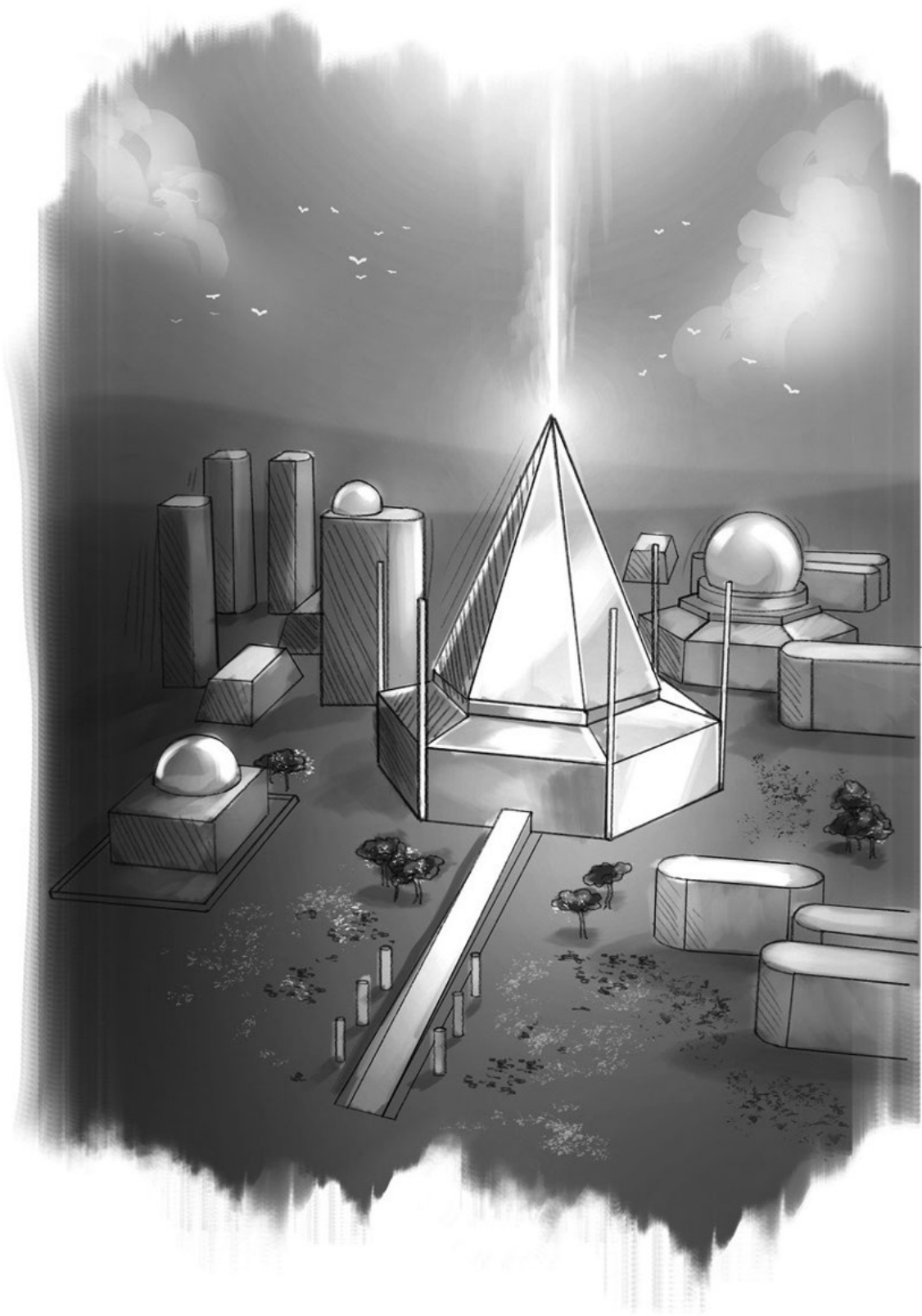
bonitos.

Sonha que está em um jardim imenso e passeia de mãos dadas com duas crianças, uma menina de uns três anos e um menino da mesma idade. As crianças correm e sorriem chamando-a:

— Vem, mamãe! Vem! Vem brincar com a gente! Vem, mamãe!

Pela manhã acorda feliz e tranquila, apesar de assustada com as crianças, mas ela não entende a felicidade que está em seu peito.

Procura desviar-se do sonho e logo volta à sua rotina normal.



# A Colônia Espiritual

## *Colônia Amor e Caridade.*

— Bom-dia Nina!

— Bom-dia Marques!

— Trago-lhes um recado de Daniel!

— Diga.

— Fale, Marques! — expressa Felipe que está ao lado de Nina.

— Daniel está em Nosso Lar, disse-me que quando chegar quer conversar com você e Felipe.

— Quando ele chega?

— A qualquer momento ele estará aqui, pediu-me para marcar com vocês logo após a aula de escrita das crianças.

— Está bem, avise que estaremos lá nesse horário.

— Fiquem em paz.

— Paz também, irmão.

Nina trabalha na colônia Amor e Caridade como professora das crianças que lá chegam recém-desencarnadas pela enfermidade de câncer. É auxiliada por Felipe, espírito com quem se afina por diversas encarnações. Juntos, ensinam as crianças a escrever, para serem transportadas ao Nosso Lar, onde se comunicam com seus familiares por meio da psicografia nos centros espíritas espalhados sobre a Terra.

Daniel é o presidente da colônia Amor e Caridade, uma colônia de apoio à Colônia das Flores, situada sobre os estados do Paraná e Santa Catarina.

Diversos espíritos trabalham nessa colônia. Espíritos afinados e em graus diferentes de evolução. Mas todos são muito determinados em suas missões de ajuda aos pacientes de câncer, sejam eles crianças, jovens ou adultos.

A colônia é especializada no restabelecimento do perispírito de pacientes de câncer, que sofrem intervenções quimioterápicas e radioterápicas, que causam marcas, sendo necessária a intervenção dos espíritos amigos para aprontá-los para as próximas reencarnações.

Esses tipos de tratamento aplicados na Terra afetam e causam lesões, sendo necessária a passagem desses espíritos por essas colônias.

Nina e Felipe são espíritos afins, que seguem por diversas encarnações sempre juntos, em missões de auxílio e provas a famílias e principalmente de orientação a pessoas que precisam passar por sofrimento, e deles aprenderem a aceitar a condição de humildade tão necessária à evolução de todos.

Seja por mérito ou lição, espíritos são utilizados para encarnar entre pessoas que nem mesmo conhecem. Espíritos evoluídos como Nina e Felipe sempre se oferecem como voluntários para auxiliar no caminhar da humanidade.

Trazem sempre a bondade e o amor como fator principal e característica marcante para auxiliar no desenvolvimento de terapias, e a invenção de medicamentos capazes de auxiliar a muitos.

Por vezes reencarnam entre parentes e amigos de encarnações anteriores para auxiliá-los em seu desenvolvimento espiritual. Servem como anjos que descem do céu para aliviar dores e espalhar amor e união entre espíritos que têm muita dificuldade em se aceitar; e por esse motivo estarão sempre reencarnando, e nunca se recuperam, por não aceitar as leis da evolução, ou de causa e efeito.

Condoídos com essa dor, espíritos como Nina e Felipe servem sempre como intermediários entre esses, com a missão que eles se aceitem e sigam a jornada evolutiva necessária a todos.

Há muitos espíritos como esses em Amor e Caridade. Quando convocados para as missões, passam algum tempo em Nosso Lar adaptando-se ao processo

reencarnatório.

Juntam-se a tantos outros que trabalham intensamente para que o planeta Terra seja melhor.

Passado algum tempo, Nina chama Felipe para irem até o pavilhão central onde Daniel atende a todos. Entra em sua sala como se estivesse levitando, a passos curtos e lentos de mãos dadas com Felipe.

— Olá, Danie! Desejas falar conosco?

— Sim, Nina, sente-se! Sente-se também, Felipe! Por favor.

— Obrigado, Irmão.

Nina ajeita-se na cadeira de cor branca, de tecido fino e confortável.

— Pode falar, Daniel! — diz Felipe, ansioso.

Nina e Felipe percebem que o assunto a ser tratado é muito importante, pois Daniel expressa um ar de preocupação e seriedade não comum a ele.



## ***A Missão por exemplo.***

Passaram-se somente poucos anos desde a abertura da nova Missão capuchinha nas matas do Norte e Nordeste do Brasil, e os frades lombardos que partem, praticamente, são sempre os primeiros.

Frei Daniel, com o ardor de seu jovem espírito, pede para ser enviado, como um jovem missioneiro.

Os superiores aceitam seu pedido, e assim no dia 8 de agosto de 1898, não sendo ainda sacerdote, parte para o Brasil na companhia de outros frades jovens cheios de entusiasmo como ele.

Acompanha-os nessa longa viagem o Superior Regular, Frei Reinaldo, que tinha ido à Itália, a propósito, para procurar reforços.

Este grande missionário será um dos Mártires de Alto Alegre, somente três anos depois.

Ah, quanto é bonita e dura e exaltante a aventura missionária!

Em setembro Frei Daniel chega ao Nordeste, é destinado à cidade de Canindé (Ceará). Continua com fervor o estudo da Teologia empenhando-se de corpo e alma para aprender a língua portuguesa, a fim de entregar-se totalmente ao serviço do novo povo.

No dia 19 de março de 1898, dia comemorativo de São José, Frei Daniel é ordenado sacerdote, e alguns dias depois — exatamente no dia 25 do mesmo mês, festa da Anunciação — celebra sua primeira missa no Santuário de São Francisco das Chagas em Canindé.

No início do século — 22 de fevereiro de 1900 — ele é transferido para a Colônia Agrícola de Santo Antônio da Prata, no Pará, como diretor dos meninos indígenas que habitavam naquele colégio.

A este primeiro e específico trabalho entrega-se com todo o ardor, organizando com carinho e inteligência a vida das crianças; o amor de Cristo ferve em suas veias de jovem missionário.

No entanto, alguns acontecimentos relevantes, e muito tristes, para a Missão, estão se preparando.

Acontecerá dentro em breve, para pôr à prova o desempenho, a coragem e as virtudes humanas e cristãs de Frei Daniel!

No dia 13 de março, de fato, nas primeiras horas do amanhecer, acontece uma tragédia horripilante: quatro frades, sete freiras, também capuchinhas, e entre 250 e 300 fiéis cristãos são massacrados cruelmente pela fúria homicida de um grupo de índios Guajajaras que não toleravam as normas disciplinares introduzidas pelos missionários, e tinham fechado há tempos os olhos à santa novidade do Evangelho.

Em face dessa hecatombe e dos cadáveres insepultos, horrivelmente deformados pela ação rápida e impiedosa do tempo e das feras, Frei Carlos sofre uma queda física e moral, perdendo irremediavelmente a memória e a capacidade de ação, de modo que toda a administração da Colônia Agrícola de Santo Antônio da Prata recai improvisadamente sobre os ombros do jovem missionário Frei Daniel, então com vinte e cinco anos de idade.

São treze anos ininterruptos de apostolado santo, de realizações sociais que deixam sem fôlego...

Tudo isso com uma força que lhe vinha da forte convicção de ter sido enviado pelo Bom Deus em pessoa.

*Ele, ele mesmo!, para anunciar o Evangelho, para ser o pai de todos aqueles colonos, de todos aqueles índios, no meio daquelas florestas!...*

*Este aspecto da vida de Frei Daniel passou decididamente em segunda linha; preferiu-se pensá-lo hanseniano, fechado no horror do Tucunduba, em lugar de missionário entregue a toda atividade... Mas também neste apostolado “aberto”, ele demonstrou-se grande, excelso.*

*Por treze anos consecutivos, Frei Daniel foi missionário no verdadeiro sentido da palavra, e assim, nesse impulso, nunca deixou de sê-lo nem sequer entre os muros do leprosário.*

*Nesses treze anos cuidou dos índios e dos filhos deles de modo especial. Frei Daniel viveu com os índios mais do que todos os outros missionários, ao menos continuamente.*

*Frei Daniel é captado como hábil e disponível timoneiro que conduz os habitantes da selva para o esplendor da Cruz.*

*Quantas viagens de ida e volta a Belém, a capital, a fim de obter recursos governamentais, indispensáveis para a manutenção da Colônia! Quantas recusas e adiamentos!*

*Quantos maus humores a serem acalmados por causa do dinheiro que não era liberado!*

*Daniel desencarnou aos quarenta e um anos de idade, no dia 25 de novembro de 1916, no retiro São Francisco, asilo para leprosos do Tucunduba. Nos dias de hoje, Daniel é o espírito iluminado que preside a colônia denominada Amor e Caridade.*

*E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;*

*E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:*

*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;*

*Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;*

*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;*

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,*

*porque eles serão fartos;*

*Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles*

*alcançarão misericórdia;*

*Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;*

*Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão*

*chamados filhos de Deus;*

*Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles  
é o reino dos céus;*

*Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo,  
disserem todo o mal contra vós por minha causa.*

*Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus;*

***Mateus***



## ***A colônia Amor e Caridade.***

Daniel tem por assessores dezoito espíritos iluminados, que o auxiliam na organização e todo o funcionamento da colônia. Cada um de seus colaboradores tem responsabilidades por setores, muito bem organizados e que periodicamente se reúnem para tratar do acompanhamento de todos os espíritos que estão em Amor e Caridade.

Em sua maioria são médicos que viveram na Terra e hoje cuidam, dentro de suas especialidades, dos pacientes da Colônia.

A Colônia Amor & Caridade é uma colônia anexa à Colônia das Flores. Esta localizada sobre o estado de Santa Catarina no Brasil, tem aproximadamente 300 quilômetros de extensão, apresenta-se na forma de um losango e é composta por treze galpões, sendo três de recuperação, transição e realinhamento por meio de terapias do sono e passes dados por espíritos auxiliares.

Quatro dos galpões são de enfermaria, onde se acolhem pacientes que desencarnam em hospitais, vítimas de câncer na idade adulta. Outros dois acolhem crianças vítimas de câncer; e em outro, o maior de todos, funciona o setor administrativo, com salas e teatros amplos onde são feitas as reuniões com os espíritos que trabalham na Terra em casas espíritas, centros cirúrgicos e hospitais. Outros dois funcionam como centros de treinamento e escola.

Há também amplos jardins, lagos e praças, onde os espíritos recolhidos se encontram para lazer.

As praças são extensas e grandes, gramadas, com diversos brinquedos para as crianças, balanços, pedalinhos, escorregadores, dentre outros.

Nina está na enfermaria tratando e cuidando de seus afazeres, quando Daniel se aproxima para ter com ela uma conversa.

Daniel é um espírito muito evoluído e tem por hábito ser gentil e amoroso com todos.

Ao perceber seu semblante, Nina, que está mais acostumada a ele, sente que algo não está bem.

— Por que estais com esse olhar triste e de preocupação, Daniel?

— Querida Nina, há tempos você vem me auxiliando com as crianças, e seu trabalho me deixa muito feliz. Todas as crianças que você tem cuidado saem daqui completamente recuperadas e prontas para seguir em frente, isso me deixa superfeliz. Felipe, sendo seu auxiliar direto, também merece meu respeito e minha e admiração.

— Obrigada, Daniel! — diz Nina.

— Sim, mas tenho mais a lhe falar: lembre-se de que, como espíritos iluminados, temos por vezes que realizar tarefas difíceis na Terra, seguindo os objetivos evolutivos da humanidade. Os objetivos de Deus.

— Sim, sei — diz Nina, agora curiosa e preocupada com a notícia que Daniel tem para ela.

— Tens consciência dos motivos e objetivos da encarnação dos espíritos?

— Sim, claro que sim, mas nunca é demais ouvi-los.

— Pois bem, como sabes, Deus impõe a encarnação com o propósito de fazer todos os espíritos chegarem à perfeição. Para uns, como sabes, é expiação; para outros, missão ou resgate. Mas, para alcançarem essa perfeição, temos que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. O que não é seu caso, e nem o do Felipe. Não existem acasos nas coisas de Deus; como sabes, tudo tem um porquê é um para que. A perfeição é o objetivo que Ele deseja para todos de sua criação.

— Compreendemos, Daniel.

— Visa ainda, outro fim, a encarnação: a de pôr o espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o espírito um instrumento de harmonia com a matéria essencial do mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

— Disso sabemos perfeitamente, Daniel, mas onde queres chegar?

— Calma, por favor! Tenho ainda algumas coisas a dizer.

— Perdoe-nos, Daniel.

— Não precisa disso, Nina, só ouça atentamente o que tenho a dizer:

— Perdoe-me, Daniel!

— Nina, a ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo.

— Verdade, Daniel, muito me deixa feliz estar participando disso tudo.

— Deus, porém, na Sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dEle. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza. Desta forma, vez por outra, espíritos iluminados descem à Terra em missão de ajuda a alguns espíritos já prontos, mas ainda em desequilíbrio ou desarmonia. Lembre-se, Deus não penaliza e não usa o castigo para que a Providência Divina se realize, Ele dá oportunidades. É essa a missão que nossa mentora nos solicita.

— Mas Irmão, perdoe-me, mas isso não nos atrapalhará? Pois se trata de um mundo inferior — indaga Felipe. — Podemos renascer corporalmente num mundo relativamente inferior àquele em que nós vivemos, Daniel? Não será isso de alguma forma penoso para nós, que já adquirimos um certo grau evolutivo?

— Não, Felipe, isso não vos atrapalhará de forma alguma, pelo contrário, isso o elevará ainda mais aqui na vida espiritual. Lembre-se, bônus-hora.

— Entendi — diz Felipe.

— Perdoe-me por lhe perguntar isso outra vez. Já estive em diversas missões, mas é sempre bom ouvir de você estes ensinamentos.

— Daniel, cada vez que te ouço, mais me sinto realizada, sei que o caminho da Colônia Amor & Caridade é meu destino. Eu e o Felipe estamos muito envolvidos, e sinceramente nós e todos aqui, estamos muito felizes em fazer parte dessa missão — completa Nina.

— Obrigado, Nina e Felipe!

— Então me diga, o que precisas de mim?

— Há uma família ligada à nossa Colônia que passa por uma pequena dificuldade evolutiva. Nossa irmã Daiane vive uma perseguição espiritual de sua encarnação passada e, além disso, ela ainda carece de um sentimento que finalizará sua existência no planeta Terra.

— Compreendo — diz Nina.

— Precisamos mandar dois de nós para ser a chave da conscientização da vida eterna, e desta forma indicar o caminho evolutivo a esse espírito amigo.

— Mas quem é Daiane? — pergunta Felipe.

— Ela é um espírito afim, que foi à Terra em sua última encarnação, que tem como objetivo o despertar da existência superior que necessita do sentimento da humildade. Infelizmente ela e Léo, seu marido, se puseram no caminho errado, mas como já disse antes, Deus é misericordioso para com todos os Seus filhos e nossa mentora intercede efetivamente na vida terrena de Daiane, sua mãe e de Léo. Eles já não precisam mais viver na Terra, todos já cumpriram compromissos assumidos nas encarnações anteriores e precisam de detalhes, para voltarem completos. Dessa forma nossa mentora intercedeu por eles, e fomos autorizados a mandar dois iluminados para terminar a missão.

— São espíritos afins nossos?

— Sim, como já disse, são espíritos que estão há bastante tempo na Terra e precisam da chave para o despertar; e é por meio da dor que conhecerão este caminho.

Nina abre um lindo sorriso.

— Se sou útil, estou pronta para servir.

— Só te peço que, se possível, eu tenha a oportunidade de ajudar em um tempo curto, não gosto muito de ficar na Terra.

— O tempo é o suficiente para encaminhar todos para a evolução.

— Daniel, tu sabes que podes contar comigo.

Felipe ouve tudo calado, sem ao menos piscar, sentado na cadeira ao lado de Nina. O amor que Felipe sente por ela o faz estremecer com o medo da separação, mesmo que momentânea; ele pensa que não suporta ficar distante de Nina, em seu peito um buraco está se abrindo ao ouvir a conversa dos dois.

Nina percebe que Felipe não está bem.

— Calma, Felipe, não fique assim, vamos conversar.

— Nina, não conseguirei ficar longe de ti.

— Calma digo eu aos dois, essa missão é para vocês e não somente para Nina — exclama Daniel.

Felipe sente-se aliviado, chega a arriar os ombros muito tensos com aquele assunto, afinal é muito ligado a Nina; e só de pensar em ficar sem ela o faz tremer. Qualquer coisa que tenha que fazer ao lado de Nina, ele fará com prazer.

— Poxa, Daniel, por que você não falou logo?

(risos)

— Felipe, tenha calma, deixe-me concluir o assunto.

— Perdão, Irmão — diz Felipe, desculpando-se.

— Calma, Felipe! O Daniel ainda nem falou qual é nossa missão.

— Bom, Nina, como estava te falando, esses espíritos são afins de nossa Colônia, e temos autorização de encarnarmos junto a eles para direcioná-los ao Cristo Jesus.

— Vocês irão encarnar como filhos de Daiane, e lhes mostrar o caminho da redenção por meio das doenças e deformidades que nascerão com vocês.

Sem hesitar, Nina surpreende a todos.

— Sem problemas, Daniel, quando iremos?

— Calma, Nina — prossegue Daniel, — preciso acertar tudo em Nosso Lar. Estive lá e combinamos que vocês passarão algum tempo preparando-se para a reencarnação, não sem antes viverem alguns dias próximos aos seus pais e avós.

— Visitaremos nossa nova família?

— Sim, necessário se faz que vocês os conheçam devido às condições em que nascerão, precisam conhecer de perto seus hábitos e seus costumes, para uma melhor convivência inicial.

— Sem problemas, Daniel. Onde será?

— Será no Brasil, na cidade de São Paulo.

— Sem problemas, já estamos acostumados com o idioma do Brasil.

— Sim, tens ido à casa espírita trabalhar e isso os tem ajudado muito.

— Conhecemos bem a região. Afinal, o Brasil é a pátria do evangelho, e isso é bom para todos.

— Exatamente, Nina. Você e Felipe não terão dificuldades com os costumes e a língua. O que preciso mesmo é que vocês vão se adaptando à sua futura mãe e sua futura avó, pois elas serão as únicas a cuidar de vocês. O restante da família os discriminará devido às suas imperfeições físicas e desistirão com muita facilidade de vocês.

— Sem problemas, estamos dispostos a ajudar.

— Felipe, você será o espírito que passará mensagens à sua mãe. Esse treinamento lhe será dado em Nosso Lar.

— Daniel, missão dada, missão cumprida; estamos aqui para servir, e sempre que precisar estaremos prontos.

— Logo os chamarei de novo para combinarmos o tempo em que ficarão em Nosso Lar, agora precisamos ajustar os substitutos de vocês na escolinha das crianças.

— Sentirei saudades delas?

— Não, não sentirás, porque esquecerá sua vida anterior.

— Bobagem minha, tinha esquecido isso — sorrindo discretamente Nina sente-se envergonhada.

— Não fique assim Nina, já faz tempo que você não reencarna, isso é normal.

— Que bobagem, Nina! Eu também tinha pensado como você — diz Felipe.

— Agora voltem aos seus trabalhos, assim que tiver tudo pronto mando o Marques lhes avisar.

— Obrigado, Daniel, por sermos úteis.

— Eu é que agradeço a vocês por aceitarem essa missão, pois isso os elevará ainda mais na hierarquia espiritual.

— Mas Daniel, e quanto à perseguição espiritual que sofre Daiane, o que você pode nos revelar?

— O que queres saber?

— Por que ela sofre essa perseguição?

— Felipe, neste processo de depuração espiritual que nos é imposto com a encarnação, nem sempre agradamos a todos. Na verdade, nenhum de nós irá ser bem-sucedido no quesito agradar. Alguns de nosso convívio familiar, ou parentes próximos, ou até mesmo amigos fiéis, não aceitam com certa facilidade as vitórias que realizamos, deixando-os para trás. A inveja, a ambição, a mágoa, entre outras coisas da materialidade, os faz desenvolverem dentro de si um ódio que seguirá por diversas vidas, e isso há de te perseguir. Muitos dos que seguem a seu lado ficarão para trás, por não acreditarem ou até mesmo por não confiarem em você. Assim, estes espíritos, quando chegam à vida espiritual, sentem-se revoltados e começam a perseguir-te pelas encarnações que se sucedem.

— Nossa, Daniel, coitada da Daiane!

— Sim. Os descuidos das coisas espirituais causam isso. As casas espíritas espalhadas sobre a Terra têm alertado a todos sobre essa questão de obsessividade que agregamos por não crermos na lei de causa e efeito, mas Deus permite que nós que estamos mais evoluídos possamos auxiliar espíritos afins, como é o caso de Daiane que está prestes a findar suas encarnações na Terra.

— É este o caso de Daiane?

— Sim, sente-se aqui, que vou mostrar para vocês como isso se deu.

— Oba! Teremos cinema?

— Sim, sentem-se e preparem-se para uma linda história.

— Esse filme também nos mostrará como evitar isso? — pergunta Nina.

— Com toda a certeza! — responde Daniel, sorridente.

— Então vamos! — diz Felipe, ansioso.

Atrás da mesa de Daniel desce uma tela como aquelas que temos em home-theater, o ambiente escurece e Nina e Felipe ajeitam-se na confortável cadeira para assistirem ali um pouco da história de Daiane.



## Vida Pgressa

Uma grande tela se abre atrás da mesa de Daniel, e começa então a passar a história de Daiane.

*Interior de São Paulo, 1940.*

— Bom-dia, mamãe.

— Bom-dia, filha, cadê seu irmão?

— Aquele molenga ainda está dormindo.

— Volte ao quarto e acorde-o.

— Mamãe, você sabe que não gosto de lhe contrariar, mas o João é muito preguiçoso, e acordá-lo me aborrece.

— Não perguntei sua opinião, apenas ordenei que volte ao quarto e acorde seu irmão.

Daiana, muito contrariada, volta aos fundos da humilde residência para acordar seu irmão.

— João acorde, mamãe está lhe chamando.

— Hum...

— Anda, João! Como sabes não gosto de acordá-lo.

— Diz a ela que já estou indo — resmunga o jovem sonolento.

— Não demore, senão terei que vir aqui chamá-lo novamente.

— Tá, sua chata, avisa a ela que já estou indo.

Daiana volta à pequena e humilde cozinha onde sua mãe aguarda-a para, juntas, tomarem o café.

— Acordou-o?

— Sim.

— Não entendo porque você não gosta de seu irmão.

— Não se trata de gostar, mas uma pessoa que não limpa seu quarto, que mais parece um chiqueiro, e nem sequer toma banho, é difícil de conviver.

— Deixe de ser implicante. A vida é dele. Ele já é um rapaz e logo seguirá seu destino.

— Sim, mamãe, mas isso não justifica ser um porco.

— Para de implicância, toma logo teu café, que tens que ir para a escola.

Daiana é uma jovem muito meiga e carinhosa com todos. Tem catorze anos e é uma aluna exemplar na escola. Todos a admiram muito por sua beleza simples e sua inteligência. Na escola, é sempre convidada a representar todos os alunos. É dela a responsabilidade de hastear a bandeira nacional na hora do hino.

Morena de olhos negros, cabelos longos, doce e gentil.

Sua mãe, Teodora, é empregada da sede principal da fazenda Dois Córregos, onde cuida de todos os afazeres de seus patrões. É casada com Joaquim Bartigos, encarregado dos animais da fazenda.

João, seu irmão, é quem ajuda seu pai nos afazeres. É o capataz de Juvenal, proprietário e grande admirador de Daiana, pois não teve uma filha mulher como

tanto sonhava. É ele quem paga os estudos dela na mais renomada escola da cidade.

Pai de três filhos e casado com Maria da Glória, é um homem rico e senhor de muitas terras na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

Apesar da diferença social, Juvenal sonha ver Daiana casada com um de seus filhos. De preferência, que ela se case com Marcelo, seu filho caçula de apenas quinze anos.

Mas Daiana não tem olhares para Marcelo, seu coração pulsa mesmo por um colega de escola, filho de peão, de nome Tiago. Apesar de gostar do menino, Daiana está mesmo é focada nos estudos, pois sonha tirar seus pais de tamanha pobreza.

— Bons-dias, Joaquim.

— Bons-dias, patrão.

— Bons-dias, João.

— Bons-dias, patrão.

— Como está a boiada?

— Está bem, senhor. Ontem mesmo terminei de vacinar todos os animais e pus as vitaminas no cocho.

— Muito bom, e os cavalos, João, como estão?

— Todos em excelente estado, senhor!

— Bom, muito bom. Joaquim, você pensou naquela proposta que lhe fiz?

— Ainda não tenho a resposta esperada pelo senhor.

— Pois trate de resolver esta questão, afinal os estudos de Daiana me saem muito caro.

— Sim senhor, vou falar com Teodora e conversaremos com Daiana.

— Estou esperando a resposta. João, prepare meu cavalo, que vou dar uma volta pelas plantações.

— Sim, senhor.

— Vá, prepare logo.

— Sim, patrão.

João sai rapidamente para os estábulos para pegar o cavalo de Juvenal deixando-o sozinho com seu pai.

— Joaquim?

— Sim, senhor.

— Venha, sente-se aqui a meu lado.

Joachim, obedecendo às ordens, senta-se ao lado de Juvenal que insiste na conversa.

— Com licença, senhor.

— Puxe essa cadeira aí e sente-se.

— Sim, senhor.

Com o chapéu de palha entre as mãos, Joaquim senta-se humildemente ao lado de Juvenal na elegante varanda frontal da enorme casa principal da fazenda.

— Presta atenção, muita atenção no que vou te falar.

— Sim, senhor.

— Essa tua menina é para mim um tesouro, pense na oportunidade que estou dando para o futuro dela; imagine que se ela casar com meu filho, herdará todas essas terras, e ainda será minha nora. Já pensou nisso?

— Sim, senhor, já pensei e sou-lhe muito grato por esta oportunidade.

— Não tens que me agradecer, tens é que conversar com Teodora e resolver logo esta questão. Quando meu menino tiver dezessete anos quero realizar esse casamento.

— Sim, senhor, como já lhe prometi, vou conversar com minha mulher e falo com o senhor.

— Você já me falou isso na semana passada, e até agora nada.

— Não tive oportunidade, senhor. Perdoe-me.

— Não precisa de oportunidade. Vá até sua casa e converse com ela agora mesmo, que estarei aqui te esperando com a resposta.

— Mas senhor, minha esposa já está na cozinha de sua casa cuidando de seus afazeres.

— Então, que não passe desta noite, resolva isso logo.

— Sim, senhor, pode deixar que hoje à noite vou conversar com ela.

— Estarei te esperando.

Levantando-se e batendo com as botas no chão, Juvenal segue até as cocheiras para buscar seu cavalo.

— Tenha um bom-dia, senhor!

— Vá, Joaquim, cuidar de seus afazeres.

— Sim, senhor.

Joaquim dirige-se ao pasto para cuidar do gado. Sua cabeça está fervilhando ideias. Sabe que tem que conversar com Teodora e que ela certamente vai adorar

a ideia do casamento, mas o amor que tem por Daiana o impede de obrigar a menina a casar-se com quem quer que seja. Seu sonho é ver sua filha formada e realizada.

— Mamãe, mamãe!

— Estou aqui na cozinha, Daiana.

— Mamãe, olhe, tirei dez em matemática — chega Daiana da escola, com a prova nas mãos.

— Nossa, filha, que orgulho eu tenho de você!

— Obrigada, mamãe. Cadê o papai?

— Deve estar nas cocheiras, cuidando dos animais.

— Vou lá mostrar minha prova para ele.

— Vá, filha! Ele vai ficar muito orgulhoso de você.

Daiana sai em disparada procurando por seu pai na fazenda.

Joaquim está sentado à beira de um córrego, com as mãos nos olhos, secando as lágrimas de um homem muito contrariado com o que ainda tem que fazer.

— Papai, papai!

Rapidamente Joaquim seca as últimas lágrimas sem deixar sua amada filha perceber.

— Pai, você está chorando?

— Não, minha filha, deixa de bobagem. É que caiu um cisco no meu olho.

— Ah, ainda bem. Agora feche os olhos, que quero te mostrar uma coisa.

Joaquim fecha os olhos com um leve sorriso no rosto, espera pela surpresa da jovem filha. Colocando lentamente a prova de matemática entre os dedos calejados de seu pai, ela sorri.

— Pode abrir os olhos, papai.

Joaquim abre os olhos e vê em suas mãos uma prova com um dez bem grande. Ele sorri e diz:

— Meu amor, muito gostaria de saber o que está escrito nesta folha de papel, mas posso sentir que é uma coisa muito boa.

— Desculpe-me, papai! Esqueci-me de que você é analfabeto. Vou ler para você.

— Leia, filha.

— Prova de matemática, nota da aluna Daiana. Dez... Dez, meu paizinho!

— Filha, sou o pai mais feliz do mundo, você sabia?

— Sim, eu sei que sou a filha mais feliz do mundo, pois amo demais esse meu paizinho. E um dia ainda vou te ensinar a ler e escrever, você vai ver!

— Bobagens, filha, bobagens...

Daiana se atira nos braços do pai, que sente o peito apertado com a angústia de ver que lhe cabe destruir todos os sonhos de sua menina.

— Meu Deus! — diz ele em seu íntimo.

Abraçados, os dois deitam-se no chão. Um amor sem explicações.

\*\*\*

— Que foi, Nina?! Você está chorando?

— Sim, Felipe. Sim.

— Não chore, meu amor — diz Felipe secando com os polegares as lágrimas de Nina.

— Imagino o que essa menina vai passar.

— Vamos assistir? — pergunta Daniel.

— Perdoe-me, Daniel.

— Compreendo-te, Nina. Fique calma e vamos assistir ao restante da história de Daiana.

— Sim, vamos.

\*\*\*

— Minha filha, preciso muito ter uma conversa com você.

— Diz, papai.

— Sei que você ainda é muito jovem, mas estou sendo pressionado a resolver esta questão.

— O que houve?

— Você é meu anjo, tudo que tenho de mais profundo em meu coração e não desejo fazer nada para contrariar-te.

— O que houve? Estou começando a ficar preocupada.

— Tenho que juntar um monte de coragem para falar o que tenho a te dizer.

— Você está doente? Tem alguém doente lá em casa?

— Não, meu amor, não é nada disso.

— Então se não é doença pode falar.

— Sabe filha, na sua idade já se escolhe o marido; e muito contra a minha vontade escolhi com quem você vai se casar.

— Como assim, escolhi?

— É costume que as famílias escolham seus pares.

— Sim, eu sei disso, mas isso é hábito entre os ricos. Nós, que somos pobres, não nos preocupamos com isso. A vida se encarrega de escolher.

— Eu sei, meu amor, mas Juvenal escolheu seu filho Marcelo para casar-se com você.

— Juvenal não é meu pai, ele apenas é seu patrão.

— Eu sei, meu amor, não concordo também com isso, mas tem uma coisa que você não sabe.

— O que eu não sei?

— É ele quem paga sua escola, e acha-se no direito de escolher também seu

marido.

— Como assim, é ele quem paga minha escola? E seu salário, onde está?

— Filha, ele já nos dá casa e comida, é muito exigir um salário.

— Não acredito que você está me dizendo que pagar minha escola é o suficiente para seu trabalho, e para pagar o trabalho do João.

— Não filha, o João tem seu salário; eu é que abri mão do meu para pagar seus estudos, e agora ele insiste em casar você com o Marcelo.

— E minha mãe? Como está nesta situação?

— Sua mãe também tem o salário dela. Se dependesse dela você seria uma empregada como ela.

Daiane senta-se rapidamente ao lado do pai, irritadíssima.

— Pai, eu não vou me casar com o Marcelo.

— Filha, pense no seu futuro.

— Estou pensando exatamente nele.

— Essas terras poderão ser todas suas.

— Não quero terras, quero estudo e me formar na capital. Esse sempre foi e é meu sonho, e não vou desistir dele porque o Juvenal assim o quer.

— Meu amor, você ainda é uma menina. Eu poderia determinar este casamento, mas te amo tanto, que jamais faria alguma coisa que ferisse seus nobres sentimentos. Só queria te pedir para pensar um pouco.

— Papai, não tem o que pensar. O que mamãe acha disso tudo?

— Já falei, por ela você se casa com o Marcelo e herda algum pedaço de terra e cria seus filhos.

— Tá louco? Jamais imaginei minha vida assim.

— Por favor, pense um pouco, hoje à noite vou ter uma conversa com sua mãe.

— Tá bom, meu querido pai, você pode até conversar com a mamãe, mas não abro mão de minha vida. Perdoe-me se te magoo, mas não quero essa vida para mim.

— Eu também nunca te imaginei empencada de filhos e cuidando de vacas. Não quero isso para você.

— Fique calmo, papai, e converse com a mamãe. Agora vou estudar, tenho prova amanhã.

Carinhosamente, Daiana toma o rosto de seu pai entre suas mãos e o beija com ternura.

— Fique calmo, Deus há de prover uma solução para esse problema.

— Confio em Deus — diz Joaquim.

— Vou indo.

Daiana afasta-se de Joaquim, que permanece sentado a pensar em sua doce menina.

Após algumas horas, Joaquim retoma seu trabalho com o coração em pedaços, pois ele sempre sonhou ver sua filha formada em uma faculdade da capital. Nunca tinha imaginado que seu patrão iria querer ver sua doce menina casada com um de seus filhos.

***Deus dá a seus melhores soldados as mais difíceis batalhas.***

***Papa Francisco***

***À noite.***

— Joaquim, vem jantar, homem!

— Estou indo.

— Não sei o que houve com o seu pai hoje, ele anda pelos cantos, quieto.- Hoje cedo ele teve uma conversa com o patrão, acho que é isso que está a incomodá-lo — diz João, sentado à mesa.

Daiana observa tudo, sentada na outra extremidade da mesa, calada.

— O que o patrão disse a ele, João?

— Não sei, mãe. Esse assunto é dele com você, não vou me meter nisso.

— Como assim? Você está sabendo o que é e não me fala nada?

— Sim, não tenho nada com isso; só acho que o patrão está certo.

— Meu Deus, lá vem bomba — diz Teodora.

— Não é bomba não, mamãe, é algo muito bom para todos.

O sangue de Daiana ferve em suas veias, mas ela se mantém calada.

— Joaquim! — grita Teodora, agora nervosa.

— Já estou indo, mulher; pare de gritar!

— Vem logo! Quero saber desse assunto que o patrão falou com você e que até agora você não me disse nada.

— Já estou indo.

— Meu Deus, dê-me forças para superar este momento — diz Joaquim em seu âmago.

Daiana assiste a tudo calada, com seu prato e talheres à frente, esperando pelo jantar.

Enfim, Joaquim adentra à pequena cozinha onde todos o aguardam.

— Joaquim, que história é essa? Que segredo é esse que você ainda não me contou? O que será que o Juvenal quer conosco?

Sentando-se à cabeceira da mesa, Joaquim, muito constrangido com a situação, começa a falar:

— Bom, gente, o negócio é o seguinte: o Juvenal, como não teve uma filha mulher, me propôs alguns anos atrás pagar todos os estudos de Daiana, o que aceitei de pronto. Em troca eu ficaria sem salário por este período, o que achei justo, pois como todos sabem meu sonho é ver minha filha em uma faculdade na capital. Só que agora ele parece ter mudado de ideia.

— Como assim? Você está sem salário todos estes anos? E as compras que você faz todas as semanas lá no mercadinho, quem é que paga?

— É ele quem paga. Eu simplesmente pego tudo de que necessitamos e coloco na conta que ele tem lá.

— Mas por que você não me falou isso, homem?

— Como já disse, meu sonho é ver minha filha formada. Isso é o mais importante para mim.

— Meu Deus, homem! Como você pode aceitar uma coisa dessas e ainda me dizer que seu salário está sendo guardado para o futuro de nossos filhos!? — diz Teodora extremamente irritada.

— Confesso que temos sim uma pequena poupança. É dinheiro que guardo dos bicos que faço fora da fazenda.

— E quanto você tem guardado?

— Isso não importa. Esse dinheiro não é meu e nunca será seu, pois os depósitos que faço estão em nome da Daiana.

— Mas você tem outro filho, sabia?

— Sei, mas o João já tem seu salário e não precisa disso.

— Meu Deus, homem! Como você pode esconder isso de mim?

— Não escondi nada de ninguém, apenas não contei a vocês sobre meu acordo com o Juvenal.

— Então me diga: o que ele quer mudar no acordo?

— Essa é a pior parte — cala-se Joaquim, abaixando a cabeça em direção ao prato vazio a sua frente.

— Fala, homem! Desembucha logo!

Daiana, ao ver seu pai constrangido, intercede na conversa.

— Calma, mamãe! Isso não está sendo fácil para o papai, tenha paciência com ele, por favor!

— Paciência com quem me enganou durante todos esses anos? Ora, me poupe, Daiana!

— Gente, vamos com calma, por favor — insiste a jovem.

— Fala, papai, pode falar — diz Daiana.

— O Juvenal quer que nossa filha se case com o Marcelo.

— O quê?!

— Isso mesmo que você ouviu: ele quer que Daiana se case com seu filho Marcelo. Ele alega que não teve uma filha mulher e que tem nossa filha como filha dele. E deseja que ela seja sua nora.

— Mas que notícia boa! Você faz esse mistério todo!

— Como assim, notícia boa? — reclama Joaquim.

— Não poderia acontecer coisa melhor em nossas vidas. Imagine nossa filha casada com o Marcelo, um menino que vai herdar uma fortuna de Juvenal. Você não pensou nisso?

— Pensei sim, e acho isso uma tremenda idiotice; minha filha não está à venda.

— Deixa de ser burro, homem! Não está vendo que isso é o melhor que pode acontecer a ela?

— Eu acho que o melhor que pode acontecer a ela é que todos os seus sonhos se tornem realidade. Isso sim, é o que desejo para minha filha. Imagine, ela viver o resto de sua vida ao lado de um homem que mal conhece. Você não enxerga nossa filha como deveria.

— Que enxergar que nada! O importante é o futuro dela, isso sim é importante!

— Você, por acaso, já conversou com ela sobre o que ela quer para seu futuro? Você ainda não reparou que ela é uma menina cheia de sonhos?

— Que sonhos que nada! Papai, a realidade é dura — diz João.

— João, por favor, não se meta na minha vida — diz Daiana mostrando-se irritada com o rumo da conversa.

— Cala a boca, João! Realmente essa é uma decisão minha e do seu pai.

— Já não está aqui quem falou. Essa conversa vai demorar muito? Estou com muita fome.

— Às vezes vejo que a Daiana está certa com relação a você, João. Não está vendo que essa conversa é de superimportância para todos nós? Imagine você sendo cunhado do Marcelo. Já parou para pensar como isso beneficiará a nossa família?

— É isso que falei com o papai, isso é muito bom para todos.

Calada, Daiana olha fixamente para seu pai, que se mantém de cabeça baixa olhando para o prato à sua frente.

Num gesto de carinho extremo, Daiana coloca sua mão sobre a mão de seu pai e pede a palavra:

— Gente, por favor, posso falar?

— Pode sim, filha — diz Teodora.

— Sei que sou ainda muito jovem para questionar as decisões de meus pais, mas meu sonho realmente é me formar em uma faculdade na capital. Meu pai sabe perfeitamente que esse é meu desejo. Mas sei também que um casamento com o Marcelo trará muitos benefícios para todos nós, porém a vida é minha e dela cuido eu.

— Você está é muito saidinha para meu gosto, viu Daiana?

— Calma, mamãe! Por favor, ouça o que tenho a dizer.

— Fala logo.

— Sei dos benefícios que este casamento trará para todos. Vamos combinar assim: eu aceito o casamento com a condição de se realizar só após minha formatura no colegial, pode ser?

Assustado com a decisão da filha, Joaquim pede a palavra.

— Mas Daiana, é isso mesmo que você quer?

— Sim, papai, isso é o melhor para todos.

— Tem certeza? — insiste o velho pai.

— Sim, se puder ser desta forma, eu aceito.

— Até que enfim vamos jantar — diz o ansioso João.

— Cala a boca, garoto! Não vê que esse assunto é muito importante para todos?

— Deixem de bobagens. Vai logo lá, pai, e diga para o Juvenal que aceitamos sua proposta.

Joaquim se mantém de cabeça baixa, triste com o que ele sabe que não é o real desejo de sua filha.

Daiana, carinhosamente, olha para seu pai como se quisesse ajudá-lo a sair da tristeza.

— Faça isso, papai. Assim que você tiver uma oportunidade, faça essa proposta ao Juvenal.

— Se é isso que você decide, minha filha, vou falar com ele.

— Gente, agora, vamos jantar? Mamãe, sirva a comida.

— Que coisa boa! Sempre orei a Deus para que isso acontecesse, e agora vejo meu sonho se realizar. Estou muito feliz viu, Daiana, com sua decisão — diz Teodora, feliz.

— Sim mamãe, se é o melhor para todos, assim faremos.

Todos jantam. Joaquim e Daiana mal tocam na comida, mas não são percebidos por Teodora e João.

Após o jantar, Joaquim senta-se na pequena varanda à frente da humilde casa e ali permanece triste e desapontado com os acontecimentos. Seus olhos estão mareados, pois sabe que Daiana está sacrificando seus sonhos para o bem da família.

Daiana sabe que seu querido e amado pai está sofrendo, e sem que sua mãe perceba, vai até a varanda conversar com ele.

— Oi pai, posso me sentar a seu lado?

— Sim, minha filha, pode sim.

Ajeitando-se ao lado de seu pai, Daiana toma as mãos calejadas do humilde agricultor, e olhando fixamente em seus olhos, diz:

— Papai, sabes o quanto te amo e que meu maior desejo é vê-lo feliz.

— Minha filha, mas você vai desistir de seus sonhos?

— Se for para sua felicidade, assim o faço!

— Mas não estou feliz com sua decisão. Sei de suas diferenças com sua mãe e com o João. Sacrificar sua felicidade por eles, eu acho isso muito ruim.

— Papai, na realidade eu tive um plano.

— Qual é?

— Se você me apoiar e me ajudar, podemos fazer assim: preciso me formar aqui na minha escola para tentar a faculdade na capital. Se eu sair agora da escola, dificilmente terei outra oportunidade como essa. Mal conversei com o Marcelo, aliás, não tenho intimidade com ninguém daquela família.

— O que faz muito bem, confesso a você que todo meu sacrifício é para te ver feliz.

— Eu sei, meu querido pai, eu sei. Mas se você me ajudar eu termino a escola e fujo para a capital, e lá dou um jeito de me estabelecer. Quem sabe trabalhando na casa de alguma família que me aceite e que permita que eu faça a faculdade?

— Meu Deus, como conseguiremos isso?

— Eu tenho uma amiga que tem esse plano, pois seus pais também querem que ela se case com um rapaz que ela odeia. Ela é lá da minha escola, o nome dela é Isaura.

— Será que isso vai dar certo?

— Se vai dar certo não sei, mas que ela vai fazer eu não tenho dúvidas.

— Minha filha, faltam apenas dois anos para você se formar, e o meu sonho sempre foi ter uma filha formada, por isso sacrifiquei e sacrifiquei tanto a minha vida. Saiba que estarei ao seu lado por toda a vida. E te apoio sim, embora ache uma loucura. Daqui a dois anos terei uma boa reserva de capital e esse dinheiro será todo seu. Posso ainda pedir ao Juvenal que ele volte com o meu salário quando do aceite de sua proposta. Quem sabe, ele me devolve o salário, e assim terei mais dinheiro para te ajudar.

— Isso pai, faz assim, diga a ele que você aceita, mas com a condição de ter seu salário de volta. Desta forma nem precisarei trabalhar. E me dedicarei exclusivamente à faculdade.

— Não sei se será o suficiente, mas com certeza vai te ajudar muito.

— Não tem problema. – Minha querida e amada filha, esse é o nosso segredo, não conte para ninguém. Vamos fazer assim: eu digo ao Juvenal que aceitamos a

proposta dele, com a condição de ter de volta meu salário e você acerta com sua amiga, e busque realizar seu sonho.

— Papai, te amo tanto!

Daiana abraça seu pai com ternura e carinho e ambos ficam por horas juntos, observando a linda noite de luar.

Daniel interrompe o filme, a que Felipe e Nina assistem sem piscar.

— Nina e Felipe, esse é o caso de perseguição espiritual que carrega Daiane.

— Nossa, Daniel, que incrível! Mas quem é o obsessivo, afinal? Juvenal?

— Quem vocês acham que é?

— Eu acho que é o Juvenal, afinal ele será traído pelo Joaquim e por Daiana — diz Felipe.

— E você, Nina? Quem é o obsessivo?

— Acho que é o Juvenal, afinal ele investiu em Daiana.

— Vocês estão enganados. O obsessor é o Marcelo, filho de Juvenal.

— Poxa, mas ele mal apareceu no filme, nem sequer vimos o rosto dele — diz Nina.

— Acontece que ao aceitar a proposta de Juvenal, toda a família começou a divulgar a união e preparar o casamento que não ocorreu, pois Daiana fugiu com sua amiga e conseguiram realizar seus sonhos, ambas se formaram e foram felizes.

— E o Joaquim, como ficou nessa história? – pergunta Nina.

— Ele simplesmente fingiu ter sido enganado por Daiana, como todos o foram.

— Nossa, que paizão, né?

— Sim Felipe, ele veio da encarnação anterior como um espírito amigo que iria ajudá-la a realizar seus sonhos. E foi isso que ele fez.

— Que bom que ele cumpriu seu destino — diz Nina.

— Isso mesmo, Nina. Que bom que ele cumpriu tudo o que havia combinado com Daiana. O Marcelo ficou envergonhado com toda a cidade e com os

fazendeiros da elite, que se reuniam uma vez por mês, para gabar-se das conquistas materiais que realizavam naquela época. Foi muito vergonhoso para a família de Juvenal. E sendo assim, o Marcelo a persegue até os dias atuais na tentativa de conquistá-la como esposa.

— Nossa, Daniel, que lindo!

— Sim, ele agora compreendeu que não é pela força que vai conseguir conquistar seu objetivo, e sim pelo amor. É um espírito lúcido e evoluído que não guarda mais mágoa de Daiana, mas tenta aproximar-se dela para ajudar.

— Essa é a obra de Deus, não é, Daniel?

— Sim, Deus nos dá as oportunidades necessárias aos ajustes sempre.

— Que legal! — diz Nina, emocionada.

— Bom, agora que vocês já viram tudo, vamos trabalhar?

— Sim, vamos.

— E não se esqueçam de que cada tarefa que um espírito cumpre em auxílio a outros espíritos, lhes cabe uma remuneração.

— Sabemos disso, bônus-hora.

— Sim, bônus-hora.

— Vamos, Felipe.

— Sim, vamos, Nina; as crianças nos esperam.

— Tchau, Daniel.

— Até logo, meninos.

Após se despedirem de Daniel, Nina e Felipe caminham até o galpão das crianças. No peito de Nina uma dor da separação se instala. Felipe percebe que Nina está triste e abraça-a, a fim de aliviar seu coração.

— Fica assim não, meu amor, afinal estaremos juntos em nossa encarnação.

— Não fico triste não, Felipe. Fico é preocupada com as crianças. Sabe que me afeioo com facilidade, estou muito ligada ao meu trabalho que executo com prazer. Ficar longe das crianças me deixa triste.

— Mas voltaremos e continuaremos nosso trabalho.

— Eu sei! Fique tranquilo, isso passa.

— Venha, amor, vamos orar na capela, isso nos fará bem.

— Vamos!

Nina e Felipe se dirigem a uma linda capela na parte central da colônia e lá ficam por algumas horas orando e agradecendo a oportunidade evolutiva.

*Ondas da vida carregam o barco, atracado no tempo*

*não quer navegar...*

*Nafragam em si mesmo, temendo os monstros que existem no  
mar...*

*Allan Kardec Filho*



# Os Desígnios Divinos

***Sábado.***

— Bom dia, Léo!

— Olá, Rafa!

— E aí, vamos navegar?

— Vou já tirar meu barco, quero passar o dia na água hoje.

— Sim, vale a pena, afinal está um lindo dia de sol. Seus pais vieram com você?

— Não, vim sozinho, estava precisando disso.

— O que houve? Algum problema?

— Não, só preciso relaxar após uma semana intensa.

— Compreendo, eu também tive uma semana de muito desgaste lá no escritório.

— É, amigo! Cada dia que passa temos mais trabalho.

— Ainda bem, só assim podemos garantir um bom salário.

— Verdade.

— Seu escritório está indo bem?

— Sim, meu pai me deu uma força indicando alguns clientes, e já está funcionando. Você já pensou em minha proposta?

— Estou pensando, estou muito bem lá na empresa, mas estou avaliando com carinho sua proposta.

— A hora que você quiser é só me avisar, sua mesa está pronta te esperando.

— Obrigado, Rafael, assim que me decidir, aviso.

Rafael é amigo de Léo desde a infância. Formados em direito, exercem a mesma profissão; Rafael tem um escritório bem montado na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, onde por vezes, Léo vai ao encontro do amigo para almoçar. Mas Léo

advoga para uma empresa de telecomunicações. Foi contratado, primeiramente como estagiário, mas logo foi efetivado no cargo. Ele realiza defesas jurídicas.

Tem por velejar; sempre que possível, pega seu barco e navega nas praias de Santos, litoral de São Paulo. Seus pais são proprietários de uma casa no litoral.

Léo está navegando e lembra-se daqueles olhos que se encontraram com os seus durante a semana na Avenida Paulista. Curioso e saudoso, pensa como seria bom reencontrar aquela linda morena.

Onde encontrará-la? Ele puxa pelo pensamento e consegue lembrar-se do nome dela: Daiane. Curioso, pensa em que ela trabalha, desconfia que também seja advogada, ou que trabalhe em algum escritório de advocacia, pois lembra-se perfeitamente dos processos que ela carregava nas mãos, e que caíram no chão no momento do encontro. Onde será que ela mora? Gostaria muito de convidá-la para velejar com ele um dia. Sente uma alegria no coração ao lembrar o gesto de carinho de Daiane em lhe oferecer uma carona no seu guarda-chuva. Arrepende-se por não ter sido mais audacioso.

“Deveria ter tentado me aproximar dela”, pensa Léo.

O telefone toca insistentemente no apartamento de Daiane. Ela demora a levantar-se, pois aproveita os fins de semana para dormir até mais tarde. Após algum tempo, ela resolve atender.

— Alô.

— Alô, Dai?

— Sim.

— É a Cris. Tudo bem?

— Sim, querida, como vai?

— Te acordei?

— Não, estava cuidando de umas coisinhas aqui.

— Estou ligando para convidá-la para irmos a Santos; está um lindo dia! Vamos? Vamos pegar uma praia?

— Não sei... — responde duvidosa e preguiçosamente.

— Ah vamos, vai ser legal, vou eu, a Tainá e o Júlio. Vamos ficar na casa da Tainá. Vamos? - insiste a amiga.

— Tinha marcado com minha mãe de passar o fim de semana com ela.

— Ah boba, liga para ela e diz que você vai conosco para a praia.

— Vou ligar sim, depois te ligo de volta. Estou mesmo precisando de ares novos.

(risos)

— Posso passar ai para te pegar?

— Pode sim. Venha, que estarei te esperando.

— Beijos.

— Beijos.

Então Daiane liga para sua mãe e cancela a visita que faria no fim de semana.

— Mãe.

— Oi filha, você já está vindo?

— Não, mãe, eu não vou. A Cris me ligou e convidou para irmos para Santos,

pegar uma praia, acho que vou com ela. Estou precisando!

— Que pena filha! Seu pai já tinha até marcado com o Marcos para almoçarmos juntos.

— Ah mãe, não quero não. Vocês vivem insistindo nessa história do Marcos, não gosto dele, tenho respeito e carinho, e você sabe, isso me aborrece muito.

— Eu sei filha, mas sabe como é seu pai: está sempre querendo me agradar.

— Mãe, avisa a ele que fui para Santos; na semana que vem vou para aí, passar o fim de semana com vocês. Beijos.

— Beijos, filha, cuidado!

— Pode deixar, beijos.

“Coisa chata essa, minha mãe ficar insistindo para que eu me relacione com o Marcos, não gosto dele. Vou é arrumar minhas coisas e curtir meu fim de semana com minhas amigas”, decide Daiane.

Sua amiga chega para pegá-la.

— Oi, Daiane! E aí, tudo bem?

— Sim, tudo dentro da normalidade.

— Que bom que você aceitou nosso convite.

— Eu é que me sinto feliz, estava mesmo precisando dar uma relaxada.

— Sim amiga, vamos aproveitar para nos divertir bastante.

(risos)

Daiane viaja com os amigos e diverte-se, esquecendo dos problemas da semana.

Assim eles seguem a viagem tranquila. E após algum tempo já estão acomodados e vão para a praia. É um dia de muitas risadas e alegria para o o grupo de jovens amigos.

À noite resolvem sair para jantar em um restaurante típico de comida italiana. Daiane é apaixonada por massas.

Sentam-se a uma mesa na parte externa, onde bebem vinho e conversam animadamente.

Léo resolve também jantar no mesmo restaurante com seu amigo Rafael, os dois chegam após uma hora em que Daiane já está se divertindo com os amigos.

Daiane percebe a chegada de Rafael e Léo, e ao vê-los seu coração dispara; todos à mesa percebem a reação dela ao vê-los entrar.

— O que houve, Daiane — indaga Cristina.

— Nada.

— Como nada, se de repente você ficou muda e branca como uma vela?

— Está se sentindo bem?

— Sim, não foi nada, amiga.

— Ela ficou assim depois que aqueles rapazes entraram, olha lá — como se apontando com a cabeça para Léo e Rafael — diz Júlio.

— Deixe de bobagens, Júlio.

— Foi sim, observei que quando eles entraram você não tirou os olhos deles.

— Parece que conheço aquele de camisa amarela — diz Tainá, olhando para o Léo.

— Mas não precisava ficar pálida e distante, né amiga? — insiste Cristina.

— Palhaçada sua, Tainá — todos riem divertindo-se com Daiane.

— Quer que eu vá lá falar com eles? — diz Júlio

— Deixe de bobagens, Júlio. Vamos continuar a nos divertir, isso sim.

Todos riem muito de Daiane que, encabulada, logo retoma sua cor natural, tenta disfarçar, mas os amigos percebem algo diferente em seu olhar.

Léo e Rafael escolhem uma mesa não muito distante do grupo e se sentam.

— Vamos comer o que, Léo? — indaga Rafael.

— Vou comer umas bruschettas primeiro, depois penso no prato principal.

— Vamos pedir um bom vinho?

— Sim, pode escolher aí, sei que você é bom nisso.

— Vamos tomar um vinho italiano, eles têm boas uvas.

— Escolhe você.

— Ok, escolherei.

— O mar hoje estava divino, não achas?

— Sim, velejei o dia inteiro; após jantarmos, pretendo descansar e aproveitar bastante o mar amanhã.

— É, eu também pretendo fazer isso; vou dormir cedo para, assim que o sol nascer, já estar dentro d'água.

— Verdade, vamos aproveitar que o mar está tranquilo e curtir bastante este fim de semana.

— Léo, disfarça e olha para aquela mesa: as meninas não param de olhar para nós — diz Rafael.

— Onde?

— Aquela mesa lá fora, tem um cara e três meninas. Disfarça e olha.

Léo, disfarçadamente, vira-se e olha para a mesa. Seu coração entra em galope ao ver Daiane com uma taça de vinho bebendo com os amigos. Rafael percebe que o amigo ficou chocado com a cena e indaga:

— Que houve, cara?

— Rafael, que coincidência!

— O que houve?

Diante do silêncio de Léo, Rafael insiste.

— Conta meu, o que houve?

— Calma, vou te contar: nesta semana estava na Avenida Paulista embaixo de um temporal, e aquela menina lá, de blusa azul, me deu uma carona em seu guarda-chuva e fiquei com ela na cabeça durante toda a semana. Impressionante! Hoje mesmo, quando eu estava velejando, comecei a pensar nela.

— Ih, está apaixonado.

(risos)

— Deixa de palhaçada — diz Léo.

— Tá sim, seus olhos estão esbugalhados.

(mais risos)

— Cara, que coincidência! Como esse mundo é pequeno!

— É verdade — afirma o amigo.

Rafael fixa o olhar na mesa e comenta com o amigo:

— Bonita a moça, hein!

— Bonita não, linda! — diz Léo.

— Tá interessado?

— Com certeza.

— Vai lá! E conversa com ela.

— Vou tomar algumas taças de vinho primeiro, daí tomo coragem.

— Então, só nos resta beber.

— Isso, boa ideia.

Apesar de tentarem disfarçar, ambos não conseguem demonstrar que não estão abalados com o reencontro. Nervoso, Léo mal consegue comer e passa à segunda garrafa de vinho, sem mesmo perceber o excesso.

Rafael percebe que o amigo não está bem, pois não é costume de Léo beber tanto.

— Está com algum problema, Léo?

— Como assim?

— Já é a segunda garrafa de vinho, vamos ficar bêbados se continuarmos assim!

— Não tinha percebido. Caramba! Estamos realmente bebendo muito.

— Vamos parar nessa, né?

— Sim, já chega por hoje.

— Vou pedir a conta.

— Vamos ficar mais um pouco — pede Léo.

— Mas sem beber, né?

— Sim, vamos beber água.

(risos)

— Acho que você está de olho na menina.

— Vou tentar uma aproximação, o que achas?

— Vai lá, cara, tenta!

— Vou sim.

Léo toma coragem, enche os pulmões de ar, levanta e se dirige à mesa de Daiane.

— Boa-noite, com licença. Você não é a Daiane?

— Sim — não dando muita importância a Léo.

— Lembra-se de mim?

— Ah, deixe-me ver? Não.

— Nos encontramos na Paulista, nesta semana, embaixo de um temporal.

— Lembrei-me, você é o Léo, né?

— Sim, do dia do temporal.

Estendendo a mão Daiane o cumprimenta, sente o calor de suas mãos a tocá-la mais uma vez.

— Esses são meus amigos... Gente, esse é o Léo.

Todos se cumprimentam e Léo fica a esperar o convite para sentar-se com eles. Tainá observa os lindos olhos de Léo, e percebendo seu desconforto, cutuca por baixo da mesa sua amiga Daiane para convidá-lo a sentar-se à mesa, fazendo um leve gesto com o rosto puxando-o para baixo.

— Senta conosco, Léo — diz Tainá.

— Infelizmente não posso, estou com um amigo e estamos muito cansados, velejamos o dia todo e sinceramente estou exausto.

— Que pena! — afirma Tainá.

— Mas gostaria de te convidar para velejar comigo amanhã, Daiane. O que achas?

— Não sou muito de mar. Tenho medo.

— E vocês, aceitam o convite?

— Não, obrigado — dizem todos como em um coral.

— Vamos, Daiane, você vai gostar. Não precisa ter medo, vivo no mar desde menino, estou acostumado, ficarei muito feliz se você aceitar.

Tainá dá outro cutucão em Daiane por baixo da mesa. E Daiane faz gestos com a cabeça como a dizer sim ao convite.

— Tá bom, anote meu telefone e me ligue pela manhã.

Léo anota o telefone de Daiane, despede-se de todos e vai embora com o amigo Rafael. Sai com o coração radiante e feliz.

Logo que chega à sua casa, Léo tenta dormir, mas não consegue. Reencontrar Daiane mexeu com ele, seu coração não parava de palpitar, os pensamentos de um domingo perfeito ao lado de tão bela mulher lhe tiravam o sono. Fazia planos de levá-la para almoçar e passar todo o dia com ela.

Após muito relutar, ele finalmente consegue dormir.

Enquanto isso no restaurante.

— Caramba, Daiane! Que gato esse Léo!

— Você achou, Tainá?

— Ah, está de brincadeira? O cara é lindo — insiste Cristina.

— E você, Júlio, o que achou do Léo?

— Sério, você acha que tenho que achar o cara bonito? Poupe-me.

(risos)

— Eu o achei um gato — diz Tainá.

— Eu também — insiste Cristina.

— Espero que seja um cavalheiro.

— Pelo que se mostrou te convidando para velejar, me parece sim, um cavalheiro — diz Júlio corroborando com as meninas.

— Como deve ser o barco dele, hein?

— Sei lá, não entendo muito de barcos — diz Júlio.

— Ah, mas passar o dia velejando é tudo, amigos! E eu, euzinha aqui, vou passar o dia no mar, passeando — diz Daiane.

— E com um belo rapaz — completa Tainá.

Mais risos. Todos se divertem bebendo até as duas horas da madrugada.

*As almas se completam quando se encontram no amor.*

*Nina Brestonini*

***Domingo, 7:30 da manhã.***

O telefone toca.

— Alô.

— Alô, Daiane?

— Sim.

— Sou eu, Léo!

— Que horas são?

— Me perdoe, sei que é muito cedo para um domingo, mas para nós, velejadores, a melhor hora do dia são as primeiras horas da manhã.

— Léo, eu ainda estou dormindo, ficamos até tarde batendo papo no restaurante.

— Perdão, mas posso passar aí para te pegar.

— Em quanto tempo?

— Meia hora, o que achas?

— Não, dentro de uma hora estarei pronta, anota aí o endereço.

— Tá bom, passo aí em uma hora.

Muito contrariada, Daiane levanta-se e arruma suas coisas para o passeio do dia. Tenta convencer Tainá a ir com ela, o que é de pronto recusado pela amiga que mal consegue ouvi-la, pois está dormindo um sono profundo.

Daiane deixa um bilhete sobre a mesa do café, avisando aos amigos que saiu para o passeio de barco com o Léo. Desce até a portaria do prédio e fica a aguardar o rapaz.

Léo aproxima-se em seu lindo carro vermelho, buzina e espera que Daiane se aproxime; abre a porta mesmo sem sair do carro e espera que ela entre, repara logo suas roupas. Ela veste uma linda saída de praia amarela de bom gosto, e por baixo veste um biquíni floral azul e amarelo.

— Bom-dia, Daiane!

— Bom-dia, Léo — diz dando-lhe dois beijinhos nas bochechas.

— Perdoe-me por tê-la acordado tão cedo.

Sorrindo, Daiane responde a Léo.

— Tudo bem, já acordei mesmo!

— Tens sempre esse humor?

— Sim, claro, sou feliz!

— Que bom, é difícil às pessoas acordarem cedo e felizes.

— É, mas eu sou assim, procuro levar uma vida feliz. Tristeza não é legal.

— Verdade, a felicidade é muito importante para nós!

— Isso mesmo, Léo, a felicidade é tudo.

— Naquele dia não me conformei em não ter te acompanhado até o carro, fiquei muito aborrecido comigo mesmo.

— Que dia?

— Na Paulista, esqueceu?

— Ah sim! Lembrei. Bobagens, eu já estou acostumada.

— Onde você mora?

— No Ipiranga. E você?

— Não acredito!

— O quê?

— Eu também moro no Ipiranga.

— Caramba, nós somos vizinhos.

(risos)

— Nunca pensei que você estivesse tão longe e tão perto ao mesmo tempo.

— Engraçado, né?

— Talvez seja o destino.

— É, quem sabe! — exclama Daiane.

— Olha, estamos chegando. Vou estacionar aqui, e vamos andar até o clube. Lá, pegamos o barco e vamos velejar.

— Já te falei que tenho medo?

— Fique tranquila, você está em boas mãos.

— Espero.

(risos)

Caminharam durante quinze minutos aproveitando para curtir o visual que lhes apresentava aquela bela manhã de domingo.

O barco de Léo é um veleiro de pequeno porte com 16,5 pés, extremamente confortável, rápido e seguro. Nele, podem velejar até quatro pessoas ou, se preferir, alguém pode praticar o esporte sozinho. Muito prático e bonito, o barco foi pintado de vermelho e branco. Léo veleja desde menino, hobby que adquiriu com seu pai, Antônio.

— Venha, entre.

— Bonito o seu barco.

— Obrigado.

— Você veleja há muito tempo?

— Desde menino. Comecei a velejar com meu pai e nunca mais parei.

— Você participa de algum campeonato?

— Não, só pratico por prazer e para o meu lazer.

— Que bom, te invejo nisso.

— Não tens que invejar, eu acho que o esporte é algo muito importante para nos

manter com boa saúde e com a cabeça em equilíbrio.

— É verdade — concorda Daiane.

E assim eles passam o dia a velejar. Daiane sente-se segura com Léo. É um dia de muita alegria e descontração. Léo em nenhum momento se mostra indelicado, trata-a como uma princesa; muito felizes eles terminam o dia assistindo ao pôr do sol dentro d'água, momento inesquecível para Daiane.

— Vamos parar aqui um pouco para observarmos o pôr do sol?

— Sim, vamos! — concorda Daiane.

Após o passeio, Léo leva Daiane até o apartamento em que está hospedada com suas amigas.

— Obrigada pelo passeio, Léo.

— Eu é que agradeço sua companhia! Importa-se de jantarmos hoje?

— Não sei, amanhã tenho que estar cedo no banco.

— Se não se importar, podemos ir juntos para São Paulo, moramos no mesmo

bairro, lembra?

— Sim, claro, mas vim com as amigas, elas podem ficar chateadas.

— Tudo bem, você tem meu telefone; se mudar de ideia, me ligue.

— Tá bom, qualquer coisa te ligo — disse beijando a face de Léo.

Aquele beijo parece marcar seu rosto. Léo pode sentir a umidade dos lábios de Daiane tocando sua face. Por alguns minutos, ele tenta não tocar na pele para que o cheiro e o sabor do beijo de Daiane não saiam de perto de si.

— Olá meninas, cheguei!

— Nossa, como está bronzeada!

— Daiane, você deveria ter passado um protetor.

— Eu passei sim, estou muito bronzeada?

— Nossa, vá se olhar no espelho e verás — diz Tainá.

Daiane segue rapidamente para o banheiro, curiosa com seu bronzado. Tainá e Cristina estão atrás dela.

— Caramba, me queimei demais mesmo!

— Mas você está linda, amiga.

— É verdade, está linda mesmo — diz Cristina.

— Cadê o Júlio?

— Saiu para dar uma volta no calçadão.

— E aí, conte para nós como foi o passeio — insiste Tainá.

— Foi realmente inexplicável, ele é um cavalheiro.

— É, o que vocês fizeram? Deu uns amassos nele?

— Tá maluca, Tainá? Mal conheço o rapaz, já vou sair assim namorando ele?

— Você parece uma velha mesmo, amiga, os tempos são outros.

— Prefiro ser uma velha a ser uma oferecida.

— Isso mesmo – aconselha Cristina.

— Então me conta o que vocês fizeram.

— Velejamos, ele me falou coisas lindas sobre o mar. Levou-me para almoçar. Passeamos, e por fim, assistimos a um lindo pôr do sol.

— Nossa, que romântico!

— Sim, ele é muito romântico.

— E o que ele faz?

— Adivinha!

— Deve ser empresário.

— Não — diz Daiane.

— Pode ser dono de restaurante? — brinca Cristina.

— Não meninas, vocês não percebem nada mesmo, né? Ele é advogado, assim como eu.

— Caramba, é o destino — afirma Tainá.

Só pode ser coisa do destino. Dois advogados no mesmo restaurante, na mesma praia. Ah isso é coisa do destino, amiga.

— Deixem de ser bobas e me deem licença, que preciso muito de um banho e descansar para podermos ir embora.

— Conta mais - insiste Tainá.

— Contar mais o que, sua doida?

— Não rolou nem um beijinho?

— Claro que não, agora me dê licença, preciso do banho.

E empurrando as amigas para fora do banheiro, enfim, Daiane consegue organizar-se e tomar seu banho em paz.

Léo volta para sua casa, e não consegue esquecer-se do sorriso farto de Daiane. Seus gestos, sua conversa, enfim, encantado e apaixonado. Logo começa a fazer planos de namoro, fica a imaginar tocando seu corpo perfeito e convivendo lado a lado com aquela mulher que mexeu definitivamente com seu coração.

Não consegue disfarçar a alegria, ele sai do carro cumprimentando a todos que passam por ele; mesmo os desconhecidos percebem uma alegria muito grande naquele rapaz. Os vizinhos acreditam que o rapaz está ficando louco.

Após o banho, Léo senta-se na sala e começa a arrumar suas coisas para voltar a São Paulo. Aborrece-se consigo mesmo, pois deveria pedi-la em namoro. Seu humor muda, fica chateado consigo mesmo, tem medo de não ter outra oportunidade para tentar um relacionamento mais profundo com Daiane.

“Burrice a minha, poderia logo ter partido para tentar namorá-la. Mas achei mais prudente não tratá-la como uma mulher qualquer. Realmente ela é muito especial, linda, que sorriso! Meu Deus, que mulher encantadora! Mas já sei onde ela trabalha, amanhã parto para a segunda fase, vou conquistá-la! E mais, eu tenho o telefone dela, acho que vai dar tudo certo”, pensava Léo.

Léo mantém a esperança de que Daiane resolva viajar com ele, mas ela não liga. Ele espera até as dez horas, e então pega seu carro e volta a São Paulo.

Na viagem de volta.

— Daí, o que houve? Você está muito pensativa — indaga Tainá.

— Só estou cansada.

— Conte mais um pouco de como foi o seu dia com o Léo.

— Sem palavras, um verdadeiro cavalheiro. Muito atencioso e carinhoso comigo.

— Ih, apaixonou?

— Até que seria legal, pois ele é muito gentil e bem-sucedido.

— E lindo né, amiga?

— Sim, um lindo cavalheiro.

— Ele é solteiro?

— Sim, ele é solteiro.

— Que coincidência, né?

— Sim, jamais esquecerei esse dia.

— Não marcou nada com ele?

— Não, ele queria que eu voltasse com ele, mas decidi vir com vocês.

— Boba, poderia voltar com ele e quem sabe? — fazendo gestos de um beijo na boca.

— Deixa como está, se tiver que ser, será.

— Isso amiga, confie em Deus; se for para ser, vai ser e pronto.

— É isso mesmo.

— Estamos chegando, pode me deixar aqui, Júlio? Obrigada, amigos, muito bom estar com vocês; agora preciso descansar e ainda ver alguns processos. Beijinhos, amo vocês.

Daiane desce do carro, pega suas coisas e vai para seu apartamento. Logo ao chegar toma banho e tenta analisar alguns processos, mas é impedida pelo pensamento em Léo. O sorriso do moço não sai de seu pensamento, a barba por fazer dá a ele um charme a mais, sua pele dourada pelo sol realça seus lindos olhos.

— Droga, não consigo me concentrar. Vou ligar para minha mãe, ela deve estar preocupada.

Daiane pega o telefone e liga para sua casa.

— Mãe?

— Oi filha, chegou?

— Cheguei muito cansada, mas feliz!

— Que bom, amor! Divertiu-se bastante?

— Sim, foi ótimo!

— Que bom, agora descanse, pois amanhã tens trabalho, né?

— Sim, estou tentando.

— Como assim, aconteceu alguma coisa?

— Não, só não estou muito animada.

— O que aconteceu?

— Nada mãe, nada. Coisas de amigas.

(risos)

— Você está me escondendo alguma coisa, Daiane?

— Não, mãe, eu nunca te escondi nada, fique tranquila coisas de meninas.

— Boba, também sou menina!

— Mãe, para, tá? Como estão as coisas aí?

— Tudo bem, quer dizer, mais ou menos, seu pai está brabo com você.

— Por quê?

— Disse que você não respondeu ao convite do Marcos e ele ficou aborrecido com isso.

— Mãe, diga ao papai para ele dizer ao Marcos que não tenho nenhum interesse nele, que é para ele desistir, não vou jantar com ele nem que fosse em Nova Iorque. Ele é muito chato com isso.

— Eu sei, filha, já falei com seu pai.

— Sabes que esse assunto me deixa aborrecida. E quer saber? Boa-noite, mãe, passei um domingo maravilhoso e não quero me aborrecer logo agora.

— Não fique assim, filhinha, sabes que te amamos e queremos o melhor para você.

— Eu sei, mãe, boa-noite. Saiba que o melhor para mim é que eu viva a minha vida que tanto lutei para conquistar.

— Boa-noite, filha, fique com Deus!

— Beijos, mãe.

— Beijos.

No dia seguinte:

— Bom-dia, Daiane!

— Bom-dia, Senhor Juvenal!

— Deixaram essas flores aqui para a senhorita!

— São lindas, obrigada.

Daiane toma as flores pelas mãos e segue ao elevador. Lá, passa a observar um lindo buquê de rosas na cor champanha. Ela observa que há um cartão oculto entre as flores, pega-o e lê a mensagem:

*”Seu corpo cheira como essas rosas, seu sorriso me fez passar a noite acordado imaginando onde conseguiria uma flor para expressar o meu dia de domingo. Confesso, não encontrei. As que passam perto são essas que estão em suas mãos”*

*Com amor, Léo.*

Seus lábios agora expressam um sorriso disfarçado de satisfação e amor, seu peito pulsa uma alegria que a enche de ternura. Chega à sua sala, providencia um vaso e põe as flores em uma mesa auxiliar bem próxima à janela, onde se vê São Paulo por inteiro, realçando a paisagem. Distraída, examinando processos, Daiane não percebe que seu chefe entra na sala.

— Bom-dia, Daiane.

— Bom-dia, Daiane.

— Bom dia, doutor.

— Nossa, como você está bronzeada, pelo visto passou o fim de semana na praia!

— Sim, viajei com umas amigas e aproveitamos o final de semana de sol no litoral.

— Ótimo, e pelo visto também ganhou flores.

— Sim, um amigo me mandou.

— Parabéns a seu amigo, são belas essas rosas.

— Obrigada, doutor!

— Vim aqui para lhe pedir urgência naquele processo da companhia de luz, precisamos devolver hoje ao tribunal.

— Pode deixar, já estou terminando e levo pessoalmente à sua sala.

— Obrigado, Daiane, e parabéns pelas rosas.

— Obrigada, doutor!

— Até logo.

— Tchau.

Seu celular toca.

— Alô?

— Alô, Daiane?

— Sim.

— Sou eu, Léo!

— Oi Léo, tudo bem?

— Sim. Recebeu minhas flores?

— Sim, obrigada, são lindas!

— Espero que tenhas gostado.

— Amei!

— Posso te convidar para almoçarmos juntos?

— Sim, pode!

— Passo aí no seu prédio às 12:30, pode ser?

— Pode, te espero lá embaixo na portaria.

— Tá legal, beijos.

— Beijos.

— Mas qual é o endereço mesmo?

— É na Paulista, esquina com a Brigadeiro.

— Tá bom, te encontro aí às 12:30, pode ser?

— Pode sim.

— Beijos.

— Tchau.

O coração de Daiane dispara novamente, sente-se apaixonada.

Feliz, fica a observar o tempo contando os minutos que a separam de Léo.

Por outro lado, Léo sente-se feliz e fica a imaginar o beijo que quer arrancar dela nesse almoço. Não pode perder essa oportunidade, imagina Léo.

***Onde estiver seu coração, ali estará também o seu tesouro.***

***Jesus***



# A Missão

## *Colônia Espiritual Amor & Caridade.*

— Marques, por favor! Chama-me a Nina e o Felipe!

— Sim, Daniel, estou indo agora chamá-los.

— Obrigado, irmão.

A passos rápidos, porém curtos, Marques dirige-se ao galpão das crianças para chamar Nina e Felipe.

— Nina, Nina, o irmão Daniel deseja falar-lhe.

— Agora, Marques?

— Sim, agora mesmo.

— Avise-o que já estou indo.

— Ah, e o Felipe também.

— Tá bom, Marques, já estamos indo.

— Vamos, Felipe! Não façamos o Daniel esperar, ele é muito ocupado para isso.

— Sim, vamos – concorda Felipe.

Caminham até o pavilhão central e entram na sala de Daniel que os aguarda, sentado à sua mesa.

— Olá, Daniel!

— Olá, Nina! Olá, Felipe!

— Desejas falar conosco?

— Sim, sentem-se, por favor. Lembram-se da missão?

— Sim.

— Pois bem, seus futuros pais já se conheceram e está na hora do reencontro entre vocês.

— Quer que partamos agora? — pergunta Nina.

— Já avisei em Nosso Lar, que vocês se apresentarão para a preparação para reencarnar. Mas antes quero pessoalmente levá-los a conhecer seus futuros pais.

— Estou ansiosa — diz Nina.

— Eu também — concorda Felipe.

— É normal que estejam. Enfim, vocês reencontrarão com esses espíritos afins, esquecidos em vidas anteriores. E estas lembranças não foram avivadas em seus pensamentos.

— Como assim, Daniel? Não me venha com surpresas!

— Fique calma, Nina! Nada do que está acontecendo foi combinado entre você e a evolução. Na realidade, essa prova é muito mais para o Felipe; você vai como auxiliar nessa missão. Felipe ainda é um espírito novo em nossa Colônia e precisa de suporte para as coisas que irá passar durante essa encarnação na Terra.

— Entendo, Daniel, perdoe-nos.

— Sem problemas, Felipe. O reencontro é seu, e a prova é para todos os espíritos envolvidos nessa missão. Daiane e Helena são os únicos espíritos que cumprirão a missão com vocês.

— Compreendo, Daniel. E é a elas que temos que nos ligar para terminarmos a missão juntos?

— Isso mesmo. Como falei antes, elas serão as únicas a suportar as provas com vocês. Lembrem-se: será uma tarefa muito difícil para todos, várias intenações, várias cirurgias reparatórias e muito sofrimento físico. Confio em vocês e tenho certeza que as tarefas serão cumpridas. Lembrem-se que isso já foi combinado antes, agora é a hora de seu cumprimento.

— Entendemos, Daniel. Não se preocupe, iremos cumprir nossa missão.

— Nina, vá com o Felipe para Nosso Lar e procure pela irmã Tereza que está a lhes esperar, mas antes se despeça das crianças. Lembre-se que estaremos a lhes guiar por todos os caminhos. Nas horas de aflição confie que estaremos por perto. Agora me dê suas mãos e vamos visitar seus futuros pais.

Daniel, numa viagem rápida, conduz Nina e Felipe até o apartamento de Daiane, que está dormindo.

Logo estão os três de pé no quarto de Daiane a monitorar seu sono.

— Vejam, Felipe e Nina! Esta é a Daiane, ela será a sua mãe nesta encarnação. Ela é advogada bem-sucedida. Agora está para começar o namoro com Léo, que iremos visitar a seguir. Ela ainda não sabe, mas muita coisa boa irá viver nesse casamento com o Léo, e vocês farão parte dessa história.

Nina aproxima-se de Daiane, que dorme tranquilamente.

— Linda ela né, Daniel? — diz emocionado Felipe.

— Sim Felipe, realmente é uma mulher muito bonita.

— Por que está chorando, Nina?

— Nada, Daniel.

— Não fique assim! — abraçando-a com ternura, Daniel transmite fluidos de paz ao coração de Nina.

— É que me deixa triste saber que ela irá sofrer tanto.

— O sofrimento serve como lição e aprendizado para todos os encarnados, não encare isso com tristeza, saiba que vocês darão muitas alegrias a Daiane.

— Perdoe-me, Daniel.

— Sem problemas.

— Agora vamos conhecer o Léo.

— Espere, Daniel!

Nina aproxima-se de Daiane e beija-lhe a face.

— Agora vamos, Nina.

Daniel pega nas mãos de Felipe e Nina. Eles são levados ao quarto de Léo, que está acordando para o começo do dia.

— Veja, Felipe, esse será seu pai.

— Jovem ele né, Daniel?

— Sim, Léo também é advogado e é muito carismático com as pessoas, muito simpático, conquista facilmente todos à sua volta.

— Compreendo — diz Felipe.

— Bonito, o meu futuro pai.

— Achas, Nina?

— Sim, acho.

Ficam alguns minutos a observar a rotina matinal de Léo, que faz a barba e escolhe o terno com que irá para o trabalho.

— Pronto, visto seus pais, vamos voltar à Amor e Caridade.

— Mas Daniel, gostaria de conhecer Helena.

— Perdoe-me, Nina.

— Venham, vamos!

Daniel remete-se à casa de Helena que já está acordada preparando o café da manhã para todos.

Chegam e ficam na sala. Daniel não quer que Nina e Felipe entrem na cozinha.

— Aguardem aqui um pouco, que vou induzi-la mentalmente a vir para onde estamos.

— Por que não podemos ir à cozinha?

— Paulo Gustavo é médium sensitivo, e se nos aproximarmos ele sentirá nossa presença, e não estamos aqui para isso.

— Compreendo.

Daniel aproxima-se de Helena e a induz a ir para a sala.

— Vejam, essa é Helena, sua futura avó.

— Nossa, como ela brilha! Parece-me um espírito de muita luz!

— Sim, Nina, ela realmente é um espírito iluminado, convertido na doutrina de Jesus, caridosa, amorosa, e excelente mãe.

— Ela estuda o evangelho de Cristo?

— Sim, estuda e pratica. Isso a condiciona a ser um ser radiante entre tantos outros escuros. É operária em uma casa espírita, muito caridosa e amada por todos.

— Que bom, estaremos seguros em sua companhia.

— Sim, Nina e Felipe, ela será a figura principal da vida de vocês. Agora voltemos à nossa colônia.

Daniel toma-os pelas mãos e retornam à Amor e Caridade.

— Agora, Nina e Felipe, despeçam-se das crianças e vão para Nosso Lar. Mas antes me deem um abraço.

Durante algum tempo Daniel, Nina e Felipe ficam abraçados sem trocar nenhuma palavra. O calor fraterno já fala por si só, o amor que os envolve, a ternura dos braços entrelaçados e a união na proposta do bem.

Todos sabem que a separação é temporária, momentânea e necessária. Nina, muito calma, expressa um sorriso ao despedir-se de Daniel. Felipe, ainda inseguro, só deseja ficar perto de Nina a todo tempo, sabe que onde ela estiver ele estará seguro. Após a troca de abraços, olhares e sorrisos, Nina e Felipe são conduzidos a Nosso Lar por Marques.

— Obrigada, Irmão Marques, por nos trazer.

— Bobagem, menina Nina, sentirei sua falta.

— Breve estaremos de volta, não se preocupe.- Eu sei, tenho consciência de sua missão, até acho que você não precisaria ir, mas nosso garotão aqui precisa de ajuda. Então vá, e juntos, cumpram as determinações de nossa mentora.

— Obrigado, Marques.

— De nada, Felipe. E cuide da minha menina.

— Pode deixar.

— Adeus.

— Até breve!

— Vamos, Felipe, procurar por Tereza.

Dirigem-se ao galpão da reencarnação e encontram-se com Tereza.

— Irmã Tereza?

— Sim.

— Sou Nina e este é o Felipe — disse, puxando-o pelo braço —, viemos de Amor e Caridade a mando de Daniel.

— Sim, sejam bem-vindos, Nina e Felipe! Vocês vão reencarnar, é isso?

— Sim, iremos reencarnar em São Paulo, no Brasil.

— Sei, vá para a casa de número seis, na rua cinco, e espere que mandarei te chamar.

— Obrigada, Tereza, estaremos a seu dispor.

— Fiquem lá, que estou terminando os preparativos de suas reencarnações.

— Obrigada, Irmã.

— De nada, querida!

***Os laços que nos unem são como pequenos feixes de luz que  
brilham eternamente em nossas almas.***

***Nina Brestonini***



## O Casamento

*Após alguns meses.*

— Você foi checar se o terno já está pronto, Léo?

— Sim, meu amor, fique calma, já está tudo ajeitado.

— Não podemos nos esquecer de nada. Afinal, depois de amanhã será nosso casamento!

— Eu sei, querida. Fique calma, você está muito nervosa, vai dar tudo certo!

— Ai amor, realmente estou muito ansiosa, não quero que nada dê errado.

— Não vai dar, estou pessoalmente acompanhando tudo.

— Que bom!

— Você falou com seu pai sobre o Marcos? — diz Léo.

— Falei, pedi que não o convide, avisei que nós não gostamos dele.

— Não é por nada não, querida, mas ele está furioso com nosso casamento e isso não é bom para nós.

— Eu sei, querido, o papai vai me atender, pode deixar! Agora tenho que ir, vou me encontrar com a mamãe para tirar a última prova do vestido, e depois passarei no buffet para os últimos detalhes.

— Está bem, vou à agência de viagens pegar nossas passagens aéreas.

— Vai, amor! À noite nos veremos.

Despedem-se com um longo beijo.

— Helena?

— Sim, Paulo.

— A Daiane me pediu para não convidar o Marcos, e não acho certo isso. Afinal ele é meu amigo de anos, e o fato de ele ter interesse em nossa filha não muda nossa amizade.

— Querido, o problema é que o Léo sente ciúmes do Marcos, você poderia muito bem explicar isso para ele, e pedir que ele não vá ao casamento.

— Como achas que posso fazer isso?

— Simples, ele não é seu amigo? Converse com ele e pronto.

— Meu Deus, em que situação vocês me colocam! O Marcos sempre foi um grande amigo, sempre me ajudou, devemos tudo o que temos a ele e sua família.

— Querido, se ele realmente é seu amigo, ele vai entender.

— Vou ao clube amanhã e falo com ele.

— Faça isso, por nossa filha.

— Está bem, vamos ver o que vai dar essa história.

No dia seguinte, muito sem graça, Paulo Gustavo procura por Marcos no clube e pede a ele um momento reservado, no que é de pronto atendido.

— Querido amigo Marcos, não sei nem por onde começar, mas tenho algo muito chato a lhe pedir.

— Fale, homem!

— Sabes que Daiane vai se casar no próximo sábado?

— Sei por intermédio dos amigos, pois você ainda não me convidou.

— Pois é, Marcos... É sobre isso que venho falar com você.

— O que aconteceu? Você esqueceu-se de me incluir na lista de convidados? É isso?

— Não, amigo, pior. Daiane pede-me que fale com você para não ir ao casamento dela. É que o rapaz, o Léo, morre de ciúmes de você.

— Amigo, é só isso?

— Sim, me perdoe — diz Paulo Gustavo, encabulado.

— Querido Paulo, nossa amizade é muito antiga, minha admiração por Daiane também, mas compreendo o momento atual, e se for para fazê-la feliz, fique

tranquilo que não vou aparecer no casamento.

— Perdoe-me amigo, mas filhos crescem e não mais mandamos em suas vontades.

— Que nada, amigo! Não se preocupe, isso não vai afetar o carinho que tenho por todos de sua casa.

— Obrigado, Marcos, por sua compreensão. Lamento muito não ter sido você o escolhido. Sabes que sempre foi o preferido da Helena?

— Sim sei, mas não foi a vontade de Deus. Isso é o que importa. Saiba que se precisar de alguma coisa, estarei aqui.

— Eu sei, amigo, te agradeço muito a compreensão.

— Agora venha, vamos tomar umas cervejas para esquecer e comemorar esse dia que é tão especial para você e para a Helena.

— Vamos sim. Obrigado por sua compreensão e amizade.

— Que nada, amigo, não tens que me agradecer. No fundo de meu coração desejo que a Daiane seja a mulher mais feliz deste mundo, ela merece!

— Obrigado, Marcos.

— Venha, deixe de bobagens.

Marcos sempre nutriu a esperança de um dia casar-se com Daiane, mas nunca conseguiu conquistá-la. E por ser um homem maduro e mais experiente, sempre soube administrar a relação com os pais dela.

Um pouco triste e abatido, vendo sua amada em outros braços, conforma--se com o destino e o entrega nas mãos de Deus. Por muitas vezes, tentou aproximar-se de Daiane, que sempre o repudiou pela diferença de idade e de costumes.

Nutriu durante anos um amor profundo, mas que agora precisará ser esquecido para seu bem viver.

Após alguns goles, os amigos esquecem o assunto e Marcos conforma-se com a decisão e o pedido de Daiane.

## ***Dia do casamento.***

Após a cerimônia religiosa, Léo e Daiane recebem os convidados no salão nobre da casa de festas contratada especialmente para o evento.

Muita bebida, muitos doces e salgados; amigos da faculdade se despedem da amiga, agora casada, e do amigo com o mesmo compromisso, desejando--lhes muitos anos de união e amor. Após todo o cerimonial, correm para o aeroporto para pegar o voo de sua viagem de lua de mel.

O local escolhido por Daiane é Paris. E lá, vivem um amor intenso, passeiam de mãos dadas às margens do Rio Sena, todo iluminado.

Com a Torre Eiffel avistada a distância, entram em um barco para um jantar em um cruzeiro romântico pelo rio, e logo depois uma caminhada pelas ruazinhas de pedras de Marais, com direito a um delicioso sorvete do Berthillon no Île Saint-Louis.

Fazem isso por uma semana, e logo voltam para o apartamento novo e amplo, comprado pelo pai de Léo, também no Ipiranga. A rotina de trabalho de ambos os impedem de passar mais dias fora do trabalho.

Agendam uma viagem mais longa para o final do ano, com destino ao Marrocos, que Daiane sonha conhecer. Léo, totalmente apaixonado, faz todas as vontades de sua amada.

***Filhos são como extensões de nossos mais nobres sentimentos.***

***Frei Daniel.***



## Nascer de Novo

*São Paulo, 13 de dezembro de 1987.*

— Bom-dia, amor!

— Bom-dia!

— Dormiu bem?

— Sim, só estou muito enjoada.

— É hoje que você tem médico, né?

— Sim.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa, mamãe vai comigo.

— Tá bom, estou indo para o escritório. Assim que tiver notícias do bebê, me avise.

— Pode deixar, assim que sair do médico, te ligo.

Léo beija Daiane e segue para o escritório. Daiane espera pela mãe que vem buscá-la para, junto com ela, irem ao médico. Após uma hora, Helena chega à casa de Daiane.

— Entra, mãe. Estou acabando de me arrumar.

— Vamos, filha. Temos um trânsito enorme pela frente.

— Vamos, já estou pronta.

Seguem para a clínica onde Daiane marcara sua primeira consulta para o acompanhamento do pré-natal. É recebida pelo Dr. Gustavo, que conversa com Daiane sobre o que ela vem sentindo, e como estão os primeiros dias da gravidez.

— Bom-dia, doutor!

— Bom-dia, Daiane, primeira gravidez?

— Sim, doutor, estou muito feliz!

— Que bom! Por favor, deite-se aqui, que vou examiná-la.

Daiane deita-se na maca e logo Gustavo começa a examiná-la.

— É, mamãe, pode ser que eu me engane, mas acho que você está grávida de gêmeos!

— Como assim, doutor?

— Isso mesmo, acho que sua gravidez é de gêmeos. Ouça os coraçõezinhos batendo.

Daiane põe em seus ouvidos o estetoscópio e ouve uma marcha intensa de corações batendo. Sente em seu peito um aperto muito grande e começa a chorar. O médico tenta acalmá-la, junto com sua mãe, Helena.

— Que alegria, minha filha, gêmeos! Ah meu Deus, que bênção!

— Sim, realmente é uma bênção para a família!

— Obrigada, doutor!

— Olha Daiane, me parece estar tudo bem; vamos esperar mais algumas semanas para realizarmos uma ultrassonografia e observar os bebês. Os batimentos cardíacos estão normais, e as crianças estão bem.

— Obrigada, doutor!

— Parabéns, mamãe!

— Obrigada, doutor Gustavo.

— De nada, dona Helena. Cuide bem de minha paciente, e qualquer coisa, me ligue.

— Sim, doutor, muito obrigada.

— Liga logo para o Léo, ele vai ficar superfeliz com a notícia.

— Vou ligar, mãe, me deixe chegar no carro.

Muito emocionada com a notícia, Daiane segue a passos curtos para a garagem onde está estacionado o carro da família.

— Liga logo!

— Vou ligar, mãe, deixe eu me refazer. Eu também estou surpresa com a notícia. Calma, por favor!

— Desculpe-me, filha. Estou até vendo a cara de seu pai quando souber que vai ser avô de duas crianças.

— Ele vai ficar feliz né, mãe?

— Não tenha dúvida, querida.

— Vou ligar para o Léo.

— Liga, filha! Liga logo!

Daiane pega o celular em sua bolsa e liga para o marido.

— Alô, Léo?

— Oi, amor. E aí, foi tudo bem no médico?

— Sim, amor! Eu tenho uma notícia para te dar.

— O que houve?

— Tá sentado?

— Estou, fala logo! Não me deixe nervoso.

— Vão ser dois bebês!

— Sério? Uau! Que felicidade!

— Sim, amor, seremos pais de gêmeos!

— Meu Deus, que felicidade! Amor, vá logo para casa, que já estou indo ao seu encontro.

— Tá feliz?

— Como nunca! Te amo ainda mais! Obrigado por você me proporcionar tanta felicidade!

— Bobão, te amo também!

— Vou para casa, não vou ao banco, depois falo com o chefe.

— Sim, vai que já estou indo, você agora tem que se cuidar.

— Deixe de bobagens, gravidez não é doença, estou ótima e o médico disse que os bebês estão ótimos também.

— Tá bom, mas de qualquer forma, vá para casa que estou indo a seu encontro.

— Tá bom, já estou indo.

— Te amo — diz Léo.

— Eu também.

— Agora liga para o seu pai.

— Ah mãe, liga a senhora e fala com ele.

— Não, liga você, ele vai ficar muito feliz!

— Tá bom!

Daiane liga para Paulo Gustavo.

— Pai?

— Oi, filha!

— Você vai ser avô de duas crianças.

— Como assim?

— Estou grávida de gêmeos!

— Meu Deus, que felicidade! Parabéns, filhinha! Que Deus te dê lindos filhos saudáveis!

— Amém, papai. Agora estou indo para casa descansar, depois a mamãe te explica melhor. Beijos.

— Beijos, filha.

— Mãe, eu vou ficar em casa e curtir essa notícia.

— Sim filha, e eu vou preparar uma comidinha para você e para meus netos.

— Bobona.

(risos)

A gravidez de Daiane corre normalmente, e os gêmeos bivitelinos Cléo e Pedro nasceram dia sete de julho de 1988, pré-maturos, mas aparentemente saudáveis.

Daiane acompanha seus filhos todos os dias na maternidade; ela e sua mãe se revezam nos primeiros cuidados com as crianças, que permanecem na incubadora.

Muito preocupadas, embora felizes, põem-se em orações constantes para que tudo dê certo, e que as crianças consigam sair desse estado de perigo.

Os médicos, muito confiantes, tranquilizam Léo e Daiane a todo momento. Dizem que é normal que eles tenham essas dificuldades no início, mas que a medicina está muito moderna e que tudo ficará bem.

— Mãe, ore pelos meus filhos.

— Filha, fique calma, que tudo vai dar certo; não se preocupe, confie nos médicos! Tenho orado por você e pelos meus netos todos os dias lá na casa espírita.

— Tenho tentado, mãe, mas não sei o que será de mim se algo pior acontecer.

— Nada de mal vai acontecer, confie em Catarina, nossa protetora, que tudo dará certo!

— Confio sim mãe, todos os dias tenho orado a ela para cuidar de meus filhos.

— Ainda hoje vou passar na igreja e orar por todos nós. Minha devoção por essa santa já é de longa data, confio que ela não vai me desamparar agora. Cadê o Léo?

— Foi para o escritório.

— Como assim? Os filhos aqui na incubadora, e ele vai trabalhar?

— Mãe, deixe o Léo, é melhor que ele esfrie a cabeça. Ele está muito triste com tudo que vem acontecendo.

— Filha, mas ele é o pai.

— Eu sei mãe, mas deixe como está.

Muito preocupada com a reação de Léo, que deixa a esposa sozinha para cuidar de todos os problemas relacionados às crianças, Helena procura não dar opiniões sobre o casamento dos dois, mas percebe nitidamente um distanciamento de Léo e Daiane.

Após dois longos meses, Cléo e Pedro recebem alta do hospital e vão para casa. O quarto que foi preparado com muito amor por Daiane enfim recebe os bebês. O susto passa, toda a família volta à harmonia normal. Léo dedica-se a ajudar Daiane nos cuidados com as crianças que crescem com saúde e normais.

Após três meses.

— Daiane, vem aqui no quarto.

— O que houve?

— Não sei, acho que a Cléo está com dificuldades para respirar.

Pegando Cléo no colo, Daiane percebe que a menina está bem.

— Me deixe ver. Tá não, amor. Ela é assim mesmo, uma menininha delicada e linda.

— Fiquei observando ela dormindo e acho que a vi parar de respirar por alguns segundos. Assustei-me! Amanhã eles têm médico, não é?

— Sim, amanhã é a revisão.

— Pede ao médico para dar uma olhada mais minuciosa nela.

— Pode deixar.

— Troca a fralda do Pedro para mim?

— Pode deixar.

Léo, muito atencioso, não desgruda das crianças quando chega do trabalho. Muito carinhoso, ele ajuda Daiane nas tarefas familiares quando chega do escritório.

No dia seguinte, conforme combinado, Daiane leva as crianças ao médico.

— Bom-dia, doutora Regina!

— Bom-dia, Daiane!

— Traga as crianças para cá, que vou examiná-las.

— Como elas têm passado? — pergunta a médica.

— Tudo bem, normais, comem bem e dormem bastante.

— Hum! Estão com seis meses, não é isso?

— Sim, completaram ontem.

— Tens notado alguma coisa diferente com elas?

— Não, doutora. Apesar de não ter muita experiência, acho que elas estão bem.

— Alguma alteração nas fezes?

— Não.

— Durante o sono?

— Normais, só o Léo, meu marido, que cismou que a Cléo para de respirar enquanto dorme.

— Ele viu isso?

— Sim.

— Vou pedir alguns exames.

— Alguma coisa errada, doutora?

— Não, rotina.

— Obrigada.

A doutora Regina chama uma enfermeira, de nome Márcia, e manda que ela leve Cléo até a cardiologia e faça um exame de eletrocardiograma. Márcia prontamente leva a menina para fazer o exame. Enquanto isso, examina Pedro.

— E o Pedro, apresenta alguma coisa diferente?

— Não, doutora, eu só acho ele muito quietinho.

— Como assim?

— Ele quase não chora, está sempre dormindo, é muito preguiçoso.

— É, realmente ele me parece bem.

— Que bom, doutora!

— Doutora, com licença — chama Márcia —, preciso que a senhora venha até a cardiologia.

Daiane sente um aperto no coração, e logo que percebe, a doutora Regina a tranquiliza.

— Calma, mãe, esse é o procedimento normal. Tenho que acompanhar o exame da menina.

— Não é nada grave, não é doutora?

— Estou indo lá e já volto com o resultado do exame.

— Estarei aqui esperando.

Muito assustada, Daiane põe-se em oração.

Após alguns minutos, doutora Regina volta ao consultório sem Cléo.

— Bom, mãe, já temos o resultado do exame. Você está sozinha ou tem alguém da família com você?

— Minha mãe está lá fora. O que houve?

— Calma, vou mandar chamá-la. Qual o nome de sua mãe?

— Helena.

Doutora Regina pede a Márcia, sua enfermeira, que vá chamar Helena na sala de espera do hospital.

Desesperada, Daiane começa a chorar convulsivamente, e entra em desespero.

— Cadê minha filha?

— Calma, mãe! Achei seguro interná-la para aprofundar os exames.

Nesse momento Helena entra no consultório, e vendo sua filha chorando, corre para acudi-la.

— Filha, o que houve?

— Não sei, mãe, algum problema com a Cléo.

— Doutora, o que houve?

— Mãe, a menina apresenta uma arritmia cardíaca grave, mandei que fosse realizado um ecocardiograma para termos um melhor diagnóstico. Vamos aprofundar os exames.

— Meu Deus! Calma, Daiane! Calma, filha! Me dê o Pedro.

A doutora Regina então, pergunta a Daiane sobre seu pré-natal.- Daiane, eu preciso que você me responda algumas perguntas, você pode acalmar-se?

— Sim, doutora, desculpe-me, mas estou muito nervosa.

— Eu compreendo, mas você precisa se acalmar para responder algumas perguntas, que são muito importantes neste momento.

— Calma, filha, fique calma! Afinal estamos em um hospital.

— Isso, Daiane, ouça a sua mãe — diz a médica.

Daiane acalma-se e senta-se de frente para a médica que começa a perguntar sobre seu pré-natal.

— Vamos lá, Daiane!

— Sim, doutora, pode perguntar.

— Como foi seu pré-natal?

— Normal.

— Quantas ultrassonografias você fez?

— Várias.

— Quantas?

— Não sei ao certo, mas umas cinco.

— Nenhuma delas apresentou alguma alteração nos batimentos cardíacos das crianças?

— Não, sempre deram normais.

— Você fez outros exames mais aprofundados?

— Não, só fiz ultrassonografias.

— Entendo.

— Por que a senhora pergunta isso?

— Normalmente estes diagnósticos são detectados nos exames de rotina das mães.

— Mas que diagnóstico?

— Não posso lhe afirmar ainda, mas vou aprofundar os exames da criança e depois conversaremos.

— Obrigada, doutora.

— Será que é alguma coisa grave?

— Não sei, depois analisaremos juntas o que é.

— Obrigada.

Helena pega Pedro no colo, o menino está calmo e dormindo.

— Seus filhos são bivitelinos? — pergunta Regina.

— Sim, são.

— Não fique assustada, Daiane, mas tenho que fazer o mesmo exame no menino.

— Meu Deus me ajude!

— Calma, se são bivitelinos foram gerados em óvulos separados; a chance de o menino ter o mesmo problema é muito pequena, mas por precaução vamos fazer uma bateria de exames nos dois.

— Tudo bem, doutora.

— Márcia, leve o nenê para fazer os exames, por favor.

— Sim, senhora.

Márcia toma Pedro dos braços da avó e o leva para a cardiologia.

— Mãe, liga para o Léo, por favor.

— Me dá aqui seu celular, que vou ligar para ele.

Helena sai do consultório e caminha para a sala de espera a fim de ligar para Léo e para Paulo Gustavo. Todos correm para o hospital para acompanhar os fatos relacionados às crianças.

— Léo, que bom que você chegou! Daiane está inconsolável.

— Onde ela está? — pergunta.

— Na sala da doutora Regina, segunda à esquerda — diz Helena apontando com o dedo indicador.

Léo corre desesperado ao encontro de Daiane.

— Oi amor, o que houve?

Daiane cai nos braços de Léo em desespero e começa a chorar convulsivamente.

— Calma, amor! Este é o melhor hospital de crianças de São Paulo. O que houve?

— Cléo parece-me que tem uma doença no coração.

— A doutora já te apresentou os exames?

— Só o ecocardiograma. Agora está fazendo outros exames mais aprofundados para saber da gravidade.

— Calma, amor! Vamos ficar calmos, vai dar tudo certo.

— Ai meu Deus, me ajude — diz Daiane.

— Calma, querida! Onde está o Pedro?

— Também foi levado para uma bateria de exames.

— Deus nos ajude!

Léo deixa Daiane com sua mãe e vai até o balcão principal.

— Por favor, posso falar com a doutora Regina?

— Infelizmente, ela não pode atendê-lo agora, senhor.

— Mas eu sou o pai das crianças.

— Compreendo, senhor. Aguarde, que vou pedir a enfermeira-chefe para falar com o senhor.

A funcionária anuncia no alto-falante chamando a enfermeira Márcia.

Logo ela aparece e dirige-se à família.

— Senhora, a doutora Regina vai demorar nos exames e pede que os familiares aguardem na sala da recepção.

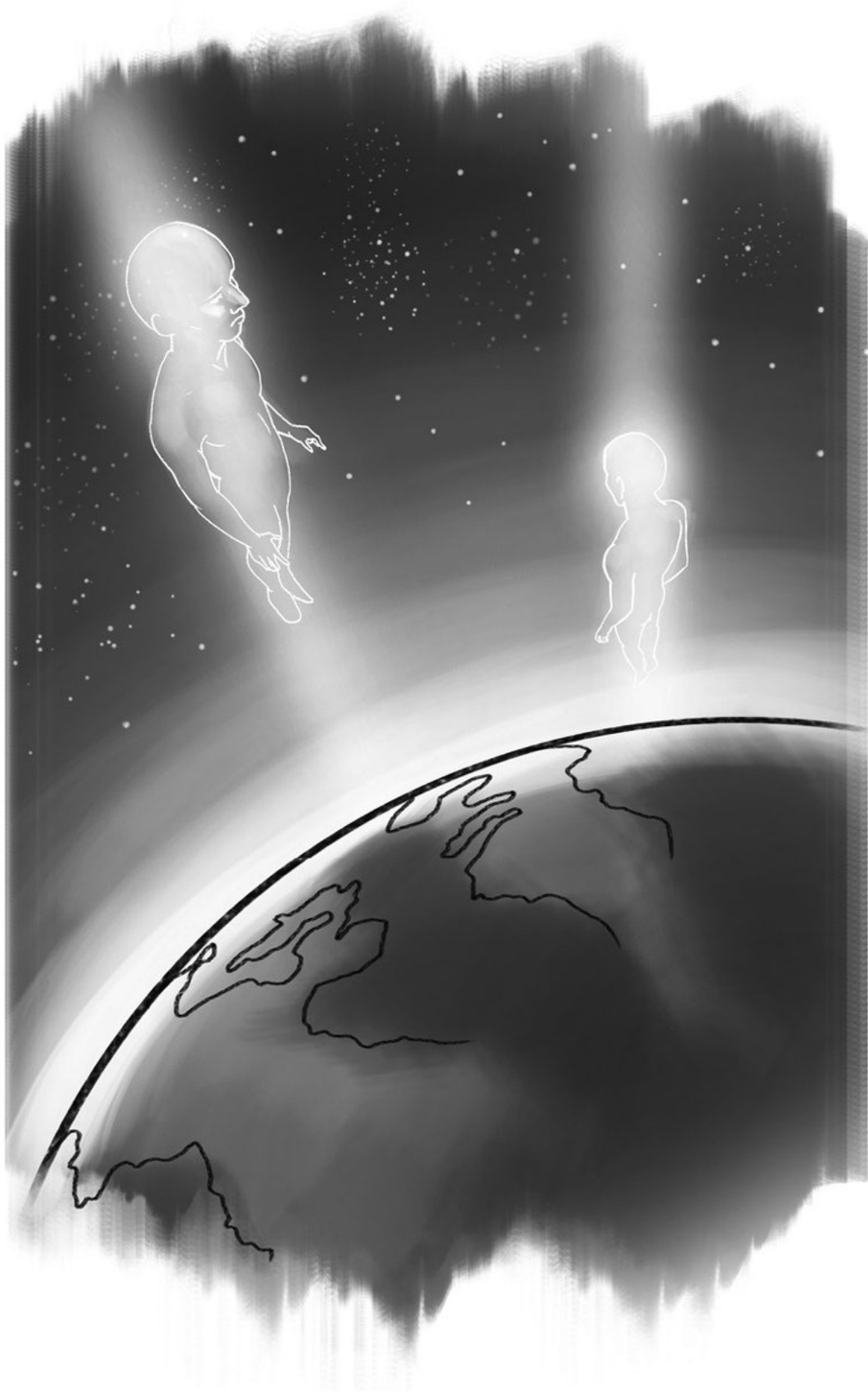
— Obrigada, Márcia — diz Daiane.

— Mas como estão meus filhos? Por favor, me dê notícias.

— Eles estão fazendo os exames, senhor. Por ora, não podemos falar nada ainda, mas em breve a doutora virá falar com vocês.

— Venha, amor. Vamos aguardar lá fora — diz Daiane agora mais calma.

Daiane pede a Léo e a seu pai para sentarem-se em uma confortável poltrona da recepção do hospital e todos ficam aguardando notícias.



## O Socorro

### *Colônia Espiritual Amor & Caridade.*

— Daniel?

— Sim, Marques.

— Precisamos ir à Terra agora mesmo.

— O que houve?

— Nina e Felipe estão no hospital e seu estado é grave.

— Não, Marques, não é grave. Estou acompanhando tudo de perto. Já indiquei um espírito amigo para acompanhá-los de perto. Fique tranquilo, tudo está acontecendo conforme a vontade de todos.

— Tens certeza de que não precisamos ir até lá?

— Sim, fique tranquilo, faça o seguinte: vá até a capela e ore para nossa mentora

para auxiliar nossos amigos na Terra.

— Vou fazer isso! Obrigado, Daniel.

— De nada, Marques.

Marques é o espírito que cuida dos recém-chegados e mantém uma forte ligação com Nina. É um espírito muito evoluído, porém ansioso e quer manter tudo a seu alcance. Desta forma costuma andar a passos rápidos e curtos, parecendo uma locomotiva desordenada.

Todos da Colônia Amor e Caridade têm por ele uma forte estima, pois é sempre gentil e ansioso, e sempre os distrai com sua alegria infinda.



***No hospital.***

— Senhores, a doutora deseja falar com os pais — chama a enfermeira.

— Venha, Daiane, vamos lá falar com ela.

Daiane, Léo, Helena e Paulo entram na sala de atendimento onde está sentada a doutora Regina com vários exames nas mãos.

— Sentem-se, por favor. Márcia pegue outra cadeira para os avós.

Todos se sentam, e é servido pela enfermeira Márcia um copo com água.

— Senhores, eu não tenho boas notícias das crianças. Fiquem calmos, porque o desespero nessa hora só irá atrapalhar o que tenho para lhes dizer.

Daiane começa a chorar e se atira ao colo de Léo, que atentamente ouve o que a médica tem a dizer.

Paulo e Helena estão de mãos dadas.

— A Cléo sofre de insuficiência cardíaca congestiva.

— O que é isso, doutora? — pergunta, aflita, Daiane.

— A insuficiência cardíaca congestiva é uma doença grave em que a quantidade de sangue que o coração bombeia por minuto (débito cardíaco) é insuficiente para satisfazer as necessidades de oxigênio e de nutrientes do organismo. Não significa que o coração tenha parado como algumas pessoas pensam, significa isso sim, a redução da capacidade do coração para manter um rendimento eficaz.

— Meu Deus!

— A insuficiência cardíaca tem muitas causas, entre as quais há certo número de doenças; é muito mais frequente em pessoas mais velhas, dado que têm uma maior possibilidade de contrair as doenças que a causam. Apesar de ser um processo que vai piorando lentamente com a passagem do tempo, as pessoas que sofrem desta perturbação podem viver muitos anos.

— Minha filha vai morrer, doutora?

— Calma, Daiane, deixe-me explicar tudo. No entanto, 70% dos doentes com esta afecção morrem antes de passados dez anos a partir do diagnóstico. No caso de sua filha, ela nasceu ou desenvolveu a doença nesse curto espaço de tempo. Infelizmente não existe um tratamento curativo, ou cirúrgico, que lhe possa prolongar a sobrevivência.

Daiane chora convulsivamente. Léo, Paulo e Helena não conseguem conter as lágrimas. Todos estão chorando.

— Bem, gente, tenho que prosseguir a lhes explicar. Posso?

— Sim, doutora, por favor.

— Bebam um pouco de água.

É feita uma pequena pausa para que todos bebam água. Regina, carinhosamente, toma as mãos de Daiane e de Léo, tentando acalmá-los.

— Estão mais calmos agora?

— Sim, doutora, pode prosseguir.

— No caso de sua menina, a única coisa que vai salvá-la é o transplante. Já mandei inscrevê-la na lista de receptores, para isso precisamos de um doador o mais rápido possível. E vocês precisam assinar umas papeladas.

— Sem problemas — diz Léo.

— E preciso que os pais assinem papéis e documentos que estão sendo providenciados pelo pessoal do administrativo. Já mandei fazer isso.

— Obrigada, doutora — diz Helena.

— Meu Deus, socorro! — desespera-se Daiane.

— Não fique assim, mãe, isso não vai ajudar. Compreendo a gravidade, mas vamos mantê-la em aparelhos até que consigamos o doador compatível.

— Mas ela estava tão bem...

— Ainda bem que você a trouxe aqui hoje, pois sem o acompanhamento médico ela teria poucos dias de vida.

— Léo, o que vamos fazer?

— Calma, amor. Confie na doutora, ela sabe o que faz.

— Helena, por favor, acalme Daiane — pede Léo.

Helena toma a filha nos braços e tenta acalmá-la enquanto Paulo Gustavo corre para buscar outro copo com água. Ambas em lágrimas profundas de dor e desespero abraçam-se e ficam como se não acreditassem no relato da doutora Regina.

— Fiquem calmos, senhores, pois infelizmente ainda tenho algumas notícias relacionadas ao menino.

— Doutora, pelo amor de Deus, não me dê mais notícias ruins.

— Gente, vamos manter a calma. Lembrem-se: vocês estão dentro de um hospital e tudo até agora está sob nosso controle. O menino tem um problema grave, tão grave como o da menina.

— Meu Deus! — exclama Léo.

— O que pode ser pior, doutora?

— Infelizmente o menino também tem problemas de saúde. Vamos aprofundar as pesquisas para detectarmos o problema dele. Por ora, sei que tem problemas nos rins, mas estamos aprofundando nossa investigação para diagnosticá-los com precisão.

— Mas a senhora ainda não tem o diagnóstico?

— Não, precisamos, como já falei, aprofundar a pesquisa para não cometermos nenhum erro. Acontece que no exame de urina foram apresentadas variações anormais para uma criança dessa idade, por isso vamos aprofundar a pesquisa. Como disse, sei que é nos rins, mas fiquem calmos. Ele está bem, vou interná-lo para que possamos tomar as devidas providências.

— Posso vê-los, doutora? — pergunta Daiane.

— Sim, já já levo você lá em cima — afirmou a doutora — deixando-os em sua sala e saindo apressadamente.

— Esperem um pouco que já volto.

Regina sai da sala e deixa Daiane com Léo e seus pais.

— Calma, filha! Não fique assim, vai dar tudo certo! Confiemos em Deus e em nossa querida Catarina – diz Helena tentando acalmar a filha.

— Mãe, onde foi que eu errei?

— Ninguém errou, filha — aproxima-se Paulo Gustavo abraçando Daiane.

— Gente, vamos lá fora tomar um ar? — sugere Léo.

— Venha, filhinha, vamos respirar ares diferentes. Venha!

— Acho melhor que vocês fiquem calmos, as crianças estão sob nossos cuidados, agora é esperar pelos resultados. Assim que tiver uma posição mais detalhada dos fatos, a doutora vai mandar chamá-los — informa a enfermeira

Márcia levando-os até a porta da sala de atendimento.

— Obrigada, Márcia — diz Helena.

— Só fiquem calmos, vai dar tudo certo.

— Obrigada.

Daiane sai muito abatida com as notícias; todos estão em estado de choque, vendo que nada do que esperavam estava acontecendo. Pensavam nas crianças e sofriam sabendo da dor e das dificuldades que todos teriam pela frente.

— Mãe, onde está meu irmão? — pergunta Daiane.

— Seu pai já ligou para ele, ele está vindo para o hospital.

— Pai, conte tudo ao Ailton. Por favor, não esconda nada de ninguém.

— Pode deixar, filha, assim que ele chegar, conversarei com ele.

— Léo, onde foi que erramos?

— Querida, nós não erramos. E vai dar tudo certo, tenha calma.

— Sim, filha, fique calma. Vamos orar na capela do hospital?

— Vamos sim, mãe.

Daiane e Helena seguem juntas para a capela do hospital para rezarem pelas crianças. Léo e Paulo Gustavo preferem ficar na cantina aguardando por Ailton.

— Léo, você não vai avisar a seus pais? — pergunta Paulo.

— Estou tomando coragem. Meu pai é um homem velho, tenho receio de dar essa notícia assim.

— E sua mãe?

— Minha mãe nem sequer viu essas crianças uma vez. Você sabe, ela está separada do meu pai há muito tempo, e não liga para mim e muito menos para meus filhos. Deixe-a com os problemas dela.

— A decisão é sua — diz Paulo.

***O homem é assim o árbitro constante de sua própria sorte.***

***Ele pode aliviar o seu suplício ou prolongá-lo indefinidamente.***

***Sua felicidade ou sua desgraça depende da sua vontade***

***de fazer o bem.***

***Allan Kardec***

## ***Colônia Amor e Caridade.***

— Daniel, o Rodrigo mandou avisar que vai se atrasar um pouco para nossa reunião semanal.

— Obrigado, Marques. Os demais já estão no pavilhão de reuniões?

— Sim, todos já chegaram e estão a lhe esperar.

— Avise-os que assim que terminar minhas orações estarei com eles.

— Pode deixar.

Marques sai apressadamente para levar o recado de Daniel a todos os espíritos que o esperam.

Na Colônia Espiritual Amor e Caridade, uma vez por semana é feita uma reunião entre os dirigentes e os espíritos amigos que trabalham em casas espíritas, espalhadas pela Terra. As pautas dessas reuniões são sempre a ajuda que será permitida àqueles que buscam por intermédio dos espíritos, a ajuda e o conforto para as suas aflições.

Nesse galpão existe um telão do tamanho de uma tela de cinema, onde as

pessoas são apresentadas aos mentores relatando seus problemas; e ali todos os arcanjos e espíritos mais evoluídos intercedem por meio dos merecimentos, no auxílio que será permitido a esses necessitados.

Esses pedidos são trazidos por espíritos que estão em missão na Terra buscando sua evolução, pois sabem que a única forma de alcançarem a tão esperada forma angelical é por meio da caridade dada a estes irmãos que tanto sofrem.

Seguem sempre os ensinamentos do Cristo, que diz:

*E eu vos digo a vós: pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á.*

*E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?*

*Ou, também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?*

*Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial, o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?*

**(Lucas 11:9-13)**

ealiza assim a vontade do Criador em não deixar nenhum filho seu desamparado;

por mais que seja dolorido, sempre haverá o socorro vindo das esferas superiores.



## O Mentor Espiritual

Daniel vem ao encontro de Rodrigo que está ao lado de Daiane na pequena capela do hospital, e juntos aplica-lhe um passe. Ambos passam a interceder na mágoa que enche o coração de Daiane de tristeza. Confortam seu coração e o de Helena, com ondas fluídicas de amor.

— Veja, Daniel, agora é chegada a hora do sofrimento de Daiane e sua família.

— Sim, Rodrigo, precisamos assisti-los para que Nina e Felipe não sofram nesse momento, e solicito-lhe que seja o mentor espiritual de Daiane.

— Mais que isso, Daniel, precisamos auxiliar nossa amiga Helena que tanto dedica-se à caridade na casa espírita — diz Rodrigo.

— É isso mesmo, vamos nos manter energizando essa família para que tudo se passe com menos dor.

Durante o tempo em que Daiane e sua mãe ficam na capela são assistidas por Rodrigo e Daniel. Após algum tempo, ambos terminam e seguem para a colônia Amor e Caridade onde são recebidos por Marques.

— Que bom que chegastes, Daniel!

— Estavas ansioso não é, Marques?

— Não, só estamos atrasados com a nossa reunião!

— Não se preocupe, que o tempo é suficiente para o que temos a tratar hoje.

— Olá, Rodrigo!

— Olá, Marques!

— Bom vê-lo aqui!

— Obrigado, Marques.

— Venha, Rodrigo. Antes de irmos para a reunião, preciso falar-te a sós. Vamos até minha sala — diz Daniel.

Daniel e Rodrigo se dirigem à ampla sala de Daniel.

— Sente-se, Rodrigo.

— Obrigado, Daniel.

Rodrigo ajeita-se na confortável cadeira à frente da mesa de Daniel.

— Rodrigo, nós não tivemos muito tempo para conversar, mas você já sabe da missão de Nina e Felipe que agora estão encarnados e em estado de prova naquele hospital. Preciso que você acompanhe de perto todos os acontecimentos de agora em diante. O quadro deles será de muito sofrimento, e é preciso que Helena e Daiane busquem ajuda na casa espírita em que Helena é assídua frequentadora; e lá, você fará para elas um tratamento espiritual. E tenho certeza que com a intercessão de nossa mentora tudo se transformará. A prova de Daiane e Helena está para se cumprir. Sabes que serão só as duas que ficarão a apoiar as crianças, isso trará muitas rupturas no sistema familiar deles. A distância de Léo as afetará gravemente, mas ao final tudo ficará conforme a vontade do Criador.

— Compreendo Daniel, podes ficar tranquilo, que estarei a todo tempo ao lado delas, e providenciarei tudo o que for necessário para que a missão seja cumprida com a satisfação de todos.

Daniel toma as mãos de Rodrigo e, de forma carinhosa, agradece ao espírito amigo a ajuda e compreensão.

No hospital, Helena está muito aflita e tenta acalmar sua filha.

— Vamos orar, filha?

— Sim mãe, vamos sim. Só não consigo aceitar isso.

— Calma, filha! Tudo tem seu motivo e tenho fé que as crianças sairão dessa!

— Não sei o que será de mim sem meus filhos.

— Não vai acontecer nada, fique tranquila! Agora ajoelhe-se e ore com toda força e fé que possas encontrar em seu coração, eu tenho certeza que Deus atenderá suas súplicas.

Rodrigo aproxima-se mais uma vez de Daiane e aplica-lhe outro passe. Ambas se sentem confortadas, e uma brandura muito grande toma seus corações.

Neste momento Ailton, irmão de Daiane, chega ao hospital muito aflito.

— Oi, pai.

— Oi, filho, como está?

— Estou bem, o que houve?

— A Cléo e o Pedro não estão bem!

— Mas o que houve?

— Não sabemos ainda, até agora só sabemos que a Cléo tem uma má- formação do coração e só o transplante pode salvá-la.

— Meu Deus, o que é isso? — disse Ailton, colocando as mãos sobre o rosto e sentando-se em uma cadeira, parecendo não acreditar no que ouvia.

— Calma, filho! — Paulo coloca as mãos sobre os ombros do filho, acariciando-o.

— Cadê o Léo?

— Está lá fora.

— E como ele reagiu a essa notícia?

— Está chocado, como todos nós!

— Cadê mamãe e Dai?

— Estão na capela do hospital rezando.

— O que faremos?

— Não sabemos ainda, temos que esperar os resultados dos exames que estão sendo feitos no Pedro. Já sabemos que no caso de Cléo só um transplante pode salvá-la.

— Meu Deus, que isso, pai?

— Calma, filho! Desespero agora não vai ajudar em nada. E sua irmã precisa de força e apoio!

— Eu sei, pai, eu sei!

— O que faremos?

— Vamos esperar, daqui a algumas horas teremos os diagnósticos confirmados e vamos agir.

— Sim pai, vamos agir.

Aproxima-se de Paulo a enfermeira Márcia.

— Senhor, a doutora mandou-me chamar a família.

— Já estamos indo, vou buscar minha filha e subiremos até a sala dela.

— Obrigado!

— Airton, vá lá fora e encontre o Léo e avise-o.

— Estou indo, pai.

Paulo vai até a capela e chama Daiane e Helena para o encontro com a doutora Regina, enquanto Ailton sai do hospital para avisar Léo sobre a reunião.

— Daiane?

— Sim, papai!

— A doutora está chamando você.

— Meu Deus, tende piedade de meus filhos!

— Calma, filha! Tenha calma, tudo vai ficar bem — diz Paulo abraçando a filha.

— Venha, Helena, vamos subir.

— Onde está o Léo? — pergunta Daiane.

— O seu irmão já chegou e foi lá fora para procurá-lo. Venha, vamos subir.

— Vamos, filha — diz Helena.

Todos se acomodam nas cadeiras devidamente colocadas para recebê-los.

Ao lado da doutora Regina está o médico responsável pelo UTI, doutor Arnaldo. Ambos estão com papéis nas mãos, resultados dos exames minuciosos feitos nas crianças.

— Daiane, Léo e avós, esse é o doutor Arnaldo, responsável pela UTI, onde as crianças deverão permanecer até encontrarmos os doadores. Infelizmente o Pedro sofre de insuficiência renal grave, seu órgão não está desenvolvendo, e para ele também só resta o transplante.

— Meu Deus! — grita Daiane apoiando seu rosto no ombro de Helena.

— Calma, filha! Por favor, tenha calma.

Léo é abraçado por Paulo. Todos estão em lágrimas.

— Já providenciamos a inscrição das crianças no banco de doadores, mas infelizmente os dois terão que ser mantidos sobre supervisão médica constante. Eles não voltaram mais para casa.

— Socorro, meu Deus! Por que me abandonastes nessa hora? — grita desesperada Daiane.

— Calma, filha! — diz Paulo aproximando-se.

O doutor Arnaldo intercede tentando acalmá-los.

— Agora não adianta ficarem desesperados. Temos que nos manter unidos pelas crianças que precisam urgentemente do transplante. Hoje no Brasil não existe ainda um banco de doadores organizado, o que dificulta e muito nosso trabalho. Só no ano passado é que foi regulamentada uma lei que vai nos facilitar muito. Por ora, temos que procurar doadores entre parentes e amigos. Porém, em ambos os casos sabemos que será muito difícil o doador entre familiares e amigos, pois se trata de crianças com poucos meses de vida, e um órgão de adulto não serve. Precisamos de órgão de crianças até um pouco mais velhas. Mas devido à idade da Cléo, o órgão tem que ter um tamanho que sua caixa torácica comporte, por isso tem que ser pequeno, o que dificulta muito o transplante — explica o médico.

— Meu Deus, o que faremos Léo? — diz Daiane, desesperada.

— Não sei, amor. Tenho a mesma sensação de incompetência que você agora.

— Mãe, por favor, o que faremos?

— Filha fique calma!

Todos na sala choram. No canto do olho, doutora Regina seca disfarçadamente uma lágrima que cai. Sabe que dificilmente as crianças serão salvas.

— Posso ver meus filhos?

— Sim, Daiane, venha comigo — diz a médica, emocionada.

Doutora Regina acompanha Daiane pegando-a pelas mãos, e vai com ela e Léo à UTI onde as crianças estão dormindo após a medicação aplicada.

A UTI é uma sala de aproximadamente doze metros quadrados, com dez leitos, todos com crianças bem pequeninas. Umas são recém-nascidas que estão na incubadora ladeadas por suas respectivas mães.

O ambiente é de muita tristeza e silêncio.

Algumas fotos de super-heróis estão espalhadas pelas paredes, bandeirinhas coloridas enfeitam o teto onde todos buscam distrair as crianças, tentando aliviá-las da dor.

Rodrigo continua ao lado de Daiane, mantendo-se com as mãos estendidas, como lhe aplicando um passe constante, o que muito lhe alivia o coração.

Uma calma indescritível toma o peito de Daiane, construindo dentro de seu âmago uma coragem ainda maior para lutar pela vida de seus filhos. Léo sente-se impulsionado a lutar pelos filhos, agora ele se sente ainda mais disposto a tudo pelas crianças. Após colocarem roupas apropriadas, eles entram na UTI, sempre assistidos pelo espírito amigo que lhes aplica passes fluídicos.

Com lágrimas nos olhos, ambos acariciam seus filhos, um de cada vez. Cresce dentro de Daiane uma força inexplicável para lutar por eles. Léo chora convulsivamente, mantendo-se calado.

Passado o momento de dor e sofrimento, Daiane liga para sua mãe.

— Alô, mãe?

— Sim, meu amor, o que houve? — Helena espera notícias todos os dias.

— Mãe, você pode ficar com as crianças hoje?

— Posso sim, minha filha, mas o que houve? — Tenho que ir ao banco tratar de minha saída.

— Filha, é isso mesmo que você quer?

— Sim mãe, é isso que devo fazer. Preciso de tempo para dedicar-me exclusivamente às crianças.

— Está bem, querida. Faça o que seu coração mandar. Já estava mesmo de saída para ficar com você aí.

— Então venha logo que quando sair do banco eu volto para o hospital!

— Tá. Daqui a uns vinte minutos estarei aí.

Após o tempo aproximado, Helena chega ao hospital.

— Oi, filha.

— Oi, mãe.

— Você decidiu mesmo pedir demissão do trabalho?

— Não tenho alternativa. Não tenho férias vencidas e, além disso, não tenho estrutura para continuar a me preocupar com os problemas dos outros, meu problema é maior.

— Entendo, filha, faça o que seu coração manda.

— É isso que vou fazer. Eu não vou demorar.

— Sem problemas, eu fico aqui o tempo que for necessário.

— Vou indo — diz Daiane.

— Estarei te esperando. E o Léo, onde está?

— Mãe o Léo já desistiu de nossos filhos. Nem sei se nosso casamento vai continuar, nunca vi uma pessoa tão fria como ele. Sinceramente estou muito decepcionada.

— Mas como assim?

— De uma hora para outra ele jogou tudo fora. Agora só pensa em seu barco, em velejar e ir para Santos todos os fins de semana. E eu estou aqui à espera de um transplante que não acontece, e vendo meus filhos morrerem aos poucos. Eu não imaginava que ele fosse tão fraco. Nem para o trabalho ele está indo. Fica em Santos velejando como se nada tivesse acontecendo. Sei que ele precisa de ajuda, mas meus filhos precisam muito mais.

— Meu amor, saiba que eu estou ao seu lado para o que der e vier.

— Eu sei, mãe, isso não vai me abater. Tenho fé que tudo vai se resolver e terei meus filhos de volta.

— Isso mesmo, filha! Pense assim, vamos vencer essa batalha.

— Vou ao banco e já volto. Beijos!

— Beijos, filha. Te amo.

Daiane vai até o banco onde todos os seus sonhos estavam se realizando, e muito triste despede-se dos colegas e assina seu pedido de demissão. Logo ela volta para o hospital para ficar com os filhos.

O estado de Pedro se agrava, as sessões de hemodiálise são constantes e em intervalos de tempo menores, o que é muito sofrimento para a criança que já não resiste e não responde ao tratamento.

— Cheguei, mãe!

— Filha, a doutora Regina pediu para te avisar que assim que você chegasse era para ir até a sala dela, ela precisa conversar com você. O Pedrinho não está bem. Eu fui impedida de vê-lo, pois ele está sendo transferido para o CTI intensivo.

— Vou até a sala dela e já volto — diz Daiane forte e preparada.

— Vai filha, mas fique calma!

Daiane corre desesperadamente à procura da doutora Regina e não a encontra em sua sala. Vai até a sala das enfermeiras e lá encontra a enfermeira Márcia.

— Márcia, eu preciso falar urgentemente com a doutora Regina.

— Ela está no CTI acompanhando o Pedrinho.

— O que houve com meu filho, Márcia? Por que ele foi transferido?

— Não sei informar, só sei que ela o transferiu para o CTI. Não tive tempo para assisti-lo, nem tampouco de falar com ela, estamos com o hospital cheio e com muitos problemas. Espere um pouco, logo ela vai voltar e informo que você está com a Cléo. Fique com sua filha, tenha calma que assim que ela aparecer vai te procurar.

Subitamente Daiane sente seu corpo amolecer e desmaia.

Márcia corre e ampara Daiane antes que ela caia no chão, e junto com outras enfermeiras, a leva para um leito na enfermaria. Logo um médico residente a atende, e sabendo de seu drama, aplica-lhe uma medicação e solicita às enfermeiras que não a acordem, que deixem-na descansar um pouco.

Abatida e muito magra Daiane dorme em sono profundo. Márcia vai até o leito onde está Cléo e avisa Helena do ocorrido com a filha, e segue a orientação do médico deixando Daiane descansar.

Em sono profundo Daiane tem um sonho.

— Mãe, mãe olha para mim!

— Pedro, meu filho, você cresceu! — Daiane sonha com seu filho saudável e muito bonito, aparenta ter cinco anos de idade.

— Mãezinha, não fique triste não, eu estou bem. Sabe, mãe? Eu agora vou viajar para um lugar muito bonito, mas deixo com você minha querida irmãzinha. Cuide dela e saiba que a amo muito, você e o papai. Não fique triste não. A vida segue e eu estarei sempre ao seu lado.

— Filhinho, não me deixe, não saberei viver sem você.

— Sabe sim, mamãe, sabe sim. Eu quero que você seja muito feliz, eu estou bem e agora vou voltar para o lugar de onde vim. Ficarei lá te esperando tá, mãe?

— Filho, não vá! Por favor!

— Tchau, mãe, te amo — dentro de uma nuvem de fumaça azul-clara, Pedro desaparece. Chorando muito, Daiane acorda com o coração disparado. Retira de seu braço o soro que lhe é aplicado.

Rodrigo está a todo tempo a seu lado.

— “Meu Deus, preciso ver meu filho”, Daiane se levanta da maca e vai ao CTI onde estão Márcia e doutora Regina, aparecendo na porta de vidro que separa os ambientes.

Daiane bate com as unhas no vidro para que seja vista por ambas.

Márcia vira-se para trás e vê Daiane no vidro do CTI.

— Doutora, olhe. É Daiane.

— Coloque a roupa apropriada para o CTI nela e traga- a até aqui.

— Sim, senhora — diz Márcia.

Márcia sai e acolhe Daiane pelas mãos.

— Você não deveria estar aqui.

— Preciso ver meu filho.

— Você tirou o soro que estava recebendo?

— Sim, preciso ver meu filho.

— Mas você tem que estar calma para entrar.

— Eu estou calma, só preciso ver meu filho agora, pois sei que ele vai morrer.

— O estado dele é grave. Prometa-me que manterá a calma lá dentro e te levo para ficar próximo a ele.

— Prometo.

— Então venha trocar a roupa.

Daiane troca de roupa e aproxima-se do leito de Pedro, levada pela enfermeira Márcia.

— Entre, Daiane — diz Regina.

— Como ele está, doutora?

— O estado dele é bem grave, só um milagre para salvá-lo, desculpe-me.

— Sem problemas, eu compreendo e agradeço toda a sua dedicação e carinho.

— Não, isso é parte de meu trabalho.

— Posso ficar um pouco com ele sozinha?

— Sim, não muito tempo. Infelizmente, no estado em que ele está, não pode receber visitas.

— Eu entendo. É que tive um sonho com ele e queria muito lhe falar uma coisa.

— Fique por dez minutos.

— Obrigada, doutora.

— Márcia, assim que ela terminar leve-a para ficar com Helena.

— Pode deixar, doutora.

Márcia se afasta e fica na porta aguardando Daiane.

Muito emocionada, Daiane pega na frágil mão de Pedro, e acariciando-a, conversa:

— Meu anjinho, eu entendi perfeitamente o que você quis me dizer em meu sonho. Só peço que você lute com todas as suas forças para ficar perto de mim, pois não sei o que será de minha vida sem você. Deus há de lhe mandar um novo órgão. Lute, meu amor, por favor, lute.

Daiane começa a chorar. E Márcia que assistia a tudo, se aproxima, e colocando as mãos sobre seus ombros, diz:

— Venha, Daiane. Você não pode mais ficar aqui.

Daiane larga a pequenina mão com muita dificuldade e segue junto com Márcia.



## A Casa Espírita

*Na casa espírita.*

— Oi filha, que bom que você voltou! Como está o Pedrinho?

— Não está nada bem.

Márcia intercede.

— Dona Helena, toma conta dessa menina, pois ela também não está bem, chegou até a desmaiar lá em cima.

— Meu Deus, Daiane você tem comido?

— Não como há uns três dias.

— Minha filha, você precisa ser forte.

— Eu sei, mamãe, mas não está nada fácil para mim.

— Eu sei, amor, não está sendo fácil para nenhum de nós. Obrigado, Márcia por me avisar, vou tomar conta para que ela se alimente.

— Até já, senhoras, qualquer coisa é só chamar.

— Obrigada, Márcia.

Daiane senta-se ao lado de sua mãe e pega na mão de Cléo, que dorme profundamente ligada aos aparelhos.

— Mamãe, eu quero te contar uma coisa.

— O que houve?

— Quando desmaiei lá em cima elas me puseram no soro e eu dormi. E durante meu sono eu sonhei com o Pedrinho.

— Que sonho foi esse?

Daiane começa a chorar.

— Calma, filha! Me conte o que você sonhou.

— Mamãe, o Pedrinho vai morrer.

— Como assim, menina? Não fale bobagem.

— Mamãe, ele se despediu de mim.

— Mas como assim?

— Ele me apareceu no sonho com uns cinco anos. Ele estava tão lindo, e conversou comigo.

— O que ele disse?

— Disse-me que tinha que partir, e que era para eu não ficar triste não, que um dia nós nos reencontraremos.

— É isso que sempre te digo, ninguém morre. E se ele te apareceu é porque ele é um espírito muito iluminado. Não fica assim não, isso deve ser coisa da sua cabeça.

— Era muito real, mamãe. Muito real meu sonho.

— Vamos fazer assim, hoje tem sessão lá no centro espírita. Vamos comigo e tentaremos conversar com os mentores.

— Mas quem vai ficar com as crianças? Você sabe que não posso contar com o Léo.

— Peraí, que já vou resolver esse problema.

Helena se levanta e vai até a sala da enfermagem e lá se encontra com Márcia.

— Márcia querida, será que você pode me fazer um favor?

— Claro, dona Helena.

— Você pode ficar com nosso telefone e se acontecer alguma coisa você nos avisar?

— Claro que sim. Pode deixar que eu cuido das crianças. Façamos o seguinte: anote aí meu número e me ligue quantas vezes quiser.

— Obrigada, Márcia! Preciso tirar a Daiane um pouco deste ambiente.

— Tenho certeza que isso fará muito bem a ela.

— Obrigada, Márcia, muito obrigada.

— De nada, podem ir que eu ligo se alguma coisa acontecer.

Helena volta ao quarto, e pegando suas coisas rapidamente, pega Daiane pelo braço.

— Venha, Daiane, vamos ao centro espírita. Vamos pedir ajuda aos nossos mentores espirituais.

— Mas mamãe, e a Cléo?

— Peguei o telefone da Márcia que foi muito gentil e disse que qualquer coisa ela nos liga e podemos ligar para ela a qualquer hora.

— Mamãe, será que isso está certo?

— Certo ou errado, vamos pedir ajuda.

— Então vamos.

Daiane beija a mão de Cléo e sai com sua mãe para irem ao centro espirita.



## A Revelação

Helena é espírita, e todas as quartas-feiras vai até o centro espírita onde integra o corpo mediúnico e auxilia na obra de caridade que aquela instituição realiza.

Logo que chegam elas são recebidas pelos companheiros de caridade.

— Olá, irmã Helena, como estão as crianças?

— Estão bem, Nelson. Graças a nossos mentores espirituais, estão suportando a prova tão difícil. Essa é minha filha Daiane, mãe das crianças.

— Seja muito bem-vinda, Daiane! Saiba que estamos em uma corrente de orações pelos seus filhos.

— Obrigada, senhor.

— Helena, sugiro que você não participe da sessão hoje e dê atenção especial a sua filha.

— Claro, Nelson! Mesmo que eu tentasse não iria conseguir doar nada para ninguém, hoje a paciente sou eu.

— Isso mesmo, Irmã, estais no lugar certo. Já vamos começar a sessão, sente-se próximo a nós. Venha, Daiane! Sente-se conosco.

— Obrigado senhor — diz Daiane emocionada com tanto carinho.

— Mãe?

— Sim, filha?

— Que lugar lindo esse!

— Gostou?

— Sim, sinto uma paz muito grande dentro de meu peito.

— Que bom, minha filha! Eu sempre te convidei para vir aqui.

— É, perdoe-me — diz Daiane.

— Não tens que pedir perdão, venha, vamos nos sentar.

Daiane e Helena sentam-se nas primeiras cadeiras e começam a assistir à palestra, que é ministrada antes da sessão de passes.

Logo o palestrante começa a falar:

— Boa-noite, meus irmãos.

Todos respondem com carinho.

— Hoje quero lhes falar um pouco sobre um livro que nos foi trazido pelos amigos de luz. O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Sugiro que façamos o seguinte: vamos abrir o livro em uma página aleatória. E vamos nossos mentores que nos tragam uma mensagem. O Que acham?

Todos concordam com o palestrante e assim a palestra começa. Com o dedo indicador o médium abre o livro na questão 149 do Livro dos Espíritos.

— Vamos lá, irmãos?

— Vamos.

E lendo pausadamente a pergunta, começa a palestra:

Em que se transforma a alma no instante da morte?

— volta a ser Espírito, ou seja, retorna ao mundo dos Espíritos que ela havia deixado temporariamente.

150. A alma conserva a sua individualidade após a morte?

— Sim, não a perde jamais. O que seria ela se não a conservasse?

150 - a) Como a alma constata a sua individualidade, se não tem mais o corpo material?

— Tem um fluido que lhe é próprio, que tira da atmosfera do seu planeta e que representa a aparência da sua última encarnação: seu perispírito.

150 - b) A alma não leva nada deste mundo?

— Nada mais que a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargor, segundo o emprego que tenha dado à vida. Quanto mais pura para ela for, mais compreenderá a futilidade daquilo que deixou na Terra.

151. Que pensar da opinião de que a alma, após a morte, retorna ao todo

universal?

— O conjunto dos Espíritos não constitui um todo? Quando está numa assembleia, fazes parte da mesma e, não obstante, conservas a tua individualidade.

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

— Não tendes esta prova pelas comunicações que obtendes? Se não estiverdes cegos, vereis; e se não estiverdes surdos, ouvireis; pois frequentemente uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está ao vosso redor.

Comentário de Kardec: Os que pensam que a alma, com a morte, volta ao todo universal, estarão errados, se por isso entendem que ela perde a sua individualidade, como uma gota d'água que caísse do oceano. Estarão certos, entretanto, se entenderem pelo todo universal o conjunto dos seres incorpóreos de cada alma ou Espírito é um elemento.

*Se as almas se confundissem no todo, não teriam senão as qualidades do conjunto, e nada as distinguiria entre si; não teriam inteligência nem qualidades próprias. Entretanto, em todas as comunicações elas revelam a consciência do eu e uma vontade distinta. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a consequência da sua individualização. Se não houvesse, após a morte, se não o que se chama o Grande Todo, absorvendo todas as individualidades, esse todo seria homogêneo e, então, as comunicações recebidas do mundo invisível seriam todas idênticas. Desde que encontramos seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados, e dede que os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e sérios etc., é evidente que se trata de seres distintos.*

*A individualização ainda se evidencia quando esses seres provam a sua identidade através de sinais incontestáveis, de detalhes pessoais relativos à vida terrena e que podem ser contestados; ela não pode ser posta em dúvida, quando eles se manifestam por meio de aparições. A individualidade da alma foi teoricamente ensinada como um artigo de fé, mas o Espiritismo a torna patente, e de certa maneira material.*

Daiane começa a chorar.

— Viu filha, viu? Preste muita atenção neste ensinamento.

Daiane nada responde porém fica muito atenta a tudo o que o palestrante fala.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

— a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória, passageira. Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna.

“Meu Deus! Por que não li isso antes? Vou ler mais um pouco e, quem sabe, encontro mais palavras para confortar Daiane”, pensa Helena. “Melhor, vou ligar para nossa professora e pedir ajuda a ela.”

Após a palestra, Daiane sente uma paz inexplicável, e junto com sua mãe, entra na fila do passe.

Ao aproximar-se do mentor espiritual que dirige a sessão, Daiane é abordada por ele, que lhe pede que o aguarde, pois precisa falar-lhe:

Daiane não compreende muito bem o que está acontecendo, mas obedece e fica a esperar para o atendimento com o mentor de nome Rodrigo.

Após quase todos serem atendidos, Rodrigo, enfim, chama Daiane enfim chama Daiane para conversar.

— Olá, senhorita, como estás?

— Sofrendo. Qual o seu nome?

— Me chamo Rodrigo. E tenho algumas coisas para te falar.

— Pode falar.

— Sente-se, por favor — pede Rodrigo.

Daiane acomoda-se em uma cadeira branca colocada a frente do mentor espiritual.

— Sim senhorita, você está sofrendo muito, não é?

— Sim, meus filhos estão muito doentes e estou quase perdendo as esperanças.

— É a primeira vez que você vem aqui, não é?

— Sim, é a primeira vez.

— Bom, senhorita Daiane, primeiramente gostaria de lhe falar que não há acasos na lei de Deus; tudo o que você está passando e o que ainda vai suportar são provas que Deus mandou para você.

— Porque tanta dor Rodrigo?

— Senhorita, a dor que sentes hoje é a dor da libertação de sua alma. Tudo o que estás vivendo está devidamente dentro das leis divinas e você está preparada para suportar.

— Perder meus filhos?

— Sim, o que chamas de perda é, para os espíritos, uma libertação de cargas que são purgadas com a encarnação.

— Não entendo muito bem isso.

— Nós sabemos, por isso você está aqui.

— Como assim?

— Nós somos de uma Colônia Espiritual, e lá estamos há muito tempo preparando este momento e esta oportunidade para você. Há muito tempo, nós já havíamos combinado essa ocorrência em sua encarnação. Seus filhos são espíritos iluminados de nossa colônia que assumiram essa missão para ajudá-la em sua evolução.

— Como assim?

— Daiane, todos os filhos de Deus irão evoluir, querendo ou não, todos vão evoluir para a perfeição. E o Pai usa a dor como ferramenta evolutiva. Muitas mães perdem precocemente seus filhos para a vida eterna e é por meio da dor que elas conhecem o verdadeiro Jesus, e seguem mudando suas vidas para a tão desejada perfeição moral.

— Compreendo, Rodrigo, porém é difícil aceitar.

— Não sofra, Daiane, acredito em Deus e tudo passará como uma flor que nasce para resplandecer beleza e murcha para renascer de novo.

— Compreendo. Eles vão sofrer?

— A morte não é uma dor para o espírito e sim uma libertação. Logo seus filhos estarão de volta às esferas superiores e lá encontraram a verdadeira felicidade.

— Mas é difícil aceitar.

— Nós compreendemos, e por isso estamos e estaremos ao seu lado sempre.

— Eu te agradeço muito por suas palavras e pelo conforto que hoje sinto em meu coração.

— Nós é que agradecemos a oportunidade de servir. Agora vá e veja as coisas de Deus com os olhos de Deus, que muito ama seus filhos e que Ele não mata e não matará nenhuma coisa criada por Ele. Pense assim e você vai compreender melhor este momento que estás vivendo.

— Queria te pedir uma coisa.

— Podes pedir.

— Olhe por eles, por favor.

— Pode deixar. Eu lhe prometo que estarei ao seu lado em todo o momento, ao seu lado e ao lado do Léo.

— Obrigado.

— Vá, minha querida irmã, e aprenda com Deus que tudo criou e que tudo ama.

— Obrigado, Rodrigo.

— Posso lhe abraçar?

Durante algum tempo, Daiane e Rodrigo se abraçam carinhosamente.

Após o passe Daiane e Helena são convidadas a tomar uma sopa que é servida com muito amor pelo grupo de cristãos que representam aquela honrada instituição.

Helena agradece a todos e segue com Daiane para casa.

— Mamãe, me deixe no hospital.

— Não, eu não vou te levar para o hospital, hoje você vai dormir lá em casa e descansar. É disso que você precisa.

— Mas mamãe, a Cléo vai ficar sozinha?

— Ela não está sozinha, a Márcia me prometeu que vai cuidar dela hoje para nós e, além disso, você precisa descansar.

Refletindo sobre as palavras de Rodrigo, Daiane resolve aceitar a sugestão de Helena e vai com ela para casa.

Aquela noite Daiane nem consegue pensar em seus problemas e dorme um sono regenerador.

Helena sente uma paz interior muito grande, sente-se confortada e conformada com as dores que a vida lhe coloca pela frente.

*Na dor sentimos o sabor das coisas menos preciosas.*

*Rodrigo*



## **A Dor**

***Seis horas da manhã.***

O telefone celular de Helena toca.

— Alô.

— Alô, dona Helena?

— Sim.

— É a Márcia.

— Oi Márcia, o que houve?

— A senhora pode vir para cá urgente?

— Sim, claro, mas o que houve?

— O Pedrinho não está nada bem, e a doutora Regina pediu para chamá-los.

— Estamos indo.

Helena arruma-se junto com Paulo e vai até o quarto chamar Daiane.

— Bom-dia, filha.

— Bom-dia, mãe. Há tempos não dormia tão bem!

— Que bom, meu amor.

— Sabe mãe, gostei muito de ter ido ao centro ontem, senti uma paz inexplicável depois que conversei com o Rodrigo.

— Que bom. Agora arrume-se que precisamos ir para o hospital.

— O que houve? Aconteceu alguma coisa?

— Não sei ao certo. A Márcia me ligou e pediu para irmos para lá. Não fique preocupada. Arrume-se e vamos.

— Tenho fé que as coisas vão melhorar.

— Isso, filha, tenha fé e vamos.

— Vou tomar um banho e estou indo. Será que tem alguma roupa minha por aqui ainda?

— Claro que sim, guardei algumas roupas suas de solteira. Estão naquele armário branco lá do closet.

— Obrigado, mamãe.

— Vá tomar banho enquanto eu preparo o seu café.

— Obrigado.

Helena vai para a cozinha preparar o café da manhã de Daiane e é interrompida por Paulo.

— Helena, o que a enfermeira te disse?

— Disse que temos que ir rapidamente para o hospital.

— E você está aí com essa calma preparando café para Daiane?

— Paulo, ontem nós estivemos lá no centro e estamos preparadas para o pior. Deixe Daiane descansar um pouco. O que tiver que ser, será.

— Não está aqui quem falou, afinal eu confio muito nos mentores lá do centro.

— Isso, deixa ela se arrumar com calma, tomar seu café da manhã. Depois seguiremos para o hospital.

— Vou lá fora preparar o carro.

— Vai sim amor, vai.

Daiane vai até o armário onde estão guardadas algumas de suas roupas e pega uma grande caixa onde guarda ainda algumas de suas lembranças de adolescência. Por algum tempo fica sentada na cama lembrando-se de seu tempo de solteira, dos domingos na praia com os amigos e sente-se muito feliz.

Após tomar o café junto com Helena, Daiane dirige-se ao hospital sem nada saber, mas esperançosa da melhora de seus filhos.

Logo chegam ao hospital e Daiane se dirige ao quarto de Cléo. Sem perceber ela

é seguida pela doutora Regina.

— Daiane?

Virando-se repentinamente para trás, Daiane responde.

— Sim.

— Preciso muito falar com você.

— Diga, Regina, o que houve?

— Perdoe-me Daiane, mas não há nada que possamos fazer pelo Pedro. Ele já não responde mais ao tratamento. Infelizmente estamos perdendo o Pedrinho.

— Posso ir até lá em cima ficar com ele?

— Sim, venha — diz doutora Regina.

Após colocar a roupa apropriada para o CTI, Daiane deita-se ao lado do filho puxando-o para próximo de si e carinhosamente conversa com ele.

— Meu amor, eu recebi seu recado. Sei que já não poderás mais ficar a meu lado, siga em frente e seja feliz. A mamãe vai sofrer muito com a saudade que você irá deixar. Mas o amor que tenho por você é eterno, e por toda a eternidade estarei sempre perto de você, onde quer que esteja o encontrarei e amarei para sempre.

O corpinho de Pedro se desfaz, a morte se instala na criança. Todos choram vendo Daiane agarrada ao filho morto.

Por algum tempo ninguém intercede na despedida de Daiane.

Regina aproxima-se.

— Vem, Daiane, venha comigo - puxando-a pelo braço a doutora Regina tira-a de perto do corpo de Pedro.

Cabisbaixa e chorando muito, amparada por Regina, Daiane segue para a UTI onde estão sua mãe e Cléo.

— Mãe.

— O que houve, filha?

— Mãe, nós perdemos o Pedro.

— Não, por favor, Deus não faça isso com minha filha.

— Calma, dona Helena, fique calma! Nada pudemos fazer. Pedro não respondia mais ao tratamento. Venham comigo, por favor – tirando-as do ambiente doutora Regina as conduz para a sala de descanso dos médicos e trata-as com calmantes.

— Márcia mande ligar para a família, ligue para o pai e o avô.

— Sim, senhora, pode deixar, vou avisar a todos.

— Meu marido está lá embaixo. Por favor, não ligue para ele.

— Fique tranquila, Helena. Eu vou pessoalmente conversar com ele.

— Obrigada, Regina.

Logo chegam ao hospital Léo e Ailton. Sem saberem da notícia, eles vão procurar por Daiane.

Márcia, ao perceber a presença de Léo, o aborda na recepção do hospital.

— Senhor!

— Sim? — responde Léo.

— Senhor, precisa vir comigo.

— Sim, senhora.

— Venha por aqui.

— Obrigado — diz Léo assustado com a recepção.

— A Daiane está nesta sala esperando pelo senhor, podes entrar.

— Obrigado, Senhora.

Léo entra na sala de descanso e vê Daiane deitada.

— Oi amor, o que houve?

Daiane abraça Léo.

— O que houve, Daiane? — insiste Léo, nervoso.

— Perdemos o Pedro.

— Como?

— Perdemos nosso filho.

— Deus por quê? Por que fizestes isso comigo? — Léo começa um choro compulsivo.

Paulo aproxima-se e abraça-o, e pede que todos fiquem calmos, pois não há nada a fazer. Ailton, que chega ao quarto trazido por outro enfermeiro, chora muito ao ver o sofrimento dos familiares. Abraça-se à mãe e todos choram muito lamentando a perda do menino Pedrinho.

Daiane mostra-se muito forte, apesar da perda.

O funeral é providenciado. Marcos aparece para consolar todos os amigos e familiares, o corpo de Pedro é cremado e suas cinzas são entregues a Daiane e Léo.

— Paulo, se precisar de alguma coisa é só avisar — diz Marcos que embora

sabendo que não é bem vindo, fez questão de acompanhar a dor dos amigos.

— Obrigado, Marcos, mas não precisamos de nada. Obrigado mesmo pelo carinho e atenção.

— Os amigos são para essas horas.

Cléo, ainda internada, sobrevive com a ajuda de aparelhos. Apesar de todo o sofrimento, ela cresce e completa um ano de vida.

A morte de Pedro afasta Léo de Daiane. Poucas vezes eles se veem. Daiane dedica todas as suas horas a ficar no hospital acompanhando de perto o drama da filha. Sua mãe, Helena, tenta revezar com a filha que não quer ajuda de ninguém, isolando-se no hospital com Cléo.

Tentando levar uma vida normal, Léo volta à sua rotina e somente uma vez por semana visita a esposa e a filha no hospital. O encanto e o amor, tão grande, entre os dois, se esfriam; ficam distantes um do outro. Daiane sofre com a doença da filha e com a pouca importância que Léo dá a tamanho sofrimento. Seguem ambos por caminhos diferentes.

Léo, dedicado à sua carreira e aos negócios; e Daiane, totalmente dedicada à filha. As viagens e os planos ficam para trás. Léo cada vez mais fica na cidade litorânea de Santos, onde monta um escritório e muda-se para lá. Poucas vezes vai a São Paulo, para ver a filha e Daiane. A separação está consumada.

*Saudade é uma dor que fere nos dois mundos.*

*Chico Xavier*

## ***Colônia Amor e Caridade.***

— Daniel?

— Sim, Marques!

— A doutora Cristina, responsável pela enfermaria, deseja falar com você.

— Avise-a que vou a seu encontro.

— Avisarei sim.

Daniel sai de sua sala a passos lentos, caminha entre os jardins da colônia, encontra vários espíritos que estão descansando após suas jornadas de trabalho nos galpões da colônia, para e conversa com um e com outro. Daniel tem por hábito dar atenção a todos, sem distinção.

Finalmente, chega à enfermaria e vai ao encontro da doutora Cristina, responsável pela ala norte, onde se recuperam pacientes que chegam da Terra. Nessa ala os pacientes são mantidos no sono da recuperação. Ficam deitados em uma cama confortável onde dormem sem serem acordados, por um tempo determinado para sua total recuperação.

— Irmão Daniel, que bom tê-lo aqui! – diz doutora Cristina.

— A honra é minha, doutora! Soube que desejas falar comigo?

— Sim, venha, vamos até o leito número oito, por favor.

Caminham até o final da enfermaria.

As paredes são brancas e a luz é de cor violeta, um pouco baixa, que mal dá para se ver as macas brancas lado a lado. Entre as macas há uma pequena mesa de vidro; em cima, um jarro com água e um copo. Ao lado do copo uma prancheta com anotações médicas.

— Veja, Daniel, o Felipe já está recuperado. Gostaria de saber se devo acordá-lo ou se esperamos a Nina chegar.

— Acho que convém esperarmos a Nina chegar, Ela tem pouco tempo na Terra e tudo o que prevíamos está acontecendo. Acho que se acordarmos o Felipe agora iremos causar desconforto e preocupações a ele com a ausência de Nina.

— Por isso não fiz nada sem conversar com você, tenho a mesma opinião. Felipe não consegue ficar muito tempo longe de Nina.

— É Irmã, é desnecessário acordá-lo.

— Obrigada, Daniel, por sua orientação e ajuda.

— De nada, vou caminhar mais um pouco em sua ala.

— Me dê à honra. Precisas que te acompanhe?

— Não Irmã, não faça isso! Deixe que vou só.

— Obrigada, Daniel, mas Irmão, posso te fazer uma pergunta?

— Claro, fique à vontade.

— Existe alguma possibilidade de a Nina não voltar agora? Ou seja, a missão dela pode ser estendida por mais alguns anos?

— Doutora, tudo pode na vontade de Deus. Sabemos que nosso objetivo já está sendo quase atingido. Daiane já frequenta a casa espírita e lá se consumará o combinado com todos. Mas a misericórdia de Deus é infinita e Ele pode determinar que as coisas sigam por outro caminho. Isso nem mesmo os espíritos mais elevados sabem. Muitas preces estão sendo feitas pela menina Cléo, e as preces podem realizar coisas inimagináveis. Para nós, resta seguir esperando que as leis divinas se cumpram.

— Compreendo, Daniel, então o mais sábio mesmo é não acordar o Felipe.

— Sim, Irmã, vamos esperar as coisas acontecerem.

— Obrigada, Daniel.

— De nada, irmã, agora vou dar o meu passeio.

— Até já.

— Até — diz Daniel começando sua caminhada entre as macas onde algumas dezenas de pacientes dormem o sono recuperador.

Daniel caminha entre as macas passando sua mão sobre todos os pacientes e cumprimenta todos os espíritos que ali trabalham; todos ficam muito felizes afinal, Daniel é o presidente da Colônia Espiritual Amor e Caridade.

Nesse momento Marques, afobadamente, interrompe o passeio de Daniel.

— Daniel, Daniel, o Rodrigo chegou e está a lhe procurar!

— Obrigado, irmão Marques. Já estou indo para minha sala. Peça que me aguarde, por favor.

— Sim, senhor, pode deixar!

Continuando a dar os passes nos pacientes, Daniel segue sua rotina de amor e caridade.

Terminado o trabalho, volta à sua sala.

— Olá, Rodrigo — cumprimenta-o.

— Olá, Daniel!

— Como está a Nina? Digo, Cléo? — pergunta Daniel.

— Está bem, cumprindo sua missão.

— Agora teremos o doador, e será a parte mais difícil dessa missão.

— É, Daniel, eu sei. Tenho estado ao lado da família a todo tempo, já consegui levar Daiane ao centro espírita, agora minha missão é convertê-la aos ensinamentos de Jesus.

— Tenho certeza de seu sucesso.

— Obrigado pela confiança. Vim aqui para te pedir que acorde o Felipe, pois acho conveniente que ele desça em missão comigo; isso o ajudará bastante em sua evolução. O que achas?

— Excelente ideia, Rodrigo, não tinha pensado nisso. Ainda há pouco estava conversando com a doutora e tínhamos decidido não acordá-lo. Mas acho muito conveniente que ele acompanhe você, não só no hospital, mas também nas sessões da casa espírita.

— A necessidade de espíritos bons na Terra me fez fazer esse pedido.

— Compreendo, vou mandar acordá-lo e trazê-lo aqui agora mesmo.

— Ele ficará muito feliz, tenho certeza.

— Sim, ele já está pronto para ser acordado.

Daniel se levanta, vai até a porta de sua sala e chama por Marques.

— Marques, Marques.

— Sim, senhor! – entra Marques apressadamente na sala.

— Por favor, vá até a doutora Cristina e fale com ela para acordar o Felipe e traga-o aqui.

— Mas o senhor falou para não acordá-lo!

— Marques, faça o que te peço sem mais perguntas, por favor!

— Perdoe-me, senhor, perdoe-me.

Marques sai apressadamente e passa o recado para doutora Cristina.

Felipe é acordado e encaminhado para a sala de Daniel, onde Rodrigo o aguarda.

— Boas-tardes, Felipe!

— Boas-tardes, irmãos!

— Obrigado por me acordarem, sinto-me muito bem e pronto para voltar ao trabalho.

— Irmão, sua missão na Terra foi muito bem-sucedida. Agora Rodrigo precisa que você desça com ele e ajude Nina a terminar a dela.

— Com prazer. Podemos ir?

— Já iremos, Felipe. Antes preciso tratar de uns assuntos aqui com o Daniel. Faça-me um favor, vá até a ala das crianças e fique um pouco com elas, afinal estão saudosas de você.

— Poxa, como pude ser tão desatencioso?! Como posso descer, sem antes ver as crianças? Perdoe-me, Rodrigo; perdoe-me, Daniel.

— Se me permitem, estou indo vê-las.

— Vá, Felipe — diz Daniel.

Felipe sai junto com Marques para visitar a enfermaria das crianças que o recebem com abraços, músicas e muita alegria.

Rodrigo permanece reunido com Daniel.

— Sim, Rodrigo, o que deseja conversar comigo?

— Não é nada demais, apenas a preocupação com as crianças de Nina. Fiz isso de propósito para que o Felipe fique um pouco com elas.

— Sábia atitude.

— Obrigado, Daniel.

Após algumas horas, Daniel manda chamar Felipe e reúnem-se com Rodrigo para definir o restante dos trabalhos.

— Rodrigo, queria muito te agradecer por me lembrar das crianças — diz Felipe, emocionado.

— Nada Felipe, agora nós vamos voltar para a nossa missão na Terra.

— Sim, vamos logo.

— Podemos, ir Daniel? — pergunta o ansioso Felipe.

— Sim, estão autorizados. Mas lembre-se não se pode interferir nas coisas já combinadas!

— Fique tranquilo, Daniel, não vou interferir em nada. Apenas serei um

companheiro de Rodrigo nessa missão.

— Rodrigo, supervisione tudo; e que nossa mentora esteja com vocês. Boa viagem.

— Obrigado, vamos Felipe, vamos.

Rodrigo e Felipe chegam ao hospital. Felipe sente uma forte dor no peito ao rever Daiane ali, sentada chorando perto do pequeno corpo doentio de Cléo. Rodrigo percebe o momento e abraça-o.

— Não fique assim, vá se acostumando a essas emoções.

— Obrigado, Rodrigo — agradece Felipe.

A enfermeira Márcia entra na enfermaria.

— Daiane, a doutora Regina pede que vá até a sala dela, parece-me que temos boa notícia para a Cléo.

Saltando da cadeira radiante, Daiane anda a passos rápidos até a sala de atendimento onde estão a doutora Regina e o doutor Arnaldo.

Arnaldo pé, e num gesto convida Daiane a sentar-se.

— Entre, Daiane. Sente-se, por favor — diz Arnaldo.

— Pois não, doutor, pode falar.

— Calma — diz Regina.

— Daiane, nós conseguimos um doador compatível com a Cléo!

— Deus seja louvado! — diz Daiane emocionada, levando as mãos ao rosto e começando a chorar.

Nesse exato momento, Helena que acabara de chegar ao hospital, entra na sala onde estão reunidos.

— Mãe, mãe, sente-se aqui e olha que boa notícia que o Arnaldo e a Regina têm para nós. Eles conseguiram um doador compatível com a Cléo!

— Meu Deus! Que notícia boa!

— Sente-se, por favor, dona Helena — convida Regina.

— Como eu ia falando, nós vamos assinar a papelada e transferi-la para o centro cirúrgico.

— Claro, façamos isso rapidamente — diz Daiane emocionada e secando as lágrimas.

— O órgão já está a caminho — diz Regina.

— De onde vem? — pergunta Daiane.

— Vem do interior de São Paulo. Se não me engano, de Limeira, mas essas informações não podem ser passadas ainda para vocês. Só será permitida se a família do doador aceitar.

— Compreendo! Vamos, doutor, vamos acelerar — insiste Daiane.

Márcia assiste a tudo encostada na porta de entrada da sala, recebe o sinal verde para dar continuidade ao transplante.

— Márcia, leve Daiane e sua mãe para assinar a papelada enquanto preparamos a menina.

— Sim, doutores.

— Venha, Daiane, vocês precisam vir comigo para assinar a documentação.

— Venha, Daiane, vamos logo — diz Helena.

— Doutor, muito obrigado.

— De nada, Daiane, de nada.

— Mãe, que bom né? Nós conseguimos, viu?

— Vi, filha. E você não sabe de onde estou vindo?

— De onde, mãe?

— Do centro espírita.

— Mãe, você é um anjo mesmo! Vou pedir aos mentores de lá que me ajudem e ajudem a Cléo neste momento.

— Filha, eu trouxe-lhe um livro maravilhoso, e quero que você leia o mais rápido possível. Acho que com este livro você vai entender tudo o que está

acontecendo em sua vida. E olha, faça isso mesmo, eu também tenho conversado muito com os mentores de lá rogando a eles que nos ajudem neste momento tão difícil de nossas vidas.

— Tá bom, mãe, depois eu leio sim.

Daiane assina toda a documentação necessária à realização do transplante e segue para a UTI para despedir-se de Cléo.

Doutora Regina explica a Daiane todos os riscos cirúrgicos que esse tipo de procedimento impõe. Informa que nem só a cirurgia precisa ser bem-sucedida, Cléo precisa aceitar a medicação após o ato cirúrgico, os riscos de rejeição são grandes, mas confia que tudo vai dar certo.

— Pode deixar, doutora. Vou ficar aqui orando por vocês e por minha filha.

Nesse momento Felipe começa a chorar. Rodrigo o consola e o convida a dar um passe em todos os envolvidos na cirurgia. Pede a Felipe que fique ao lado de Daiane e Helena, enquanto ele estará ao lado do médico cirurgião conduzindo o bisturi no ato cirúrgico.

Cléo é operada e a cirurgia de implante é um sucesso. E após seis meses de internação finalmente ela tem alta, e é levada para casa. Os medicamentos antirrejeição funcionam perfeitamente.

Rodrigo e Felipe seguem sua rotina normal na colônia Amor e Caridade.

Daiane, finalmente, volta a seu apartamento e começa a fazer planos para o futuro. Contrata uma babá para ajudá-la com Cléo e volta ao antigo emprego na esperança de ainda ter colocação. Afastada de Léo, que pouco participou de todo o drama dos filhos, Daiane repensa sua vida.

Helena agora trabalha intensamente na ajuda aos menores carentes na obra assistencialista da casa espírita de que participa. Essa casa espírita desenvolve um trabalho de educação e higiene pessoal, passada as crianças de comunidades carentes do entorno da cidade de São Paulo.

Possui uma pequena creche onde são deixadas crianças para que as mães possam trabalhar, evitando assim que fiquem abandonadas nas ruas sem um acompanhamento educacional correto.

As sessões de atendimento são às terças, quartas, quintas e sextas. Nos sábados são realizadas as cirurgias espirituais. Helena frequenta todas as sessões, sempre acompanhada por Paulo, que gosta de ajudar principalmente no trabalho com as crianças.

Helena liga para Daiane.

— Alô, Daiane?

— Oi, mãe!

— Você vai vir à sessão hoje?

— Vou mãe, vou sim; mas não vou demorar, tá?

— Tá bom, filha. Venha sim, hoje é sessão de psicografia.

— Tá mãe, pode deixar, daqui a pouco estarei aí.

— Que bom, minha filha. Eu te amo!

— Te amo também, mamãe!

— Beijos.

— Beijos.

Daiane foi aceita de volta no banco em que trabalhava. Muito querida por todos, logo voltou à sua rotina de trabalho.

Passadas algumas horas, Daiane chega ao centro espírita e é recebida com carinho por todos os que se mantiveram em orações pela Cléo. Muito feliz e tímida com as homenagens que recebe por ter sido uma guerreira e não ter desistido da filha, Daiane sente-se comovida e feliz por estar ali.

A sessão começa. Quatro médiuns estão à mesa com lápis e papel nas mãos para as psicografias.

Rodrigo está comandando a reunião. Alguns espíritos se comunicam por meio da escrita, esses espíritos são trazidos à sessão por parentes que estão na erradicidade há muito tempo. São trazidos normalmente para rever seus familiares mais recentes, e deixar mensagens que irão confortar os corações daqueles que ficaram a sofrer com suas ausências. Essas reuniões são de extrema valia para a conscientização da vida eterna. Muitos espíritos recém-desencarnados ficam em sofrimento achando que nunca mais vão rever seus familiares, e desta forma são consolados e aliviam a saudade.

Rodrigo então convida Felipe para psicografar uma carta à sua mãe Daiane.

— Venha, Felipe, está na hora de você escrever para Daiane. Seja curto e objetivo.

— Mas Rodrigo, eu desencarnei ainda bebê sem saber ler e muito menos escrever. Será que ela vai acreditar na minha mensagem?

— Não se preocupe com isso. Daiane está sendo uma excelente aluna do espiritismo e já compreende que o espírito quando volta para o mundo espiritual adquire sua consciência plena.

— Ah bom! Então vou escrever uma carta bem bonita para ela.

— Vá e não se delongue.

— Obrigado, Rodrigo.

Felipe então aproxima-se do médium e começa a intuí-lo a escrever:

*Querida mãezinha,*

*Apesar do pouco tempo que fiquei a seu lado, aprendi a amar-te profundamente. Hoje vim aqui para dizer que te amo muito e acompanhei toda a sua luta para salvar minha irmãzinha. Mãe, lembra-se do nosso sonho, lembra que eu estava crescido e feliz? Pois bem, agora já sou grande e quero te pedir para ser feliz, sempre feliz, pois por toda eternidade estarei a seu lado te protegendo e te amando.*

*Com amor, seu filho Pedro.*

Daiane recebe a mensagem e não contém as lágrimas de alegria. Chora compulsivamente nos braços de sua mãe, Helena. O que ela não esperava acabara de chegar. A resposta a todas as suas dúvidas e a certeza de um Deus verdadeiro e misericordioso. Abraçada por todos ao final da reunião sente-se como estar em casa, rodeada de amigos sinceros e verdadeiros.

— Mãe, muito obrigada por você me trazer aqui. Nunca acreditei muito nos espíritos, mas agora não tenho nenhuma dúvida. Pouco antes de o Pedrinho

morrer sonhei com ele e hoje ele me lembra do sonho, coisa que só nós dois sabíamos. Mãe, eu não tenho mais dúvidas, quero servir a Jesus por meio dessa doutrina e ajudar meus irmãos mais necessitados.

— Que bom, meu amor, que você aceitou Jesus em seu coração, e será muito útil aqui, isso podes ter certeza.

— Obrigada, mãezinha, te amo!

Daiane deixa o centro espírita feliz com as notícias do Pedro, fica realizada e leva consigo alguns livros da codificação para ler e estudar. Decidida, sabe que o caminho novo é o caminho certo a seguir.

Após seis meses, Daiane e Helena são as trabalhadoras mais assíduas da instituição. Elas desenvolvem juntas vários projetos humanitários de ajuda aos menos favorecidos. Daiane advoga gratuitamente para a instituição. Atende a diversas pessoas que, sem condições de pagar um advogado, a procuram na instituição filantrópica.

## ***Domingo.***

Todos os fins de semana Daiane dorme na casa de Helena, devido ao trabalho no centro espírita.

— Daiane, Daiane, acorde!

— Sim mãe, o que houve?

— O Léo está aí, ele quer ver a Cléo.

— Avise-o que ela está dormindo.

— Já falei, mas ele insiste.

— Já vou lá falar com ele.

— Tá bom!

Daiane troca de roupa e vai até a varanda para falar com Léo, que está com a fisionomia muito abatida.

— Oi Léo, tudo bem? A Cléo ainda está dormindo.

— Eu sei, sua mãe já me falou.

— Então, ou você volta mais tarde, ou espere ela acordar.

— Eu queria mesmo era falar com você.

— Comigo?

— Sim, com você.

— Fale.

— Você me esqueceu muito fácil, né?

— Léo, não me venha com essa conversa, nosso casamento acabou. O que nós precisamos fazer agora é cuidar dos papéis para pôr fim a essa história.

— Eu sei, Daiane, que fui fraco quanto à doença das crianças. A perda do Pedro muito me frustrou, eu me afastei de tudo por não me sentir competente para

suportar tamanha dor.

— Por favor, não vamos falar sobre o Pedro, isso não vem ao caso agora. Decida se vai esperar a Cléo ou se vai embora.

— Você não suporta minha presença?

— Não é isso, é que tenho algumas coisas para fazer, e não vou ficar aqui perdendo tempo com você.

— Tá bom, eu vou embora. Só queria te dizer que ainda te amo e que se precisar de mim, sabes onde me encontrar.

— Vai com Deus, Léo.

Cabisbaixo, Léo sai lentamente da presença de Daiane.

Daiane sente uma dor no peito, no fundo sabe que Léo é uma pessoa fraca para traumas e dores fortes, sabe que o motivo que o fez afastar-se de todos foi sua insegurança com a realidade. A morte de Pedro muito o afetou. Sente um misto de pena e saudades dos momentos vividos a seu lado.

Seu coração agora está vulnerável, não sabe bem ainda o que deve fazer.

Lembra-se dos ensinamentos da doutrina espírita em que tem que ser compreensivo com os mais fracos, e não guardar mágoas de ninguém nessa vida.

Devota e caridosa, Daiane sabe que um dia terá que decidir sua vida amorosa. Sabe que o amor por Léo ainda está acesso e pulsando dentro de seu coração. Continua sendo uma mulher linda e atraente a todos. Apesar de todo o sofrimento passado, sua beleza continua a resplandecer.

Seu coração ainda pertence a Léo, o amor vivido com ele é inesquecível e um dia terá que decidir por ele ou pela separação definitiva.

Prefere não pensar nisso agora, está muito envolvida com o escritório e a saúde de Cléo, que apesar dos medicamentos controlados para evitar a rejeição, tem uma saúde muito debilitada e requer cuidados especiais a todo o momento.

Helena é a grande parceira nos cuidados e no tratamento de Cléo, ambas revezam junto com a babá nos cuidados da menina.

Helena, que tinha ouvido toda a conversa, aproxima-se da filha.

— O que ele queria, querida?

— Queria ver a Cléo, mas foi embora.

— Por que você não o convidou a entrar e esperar a menina acordar?

— Mãe, o Léo está sofrendo ainda a perda do Pedro, e ver a Cléo debilitada como está só aumentará seu sofrimento.

— Mas ele é pai, e tem que ficar sabendo de tudo que está acontecendo.

— Eu sei, mãe, mas ele não suporta.

— Tá bom, filha, sem problemas. Filha, eu sei que não tenho nada com isso, mas você é uma mulher tão linda e precisa de um companheiro.

— Eu sei mamãe, sinto muito a falta dele. Eu só não o procurei antes, porque acho que isso tem que partir dele, entende?

— Entendo sim, filha; e agora tenho mais uma coisa para orar.

— O que a senhora vai orar?

— Vou orar para que vocês voltem logo e sejam muito felizes.

— Ore sim, mamãe. Eu sei que me mostro durona, mas ainda amo muito o meu marido.

— Que bom, minha filha! Pode deixar que eu vou orar muito por vocês lá na casa espírita.

— Obrigado, mãe.

— Sabes que sempre pode contar comigo, né?

— Sei sim.

— Amanhã pela manhã temos que levar a Cléo na Regina para os exames de rotina — diz Daiane.

— Eu sei e vamos juntas. Agora vá dar uma volta, vá se distrair um pouco, que cuido de tudo!

— Acho que vou fazer isso mesmo!

— Vai, filha, se distrair. Afinal nos últimos dias você só tem trabalhado e cuidado da Cléo, e você precisa se divertir!

— Vou ao shopping dar uma volta, almoço por lá e à tarde estarei de volta. Vou até ligar para minhas amigas.

— Vai, filha, faça isso.

Daiane toma banho, troca de roupas e resolve passar parte do dia no shopping com os amigos Tainá e Júlio.

— Olha, Daiane, quem está ali? — diz Tainá apontando com o dedo indicador.

— Onde?

— Sentado naquela mesa, olha!

— Ah, o Marcos.

— Sim, finja que não vê.

— Por que você não dá bola para esse gato?

— Tainá. nem brinque com isso. Durante toda a minha vida todo mundo tenta me empurrar para o Marcos.

— Tá bom, amiga, vamos passar pelo outro lado para que ele não nos veja.

— Obrigada, querida. Ele é uma pessoa muito boa, mas não serve para mim. Agradeço todos os dias a Deus por ter nos dado a amizade dele, muito ajudou minha família, mas nunca pensei em ficar com ele, isso não faz parte de mim.

— Entendo, relaxa, deixe isso pra lá, só estava brincando.

— Vamos entrar nessa loja aqui, quero comprar uma roupinha para a Cléo e aproveitar comprar também algumas para as crianças da creche da casa espírita.

— Vamos, vou comprar também, você entrega as crianças para mim? — diz o amigo Júlio.

— Claro, compre que eu levo — diz Daiane.

Daiane diverte-se com os amigos no shopping.

No final do dia ela volta para casa cansada, porém muito feliz.

— Ainda bem que você chegou, Daiane — diz Helena, assustada.

— O que houve, mãe?

— Não te liguei, não quis te incomodar, mas a Cléo está febril.

— Quanto está a temperatura dela?

— Trinta e nove. Daí dou o remédio e a temperatura abaixa, mas logo sobe de novo.

— Vou ligar para doutora Regina!

— Eu não liguei porque não tinha o telefone dela.

— Vou ligar, mãe, pode deixar — Daiane corre para pegar seu celular onde está o telefone de Regina.

Daiane liga para doutora Regina que pede que leve a Cléo para o hospital. E logo que chegam são orientadas pela enfermeira a seguirem até a enfermaria no segundo andar.

Cléo é colocada em uma cama e aguarda a visita da médica.

— Olá Daiane, oi dona Helena. O que houve com a Cléo?

— Ela está febril, desde cedo — informa Helena.

— Vou examiná-la.

Todos se afastam enquanto Regina faz um exame minucioso em Cléo.

Após alguns minutos...

— Daiane, eu vou ter que internar a Cléo para aprofundar os exames.

— Tudo bem, Regina, vou ficar aqui esperando as notícias — aceita Daiane com passividade.

— Assim que tiver alguma posição te aviso.

— Obrigada, Regina.

Daiane beija a face da filha que dorme em sono profundo. Helena repete o gesto.

Cléo é conduzida a outra sala, onde serão realizados todos os exames.

Voltar ao hospital traz a Daiane as lembranças do sofrimento e das amarguras vividas com Pedro. Triste e de cabeça abaixada, Daiane senta-se na sala de espera, aguardando notícias de sua filha. Mantem-se em oração a Deus pedindo a interferência dos bons espíritos.

Helena, sua fiel companheira, pega nas mãos da filha, e juntas, clamam por ajuda dos bons feitores.

## ***Colônia Amor e Caridade.***

— Vamos, Felipe, temos que ir agora a Terra — diz Rodrigo.

— O que houve? — reclama o assustado Felipe.

— Nina precisa de nossa ajuda.

— Vamos logo — diz Felipe.

Rodrigo e Felipe chegam ao hospital e ficam ao lado de Daiane, irradiam sobre ela fluidos de paz e serenidade.

— Felipe fique aqui, que eu vou acompanhar Cléo de perto.

— Deixe que eu cuide de Daiane e Helena.

Dra. Regina tenta controlar uma convulsão que Cléo está tendo naquele exato momento. Rodrigo aproxima-se e, estendendo as mãos, derrama sobre elas fluidos vitais colhidos no ambiente.

— Deus, nós estamos perdendo a Cléo — exclama doutora Regina.

— Vamos entubá-la e tentar estabilizar — diz a médica tentando salvar a jovem menina.

— Sim, doutora — afirma Solange, enfermeira de plantão.

Corre, corre no atendimento, Cléo é posta numa maca e lavada com urgência para a UTI.

Os esforços são em vão. Cléo desencarna mesmo antes de serem realizados os exames. Só a autópsia poderá determinar o motivo da morte.

Rodrigo mantém fluidos sobre Cléo. E transporta seu espírito para esferas superiores, deixando Felipe ao lado de Daiane, para dar-lhe conforto em momento tão difícil.

— Felipe, fique com a Daiane, estou indo para a Colônia levar a Nina. Depois eu volto.

— Ela desencarnou?

— Sim, fique aqui que já volto.

— Pode deixar, Rodrigo, ficarei aqui. Helena sente um aperto no peito e tenta

disfarçar para que Daiane não perceba, mas ela pressente alguma coisa ruim.

— Mãe, você está bem?

— Estou, filha — responde Helena, colocando a mão direita sobre o peito.

— Mãe, você está pálida.

— Não é nada, filha. Só uma angústia muito forte no meu peito.

— Por favor, mamãe! Você está pressentindo alguma coisa ruim?

— Não, filha, é só um mal-estar.

— Vou chamar um enfermeiro — diz Daiane, assustada.

— Não precisa, já estou bem.

— Então vou pegar água para você.

— Faça isso, pegue água para mim.

Helena faz uma prece profunda pedindo aos bons espíritos que a auxiliem nesse momento. Felipe está ao seu lado e estende suas mãos para acalmar Helena.

Daiane volta com o copo com água.

— Toma, mamãe.

— Já estou melhor, filha! Obrigada.

Doutora Regina pede a Solange que leve Daiane e sua mãe até a sala de atendimento.

Solange chega à recepção e chama Daiane e Helena.

— Daiane, a doutora Regina pede para vocês irem até a sala dela.

— Aconteceu alguma coisa?

— Vamos, senhora, a doutora quer falar com vocês.

— Venha, mamãe. Você já está melhor?

— Sim, filha, vamos.

Apressadamente Daiane entra na sala de Regina.

— Sente-se, Daiane – convida Regina.

— Sente-se, Helena.

— Como ela está doutora?

— Daiane, eu quero que você seja forte. Sei que é um momento difícil para uma mãe que já perdeu um filho, mas infelizmente perdemos a Cléo.

Daiane desmaia.

— Solange corre e traz uma maca.

Helena, muito nervosa, mal consegue se equilibrar.

— Tenha calma, Helena, eu sei que é difícil, mas tenha calma, por favor.

— Mas doutora o que houve? Era uma simples febre!

— Não sabemos ainda. Ela convulsionou e entrou em óbito. Só a necropsia poderá nos dar o motivo.

— Meu Deus, minha filha não vai aguentar. Minha netinha, meu Deus!

— Sei o quanto é difícil para vocês, mas nada pude fazer.

— Compreendo, doutora. Carinhosamente Regina abraça Helena, enquanto os enfermeiros colocam Daiane na maca e a levam para a enfermaria.

— Minha filha vai ficar bem?

— Sim, pode ficar tranquila. Ela só desmaiou com a notícia. Vou aproveitar e aplicar um calmante e mantê-la dormindo um pouco.

— Faça isso, doutora, enquanto aviso a família.

— Você está bem?

— Sim, doutora, eu sou espírita. E nós, espíritas não acreditamos na morte. É uma pena que minha neta tenha partido tão jovem, mas os desígnios de Deus são só de Deus, e não podemos contestar.

— Bom que você pense assim.

— Obrigada, doutora.

Todos os familiares são avisados e correm para o hospital. Léo, ao receber a notícia de seus pais, fica desesperado. Logo sai para caminhar na praia sozinho, refletindo sobre o porquê de tudo isso ter acontecido em sua vida. Mas se mantém calmo, agora muito preocupado com Daiane.

O corpo de Cléo é cremado e as cinzas juntadas no mesmo pote de Pedro, atendendo a um pedido de Daiane.

Marcos aparece no enterro de Cléo e é bem recebido por todos. Após receber vários passes de Rodrigo e Daniel, ele desiste da obsessão de casar-se com Daiane e segue sua vida normalmente, terminando assim o processo obsessivo que durou alguns anos. Ele busca agora a amizade verdadeira e longe de interesses pessoais.



## Ondas da Vida

Após sete dias Daiane toma uma decisão. Sem comentar nada com os seus pais e ainda muito abatida com a perda dos filhos, ela segue para Santos para encontrar-se com Léo.

Ao procurá-lo é informada que ele está na praia, preparando seu barco para velejar. Uma lembrança gostosa invade seu peito, lembra-se do primeiro encontro com Léo.

Após caminhar por alguns minutos ela finalmente encontra Léo.

— Léo!

— Daiane que bom ver você aqui!

— Eu vim velejar com você.

— Meu amor, eu sempre sonhei com este dia. Venha entre no barco.

Em silêncio, Daiane senta-se na proa da embarcação e fica a olhar para o mar. Pequenas ondas batem no casco do barco criando uma cantiga saborosa para seus ouvidos. Léo desatraca o barco e veleja sem expressar nenhuma alegria,

ambos nem se olham, nesse momento. O mar está calmo como se esperasse pela quilha do barco a cortá-lo pelo meio, o sol baixo está no horizonte, criando uma imagem inesquecível para ambos.

Após alguns minutos dentro do mar, Léo deixa o comando fazendo que o barco fique à deriva, e aproxima-se de Daiane abraçando-a por trás. Percebe que as lágrimas descem dos olhos de sua amada. Com os polegares arrasta as lágrimas para a lateral do lindo rosto que se mostra à sua frente. Olha profundamente para sua amada e a beija.

Daiane responde aos desejos de seu amado, ficam abraçados por alguns minutos, e sem pronunciarem palavras, sentem os corações descompassados, um apertando o outro. O amor revive em seus corações. Apaixonadamente ambos esquecem as dores.

Em um gesto delicado e pausado, Daiane retira de sua bolsa, que está jogada ao lado, o pote que contém as cinzas das crianças. Sem palavras e com gestos como se combinados, ambos ficam com o pote nas mãos e se lembram das crianças. Uma pequena lágrima escorre pela linda face de Daiane. Léo, abraçando Daiane em silêncio, acompanha as mãos de sua amada.

Em sua mente Daiane canta uma linda canção, que está acostumada a ouvir na casa espírita e que muito a faz lembrar-se de seus filhos. Balbucia algumas palavras entre lágrimas de saudades e de paixão do reencontro de seu eterno amor.

Abraçados, ficam olhando o pôr do sol. Daiane, então retira a tampa do lindo pote e suavemente deixa fugir entre seus dedos as cinzas de Pedro e Cléo, que escorrem repousando suavemente sobre as ondas da vida. Léo acompanha tudo e também começa a chorar.

Daiane vira-se para trás, olha no fundo dos lindos olhos de seu amado e começa a cantar uma linda canção.

Nina acorda do sono da recuperação, e junto com Felipe, retoma suas tarefas na Colônia Amor & Caridade.

***Fim***